

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES
ASSOCIADAS DE ENSINO DE SÃO JOÃO DA
BOA VISTA – FAE**

**ANA CATARINA PREBILL AMADI
CASSIANA RITA LINDES**

**E FOI ISSO, COMPANHEIRO:
A Ditadura Militar em São João da Boa Vista**

**SÃO JOÃO DA BOA VISTA – SP
2007**

**ANA CATARINA PREBILL AMADI
CASSIANA RITA LINDES**

**E FOI ISSO, COMPANHEIRO:
A DITADURA MILITAR EM SÃO JOÃO DA BOA VISTA**

Relatório Técnico do Projeto Experimental, modalidade livro-reportagem, apresentado ao Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – Unifae, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação do professor Ms. Francisco de Assis Carvalho Arten.

**ANA CATARINA PREBILL AMADI
CASSIANA RITA LINDES**

**E FOI ISSO, COMPANHEIRO:
A DITADURA MILITAR EM SÃO JOÃO DA BOA VISTA**

Este Projeto Experimental, modalidade livro-reportagem, foi apresentado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – Unifae, e foi avaliado pela banca examinadora integrada pelos professores abaixo nomeados.

São João da Boa Vista (SP), _____ de _____ 2007

Maria do Socorro Furtado Veloso
Examinadora

Rosa Helena Carvalho Serrano
Examinadora

Francisco de Assis Carvalho Arten
Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus
À nossa família pelo apoio e amor de sempre
E aos nossos entrevistados pela compreensão

*“Queira
Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo, vai
Tente outra vez*

*Tente
E não diga que a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida
Tente outra vez”*

Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta

RESUMO

O livro-reportagem “E foi isso, companheiro. A Ditadura Militar em São João da Boa Vista” relata depoimentos e as lembranças das pessoas que presenciaram o período da ditadura militar na cidade. Pesquisas e revelações nos levaram à história de um sanjoanense que arriscou sua vida e a de sua família para salvar 40 presos políticos, entre eles Fernando Gabeira. É um livro que conta a versão dos militantes de esquerda. Um trabalho de garimpagem. Não opina, revela. Não pontifica, reporta. Para a realização deste trabalho entrevistamos políticos, pessoas envolvidas na ditadura militar, militantes do Partido Comunista e historiadores. Com esta pesquisa esperamos mostrar como foi o período da ditadura militar em São João da Boa Vista e como um sanjoanense salvou a vida de 40 presos políticos – revelação inédita na cidade. Como parte do trabalho, desenvolvemos pesquisas sobre o Golpe Militar de 1964 no país. Também achamos necessário recorrer a livros sobre política, democracia e história do Brasil. Através de fotos, ilustramos nossa reportagem com o objetivo de que as imagens possam e devam complementar o texto.

Palavras-chave: Ditadura Militar – São João da Boa Vista – Livro-reportagem

SUMÁRIO

RESUMO	5
1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 Por que livro-reportagem?.....	11
2.2 Fotojornalismo em livro-reportagem.....	13
2.3 Política.....	13
2.4 Estado de exceção.....	16
2.5 A Ditadura Militar no Brasil.....	17
3. DEFINIÇÃO DO OBJETO	20
3.1 A Revolução em São João da Boa Vista.....	20
3.2 Falsificação dos documentos.....	21
4. METODOLOGIA	23
4.1 Entrevistas.....	24
4.2 Organização de dados.....	25
5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	26
5.1 Linha Editorial.....	26
5.2 Projeto Gráfico.....	26
5.3 Fotografias.....	27
5.4 Público-Alvo.....	29
5.5 Custos da produção.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7. REFERÊNCIAS	31
8. CRONOGRAMA DO TRABALHO	35
APÊNDICE	39
ANEXOS	66

1. INTRODUÇÃO

O período em que os militares ocuparam o poder foi marcado por censura, repressão às pessoas e políticos que resistiam e faziam oposição e até torturas e assassinatos. Devido ao medo, militantes, políticos e participantes não revelaram com detalhes no decorrer dos anos o que aconteceu no período da Ditadura Militar, em São João da Boa Vista. O livro-reportagem “E foi isso, companheiro. A Ditadura Militar em São João da Boa Vista” teve como um dos objetivos resgatar este período, contado por quem viveu na época.

Outro objetivo do livro foi revelar um segredo desta época: a falsificação de 40 certidões de nascimento feitas no cartório de São João da Boa Vista para presos políticos da capital envolvidos no seqüestro do embaixador alemão, Ludwig Von Holleben. Entre eles, o jovem Fernando Gabeira.

Para registrar parte desta história foram feitas pesquisa de campo, entrevistas com militantes, políticos do Partido Comunista, pessoas que presenciaram o período e historiadores.

Também foram realizadas pesquisas em livros e sites na internet sobre o tema para entender a época e compreender melhor como foi o período.

Este relatório técnico inclui metodologia utilizada na produção da obra, forma de abordagem das fontes e dos personagens descritos no livro-reportagem e procedimentos de elaboração, produção e editoração de “E foi isso, companheiro. A Ditadura Militar em São João da Boa Vista”.

A estrutura do livro apresenta o período militar em São João da Boa Vista, narrando as histórias vividas e contadas por seus personagens. Experiências reais.

A primeira seção “A missão”, conta ao leitor que haverá uma missão aos comunistas de São João da Boa Vista. Uma missão que só será desvendada na última seção.

Enquanto isso, são apresentados os personagens que, no decorrer das seções, terão suas histórias reveladas. São eles: o farmacêutico José Lopes, o cartorário Délio Macedo, o político Miguel Jorge Nicolau e o fotógrafo Manoel Assumpção Ribeiro.

A vida do farmacêutico José Lopes é revelada nesta seção, mas em outros haverá mais informações sobre ele.

Outros nomes também são citados, pois tiveram expressiva participação neste período. São eles: o funcionário público Fausto Ratol, o farmacêutico José Trafani, o médico Durval Nicolau, o enfermeiro Oswaldo Maciel, entre outros.

Na seção também comenta-se sobre a farmácia Nossa Senhora Aparecida, local em que eram realizadas as reuniões dos comunistas e simpatizantes e como foi o período da ditadura militar no país.

Ainda falando sobre a missão, a sessão dois, O “partidão” narra como funcionava o Partido Comunista, o “partidão”. Seus objetivos e ideologia, os filiados e a ilegalidade.

Também conta quem é Nestor Guerra, o comunista que veio até São João da Boa Vista para ordenar a missão.

Na terceira seção, “Délío Macedo, o cartorário”, revela-se quem é Delio Macedo, a pessoa escolhida para ajudar os comunistas da cidade na missão. Fala sobre suas escolhas, seu caráter, seus pensamentos e seu modo de viver.

É feita uma análise do seu perfil para descobrir por que foi o escolhido pelo comunista.

Outro personagem é desvendado. Na seção quatro, “O líder dos trabalhadores”, fala-se de Miguel Jorge Nicolau, o líder dos trabalhistas na cidade que derrubou a oligarquia rural. São João da Boa Vista era liderada sempre por fazendeiros.

Aponta-se algumas obras deixadas pelo ex-prefeito Miguel Nicolau, a Escola de Comércio “Professor Hugo Sarmiento” – destinada aos jovens que trabalhavam o dia todo e não tinham onde estudar no período noturno, o mercado municipal e o terminal rodoviário e as perseguições contra ele, familiares e amigos, pelos militares.

Na penúltima seção “A ditadura em São João” narram-se os anos de chumbo não só em São João da Boa Vista, mas no país, desde o dia 31 de março de 1964 até a redemocratização para contextualizar o período e melhor entender o movimento.

Também fala-se sobre as torturas, perseguições e até assassinatos cometidos pelos militares.

É na sexta seção “Missão cumprida” que a missão é desvendada, assim como os envolvidos. São revelados passo a passo o desenvolvimento da missão. Outras revelações serão narradas.

O cartorário Délio Macedo não só salvou a vida de 40 presos políticos, falsificando certidões de nascimento, mas de outras pessoas, como a da Ministra da Casa Civil Dilma Roussef.

Os anos de chumbo terminam.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de coleta e análise de informações para produção deste Trabalho de Conclusão de Curso obedeceu aos critérios do jornalismo em sua estruturação, desde a produção das pautas, entrevistas, documentos que comprovam os fatos e cuidados éticos na transcrição de falas e citações bibliográficas.

Segundo Edvaldo Pereira Lima (1998, p.16), “para se fazer uma entrevista é necessário a recomposição dos fatos marcantes e o perfil dos envolvidos”. Desta maneira, acredita-se ter aproveitado todos os detalhes com cada um dos nossos personagens e revivido a história de cada um.

Para Kotscho (2000, p.32), “é fundamental transmitir não só as informações, mas as emoções. Estes sentimentos se alternam nos trabalhos, e não há como o repórter ficar insensível. Informação e emoção são duas ferramentas básicas do repórter”.

A modalidade escolhida para este Trabalho de Conclusão de Curso foi o livro-reportagem-história, já que se acredita que seu valor é essencial na sociedade moderna devido à sua função informativa.

O Livro-reportagem-história focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado por motivos os mais variados.(LIMA, 1995, p. 46).

Segundo Lima (1998, p.17) a imprensa regular deixa vazios encobertos, que podem ser e são desvendados pela reportagem na forma de livro. “Mais do que isso, o livro-reportagem contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade [...]”.

“O livro-reportagem nos permite avançar as fronteiras do Jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe”. (LIMA. 1998 p.7). E é nessa maneira sem

limites de escrever que se desenvolveu a criatividade e buscou-se ir além nas pesquisas e na profundidade das informações.

2.1 Por que livro-reportagem?

O livro-reportagem permite quebrar as barreiras da imprensa caracterizada nos últimos anos por um jornalismo superficial, pouco profundo. Isso prejudica a investigação.

Para atingir o objetivo de ampliar a leitura, o livro-reportagem utiliza todos os recursos operativos próprios da prática jornalística, levando-os ao ponto máximo de suas possibilidades.

Quando esses recursos são insuficientes, transcende os limites convencionais do jornalismo, indo beber noutras fontes o néctar indispensável para oferecer um serviço de alta qualidade. Por isso, o livro-reportagem apresenta características que, na essência, são iguais às que você está acostumado a encontrar em toda mensagem jornalística, mas, ao mesmo tempo, reveste-se de aspectos muito específicos. Esta especificidade concede-lhe um jeitão, um modo todo particular de fazer jornalismo.(LIMA, 1998, p. 17).

A modalidade permite uma viagem no tempo, sem ter que se prender apenas ao presente.

Para Lima (1998, p. 19-20), “é esse trabalho de paciência detetivesca, encontrando ligações entre as coisas, que permite constatar o quanto do passado persiste no presente”.

Aos poucos, percebe-se que a modalidade escolhida vem ganhando seu espaço na imprensa brasileira e destaque nas livrarias do país, oferecendo o *new journalism* que traz à luz dos holofotes o mesmo timbre de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente que outros meios de expressão da contracultura estavam incorporando. “As reportagens “têm calor, vida, rostos, nomes [...] Assim, os repórteres saem a campo para vivenciar, de peito aberto, a realidade de seus personagens”.(LIMA, 1998, p. 43).

Neste novo Jornalismo não há regras sacerdotais em nenhum caso[...] Se o jornalista quer mudar o ponto de vista da terceira pessoa para o ponto de vista da primeira pessoa na mesma cena, ou entrar e sair dos pontos de vista de diferentes personagens, ou até da voz onisciente do narrador para o fluxo de consciência de alguma outra pessoa – como ocorre n’O teste de ácido do refresco elétrico [reportagem escrita por Wolfe] -, ele simplesmente faz isso.(WOLFE, 2005, p. 57).

O livro-reportagem tem a pretensão, e quando bem feito consegue recompor fatos marcantes do passado de uma forma histórica e literária.

Lima (1998, p. 17) acredita que “o livro-reportagem contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade, na medida em que não fica, muitas vezes, limitado aos fatos isolados do cotidiano que geram as notícias dos outros veículos jornalísticos”.

A missão do Jornalismo, que é informar com profundidade, detectar conflitos e entender seu sentido, às vezes, escorre entre os dedos diante do *dead line*. O livro-reportagem consegue transpor este obstáculo se antecipando no tempo, ultrapassando a epiderme rasa dos fatos e penetrando no âmago das questões deste e de outros tempos.

Enquanto o Jornalismo comum e efêmero tem sua mensagem sendo pouco retida pelo leitor e caindo logo no esquecimento, “o livro-reportagem tenta combater esta tendência, procurando unir a permanência à profundidade”.(LIMA, 1998, p. 29).

Segundo o escritor e jornalista Fernando Morais em entrevista, para se escrever um livro é preciso ter bons personagens, escrever de forma sedutora e elegante, ter algum tipo de ineditismo e dedicar-se à pesquisa.

Se a pesquisa foi boa “você consegue não só contar o que um personagem disse, mas mostrar a atmosfera do lugar. Se conseguir juntar estes ingredientes todos, terá seguramente um best seller nas mãos”.(MORAIS, 2007).

1.2. Fotojornalismo em livro-reportagem

As imagens contidas no livro-reportagem “E foi isso, companheiro. A Ditadura Militar em São João da Boa Vista” são ilustrativas e têm como objetivo complementar o texto e mostrar aos leitores quem são os personagens.

Outro motivo, é acrescentar ainda mais realidade ao trabalho, através da prática do jornalismo, por meio da fotografia, o fotojornalismo.

Historicamente, os primeiros registros estão ligados a guerras: a herança cultural consagrava à fotografia a atenção artística, pois a guerra sempre foi um tema sedutor e atrativo.

As fotos podem exibir toda a sua capacidade de transmitir informações e dados. Acreditando nesta visão, foram utilizadas fotos comprovando que os personagens existiram.

Segundo Scalzo (2004, p. 69), antes de o leitor ler qualquer palavra, “é a fotografia que vai prendê-lo àquela página ou não”.

2.3 Política

O assunto abordado no livro-reportagem retrata alguns aspectos do período da ditadura militar em São João da Boa Vista decorrente da Revolução de 1964. A Revolução derrubou o governo João Goulart e a República Militar instalada suprimiu paulatinamente as liberdades democráticas e impôs um modelo econômico concentrador de rendas e aberto ao capital internacional. Durante 21 anos conseguiu modernizar a economia brasileira à custa do sacrifício dos setores populares e da ampliação da dependência em relação ao capital internacional. Portanto, acreditamos ser indispensável estudar as questões políticas e a democracia.

Diante do poder despótico, segundo Marilena Chauí (1999), gregos e romanos inventaram o poder político, porque separaram a autoridade pessoal privada do chefe de

família. Criaram a idéia e a prática da lei como expressão de uma vontade coletiva e pública definidora dos direitos e deveres para todos os cidadãos, impedindo que fosse confundida com a vontade pessoal de um governante.

Em outras palavras, retiraram dos indivíduos o direito de fazer justiça com as próprias mãos e de vingar por si mesmos uma ofensa ou um crime. O monopólio da força, da vingança e da violência passou para o estado, sob a lei e o direito.(CHAUI, 1999, p. 376).

Segundo Chauí (1999) as pessoas só podem opor-se aos fatos e lutar contra eles através da política, pois mesmo quando se faz uma guerra civil ou se realiza uma revolução, os motivos e objetivos são a política, isto é, mudanças na forma e no conteúdo do poder.

As utopias de emancipação do gênero humano “contra todas as modalidades de servidão, escravidão, autoritarismo, violência e injustiça concebem o término de poderes legítimos, mas não o término da própria política”.(CHAUI, 1999, p. 371).

A política é inventada de tal maneira que a cada solução encontrada um novo conflito ou uma nova luta podem surgir, exigindo novas soluções.

Para Chauí (1999, p. 376), ao invés de “reprimir os conflitos pelo uso da força e da violência das armas, a política aparece como trabalho legítimo dos conflitos”, de tal modo que o fracasso é a causa do uso da força e da violência.

A justiça política consiste em respeitar o modo pelo qual a comunidade definiu a participação do poder, caso que desencadeou a revolução militar no Brasil.

Segundo Chauí (1999, p. 405- 406):

As revoluções pretendem derrubar o poder existente no estado. Ela pode começar como luta social que desemboca na luta política contra o poder ou como luta política que desemboca na luta por uma outra sociedade[...] A revolução possui um significado político da mais alta importância, porque desvenda a estrutura e a organização da sociedade e do estado.

Para Chauí (1999, p. 384) Platão e Aristóteles determinam a presença ou ausência de lei, variação econômica e militar a causa da corrupção ou decadência dos regimes políticos.

Os regimes políticos se transformaram em decorrência de mudanças econômicas - aumento do número de ricos e diminuição do número de pobres, diminuição do número de ricos e aumento do número de pobres - e de resultados de guerras - conquistas de novos territórios e populações, submissão e vencedores que conquistam a Cidade.(CHAUÍ, 1999, p. 384).

Comunistas e pessoas que lutavam contra a ditadura eram perseguidos por militares porque lutavam por um Estado diferente adotando teorias marxistas. No livro “Convite à Filosofia” a autora utiliza palavras de Marx para explicar sua teoria da revolução. Ele considerava que a fase final do combate proletário seria a revolução em que esta, antes de chegar à sociedade comunista, teria que demolir o aparato estatal burguês.

Segundo a autora (1999, p. 421- 422):

A teoria marxista da revolução não se confunde, portanto, com as teorias utópicas e literárias, porque não se baseia na miséria, na infelicidade e na injustiça a que estão submetidos os trabalhadores, mas se fundamenta na análise científica da sociedade capitalista e nela encontra os modos pelos quais os trabalhadores realizam sua própria emancipação.

Muitos brasileiros lutaram pelo direito de decidir, nas urnas, o futuro do país no período militar. Poucos conceitos, na política, são tão polêmicos como a democracia. Na longa trajetória pela história da humanidade, a democracia já foi vista como um regime perverso, incitando a luta dos pobres contra os ricos, já foi utilizada para legitimar práticas autoritárias, já alimentou utopias e serviu como bandeira a revoluções.

Ainda hoje a idéia de democracia é acompanhada por uma série de adjetivos que tentam, de alguma forma, circunscrever um certo sentido, de maneira a evitar maus entendidos: direta, representativa, burguesa, participativa, substantiva, formal, republicana, constitucional, etc.

Para Edílson Cazeloto (2003, p. 09), “tende-se a considerar democráticas as práticas decisórias não centralizadas, que possibilitam a participação efetiva de um maior número de pessoas”.

[...] Essa participação efetiva necessita de alguns pressupostos, como a idéia de igualdade, de liberdade, de informação e de legalidade, assim como de mecanismos institucionais, tais como as separações dos poderes, alternância no mando e a regra da maioria.(CAZELOTO, 2003, p. 09).

2.4 Estado de exceção

O estado de exceção rompe as regras da política, tentando justificar uma interferência que, no mínimo, inibe as práticas descobertas. O golpe de 1964 pode ser classificado como um estado de exceção.

O modelo implantado derivou da hegemonia exercida sobre os setores dominantes pelos representantes do capital internacional. Assim, em poucos anos os governos militares impuseram um regime político baseado na centralização, fortalecimento do executivo, controle da estrutura partidária dos sindicatos e das entidades classistas, censuras aos meios de comunicação e repressão a quaisquer formas de expressão.

Em poucos anos, a federação brasileira foi transformada em mera ficção. A participação dos estados e dos municípios na receita tributária nacional caiu significativamente no período. Cerceando a autonomia financeira dos estados e municípios, o governo federal conseguia controlá-los politicamente.(COSTA e MELLO 1999, p. 356).

No livro “Estado de exceção” Agamben (2003, p. 48), utiliza as palavras de Schimdt para explicar que no estado de exceção “o estado” continua a existir enquanto o direito desaparece.

Embora, de um lado (no estado de sítio), o paradigma seja a extensão em âmbito civil dos poderes que são da esfera da autoridade militar, em tempo de guerra, e de outro, uma suspensão da Constituição (ou das normas constitucionais que protegem as liberdades individuais), os dois modelos acabam com o tempo, convergindo para um único fenômeno jurídico chamado estado de exceção.(AGAMBEN, 2003, p. 17).

A constituição de um país tem por objetivo assegurar a independência da pátria e manter a ordem e a tranquilidade em seu interior. Decretado o estado de sítio, o poder executivo passa a ter pleno poder, os poderes governamentais sofrem uma ampliação, podendo chegar até a promulgar decretos com força de lei.

Para Agamben (2003, p. 131), “o retorno do estado de exceção efetivo em que vivemos ao estado de direito não é possível, pois o que está em questão agora são os próprios conceitos de ‘estado’ e de ‘direito’”.

O estado de exceção é a resposta imediata do poder estatal a conflitos internos extremos. Ele “apresenta-se, nesta perspectiva, como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo”.(AGAMBEN, 2003. p. 13).

Decretado o estado de sítio o presidente é apresentado como “guardião da Constituição”, e tem por objetivo assegurar a independência da pátria e manter a ordem e a tranquilidade em seu interior. Segundo Agamben, o Estado de Exceção ou de Sítio é a violação da Constituição. Acreditando nisso ainda podemos observar esta situação nos dias atuais.

É na perspectiva dessa reivindicação dos poderes soberanos do presidente em uma situação de emergência que se deve considerar a decisão do presidente Bush de referir-se constantemente a si mesmo, após o 11 de setembro de 2001, como o *comannder in chief of the army*. Se, como vimos, tal título implica uma referência imediata ao Estado de Exceção, Bush está procurando produzir uma situação em que a emergência se torna regra e em que a própria distinção entre paz e guerra (entre guerra extrema e guerra civil mundial) se torna impossível.(AGAMBEN, 2003, p. 38).

2.5 A Ditadura Militar no Brasil

Faz-se necessária a contextualização histórica da ditadura militar no país. A Ditadura é o regime político autoritário em que os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário estão nas mãos de uma única pessoa, ou grupo de pessoas, que exerce o poder de maneira absoluta sobre o povo. Podem existir regimes ditatoriais de líder único (como os regimes provenientes do nazismo, do fascismo e do socialismo real) ou coletivos (como os vários regimes militares que ocorreram na América Latina durante o século XX).

Os motivos do golpe que resultou na ditadura em 1964 foram uma somatória de eventos que ocorreram a partir de diversas tentativas de golpes militares contra Juscelino

Kubitschek em 1955 e do vice-presidente João Goulart em 1961. Um dos motivos alegados foi evitar a ameaça “comunista” e defender a democracia e a liberdade.

Segundo COSTA e MELLO (1999) após a derrubada do governo João Goulart, a república militar instalada suprimiria paulatinamente as liberdades democráticas e imporiam um modelo econômico concentrador de rendas e aberto ao capital internacional. A república militar durante seus 21 anos de existência modernizaria a economia brasileira às custas do sacrifício dos setores populares e da ampliação da dependência em relação ao capital internacional.

Em poucos anos a federação brasileira foi transformada em mera ficção. A participação dos estados e dos municípios na receita tributária nacional caiu significativamente no período. Cerceando a autonomia financeira dos estados e municípios, o governo federal conseguia controlá-los politicamente. Além disso eliminaram-se as eleições diretas para presidente, nos estados extinguiu-se as eleições diretas para governador, passando os chefes estaduais do executivo a serem indicados pelo governador federal e referendados indiretamente pelas assembleias legislativas estaduais. Quanto aos municípios, mais de uma centena deles passaram a ser considerados de segurança nacional, tendo seus prefeitos nomeados ou pelo governo federal ou pelos governadores estaduais.(COSTA e MELLO, 1999, p. 356-357).

Tanto o modelo econômico quanto o político que caracterizaram a república militar sofreram oposição durante seus 21 anos de vigência. Contra a centralização do poder e a arbitrariedade do executivo articulava-se o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido legal de oposição. Na clandestinidade, e em aliança com o MDB, atuavam grupos políticos como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), a Ação Popular (AP) etc. Os políticos atuantes nestes grupos tinham que tomar muito cuidado. Os militares estavam à procura deles com a intenção de torturá-los e até matá-los.

Segundo Costa e Mello (1999, p. 359):

Em represália à censura, jornais deixavam espaços em branco ou publicavam versos e receitas culinárias, de modo a denunciar ao leitor a presença do veto arbitrário. Os artistas ligados ao teatro, cinema ou música procuravam meios de burlar os censores utilizando-se principalmente de metáforas. Ao arrocho salarial contrapunham-se às greves, substituídas nos anos de maior repressão pelas operações-tartaruga, ou seja, diminuição do ritmo de trabalho. Contra a deterioração da qualidade de vida surgiam movimentos reivindicatórios nos bairros, em sua maioria apoiados pela Igreja Católica. Entidades classistas, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o MDB e outros órgãos organizavam-se na luta pelos direitos humanos. Assim, de

uma maneira ou de outra, a oposição, mesmo nos anos mais repressivos, nunca foi completamente silenciada.

Para o jornalista e escritor Fernando Morais, os mais jovens têm uma imagem de que a ditadura militar foi uma coisa romântica, mas não teve nada de romântico.

Você via amigo seu morrendo e não podia denunciar, não podia publicar nos jornais. Todo jornal tinha um censor na redação, ou ele era indicado pela Polícia Federal ou pelo Exército. Alguns veículos, em determinado momento, eram castigados pela lei da censura, o governo obrigava a entregar os originais em Brasília para o censor. A pior coisa que pode existir é a censura.(MORAIS, 2007).

3. DEFINIÇÃO DO OBJETO

Para se aprender como foi a ditadura militar em São João da Boa Vista foram elaboradas entrevistas com pessoas que viveram na época e participaram de Movimentos no período.

Buscou-se histórias reais de militantes contra a ditadura e de políticos de situação, historiadores e cientistas sociais que vivenciaram esta história em São João da Boa Vista e no Brasil.

Ao se informar que vários documentos de presos políticos ligados à esquerda foram falsificados no cartório de São João da Boa Vista, viu-se deparar com um fato inédito e histórico da mais alta importância. A pesquisa jornalística passou a desvendar como estas falsificações ocorreram. Quem foram os responsáveis por elas? Quais os artifícios que usaram para despistar os militares e seus agentes policiais quando estiveram na cidade? A descoberta foi surpreendente.

Inicialmente, contou-se sobre a falsificação de quarenta certidões de nascimento, feitas no cartório de registros de São João, para presos políticos que precisavam trocar de identidade para fugir da barbárie dos militares. Depois narrou-se fatos desconhecidos contados por quem viveu na época da Ditadura Militar em São João da Boa Vista.

3.1 A Revolução em São João da Boa Vista

Em todo o país, pessoas foram presas a partir de 31 de março, acusadas de comunistas e de atentarem contra a ordem social. Não foi diferente em São João da Boa Vista. Muitos foram presos, afastados de suas famílias e trabalho.

No dia do golpe, integrantes da U.D.N. (União Democrática Nacional) da cidade saíram furiosamente contra os seus opositores que lideravam as lutas sindicais e trabalhistas e

prende sem autorização do Poder Judiciário, inocentes e políticos que defendiam as reformas de Goulart. O porão do Ginásio Estadual virou depósito para 53 homens e uma mulher, Erotides dos Santos, líder do Sindicato da Fiatec, uma indústria têxtil localizada na Vila Operária, próximo à estrada de ferro.

Durante o período da ditadura, após o golpe de 64, São João da Boa Vista sustentou a fama de cidade onde a infiltração comunista era intensa. Os militares acreditavam na presença de facções de grupos armados no município.(ARTEN, 2005, p. 4).

A Câmara Municipal de Vereadores liderada pela U.D.N. cassou os mandatos de cinco vereadores, todos apelidados de “petebocomunistas” em discursos..

Segundo Francisco Arten (2005, p. 4) “a situação era tão tensa que grandes empresas deixaram a cidade. Foi um único período da história do município em que houve um retrocesso no desenvolvimento, segundo o IBGE”. De acordo com o jornal CORREIO SANJOANENSE (2005, p. 4), foi evidente a participação de grupos de esquerda agindo em São João da Boa Vista. Para Arten (2005, p. 4) “a cidade era extremamente politizada e uma grande centro irradiador de idéias”.

Miguel Jorge Nicolau era o político de expressão nacional e se relacionava com os grandes nomes da política ligados à esquerda e contra os militares. Por outro lado, a UDN, conservadora, tinha nos fazendeiros sanjoanenses seus representantes.

3.2. Falsificação dos documentos

Segundo o comunista José Lopes Rezende, o cartório de registro civil de São João da Boa Vista falsificou quarentas certidões de nascimento com nomes de antigos moradores de antigas fazendas de São João, para presos políticos do Partido Comunista, que estavam no Departamento de Ordem Política Social (DOPS) em São Paulo, sob acusação de serem subversivos.

As 40 certidões falsas, conseguidas no cartório de São João da Boa Vista, a pedido de José Lopes Rezende e Manoel de Assumpção Ribeiro, foram encaminhadas ao Partido Comunista em São Paulo, na época na ilegalidade. O partido se encarregou de entregar os documentos para os presos políticos, que foram libertados em troca do embaixador [...], num episódio conhecido nacionalmente. Ao deixarem o DOPS, os comunistas mudaram de nome, de residência, cidade, passando, todos eles, a serem sanjoanenses.(ARTEN, 2005, p. 5).

Quando os falsos sanjoanenses foram libertos, o DOPS tentou de todas as maneiras prendê-los novamente. Agentes do departamento vieram até a cidade. Encontraram o registro em ordem no cartório e foram até as fazendas conferir quem eram.

Segundo Arten (2005, p. 5) “os agentes foram informados de que aquelas pessoas existiam de fato, mas que haviam mudado de lá havia muitos anos. Eles ficaram sem entender onde eles haviam sido enganados e desistiram das investigações”.

De acordo com José Lopes Rezende, como ele e Manoel Assumpção Ribeiro eram comerciantes, tinham um cadastro de fregueses de 20 anos. Sabiam quais haviam mudado das fazendas para São Paulo. Fizeram uma relação dos nomes e, com a ajuda do dono do cartório, Délio Macedo, emitiram as certidões para os presos políticos. Foram eles os responsáveis pela falsificação.

4. METODOLOGIA

As pesquisas para embasar este livro-reportagem começaram em dezembro de 2006, com a coleta de informações em livros, revistas, jornais, filmes e internet.

Após se ter a idéia sobre o que seria feito iniciou-se o trabalho com uma pesquisa exaustiva levantando dados, identificando personagens que dariam as informações necessárias sobre o Golpe Militar em 1964 e suas conseqüências, ou que teriam histórias de vida para nos relatar.

“A pesquisa tem que ser bem feita, exaustiva. Se a pesquisa foi boa você consegue não apenas contar o fato, mas a atmosfera do lugar. Escrever de forma sedutora e elegância também é importante. Se conseguir juntar estes ingredientes todos terá seguramente um *best seller* nas mãos”.(MORAIS, 2007). Desta maneira, o grupo foi a campo fazer entrevistas e conversar com alguns de nossos personagens, e em alguns casos conhecer suas famílias e o local onde moram.

Com o propósito de apresentar um trabalho que traga algo de valor à sociedade, mostrando parte de uma história que ainda não foi contada, buscou-se a realização da reportagem. “[...] É esse trabalho de paciência detetivesca encontrando ligações entre as coisas, que permite constatar o quanto do passado persiste no presente”.(LIMA, 1998 p.19 e 20).

A pesquisa para a estruturação do livro-reportagem foi feita em algumas etapas. A primeira parte contou com pesquisas na internet sobre o período da ditadura militar no Brasil, com visitas a sites de pesquisa e de enciclopédias relacionados ao tema. Buscou-se também através dos sites contados com alguns possíveis entrevistados.

Num segundo momento, recorreu-se a livros sobre política, democracia, história do Brasil e obras já publicadas sobre a ditadura militar no país e fora dele para entender e contextualizar a época. Ainda foram feitas leituras de outros títulos que incluíam pesquisas sobre sociologia e comunicação.

Pesquisou-se também metodologia científica, estruturação do livro-reportagem e foram feitas consultas a manuais de estilo dos jornais “*O Globo*”, “*O Estado de S. Paulo*” e “*Folha de São Paulo*”.

Na terceira etapa foram feitas pesquisas de campo, entrevistando políticos, pessoas que foram perseguidas e presas na ditadura, militantes do Partido Comunista e historiadores.

As autoras estiveram presentes também no 51º Congresso de Municípios Paulistas na cidade de Campos do Jordão. Nessa viagem, se teve a oportunidade de aprofundar no tema através de entrevistas com o escritor e jornalista Fernando Morais e Juca Kfourri, e, através deles, conhecer um pouco mais do que foi viver na época da ditadura, sobretudo, como foi trabalhar na imprensa sob censura.

Com a satisfação pelo resultado obtido, tem-se consciência de que ainda há muito a ser descoberto e pesquisado, pois, se tratando de um tema como a ditadura, que repreendeu tantas idéias e talentos, ainda há muita informação guardada por pessoas que vivenciaram esta parte da história brasileira.

4.1 Entrevistas

As entrevistas foram feitas no estilo conceitual. “O entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e de espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece, a fonte a ser entrevistada detém”.(MEDINA, 2000, p. 16).

Lidando com personagens reais, cujas histórias são contadas no livro, também foi feito “o perfil humanizado”. “Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, história de vida”.(MEDINA, 2000, p. 18).

4.2 Organização de dados

A organização foi feita através da transcrição das entrevistas gravadas e arquivo das entrevistas feitas por e-mail e contatos via web site. Também foram feitas leituras e fichamentos bibliográficos de livros sobre o tema ou relacionados indiretamente à Ditadura e ao Golpe Militar de 1964 e jornais da época e da atualidade que abordaram o assunto.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

5.1 Linha editorial

Após troca de idéias realizada pelas integrantes da equipe, foram definidos título e subtítulo do livro: “E foi isso, companheiro. A Ditadura Militar em São João da Boa Vista”. Remete ao livro *O que é isso, companheiro?*, do escritor, jornalista e atual deputado Fernando Gabeira que fala sobre o seqüestro do embaixador americano em que teve participação. Assim como em seu livro, foi relatado o período da ditadura militar, visto pela ótica dos que sofreram a repressão militar.

O livro-reportagem conta como Fernando Gabeira e outros 39 presos políticos foram salvos ao serem presos pelos militares: por um sanjoanense que com muita coragem deu-lhe um documento falso. O subtítulo faz referência a outro assunto que será abordado no livro: a ditadura em São João da Boa Vista.

Com um estilo literário pretende-se atingir diversas classes sociais como público-alvo. Ainda na linguagem, optou-se nas seções pelas características do *new journalism*: a construção cena a cena; a reprodução do diálogo das personagens; inserção de diálogos com travessões; o registro de gestos, cotidianos, hábitos, modos, estilo de decoração, roupas, comportamento e outros detalhes simbólicos, para reforçar a aparência da realidade.

As seções foram organizadas de modo a tornar as informações compreensíveis aos leitores.

5.2 Projeto Gráfico

Formato: A5 (14,8 x 21 cm)

Papel de capa: Percalux

Papel das páginas internas: sulfite 75 gr

Fonte do título da capa: Eraser Dust

Fonte do subtítulo da capa: Eraser Dust

Fonte do texto da contracapa: Eraser Dust

Fonte do texto interno: Garamond

Fonte dos títulos dos capítulos: Eraser Dust

Fonte das legendas: Garamond Light Condensed

Fonte do prefácio: Garamond

Softwares utilizados para diagramação: Corel Draw X3, Photoshop CS2 e Word 2007

Número de capítulos: seis

Número de páginas internas: 88

Gráfica utilizada para impressão: Copiativa

5.3 Fotografias

As fotografias contidas no livro pertencem as seguintes pessoas:

Capa: foto produzida por Thiago de Oliveira Spada

Página 2: Fotos 1 e 2: cedidas pelo Museu Municipal de São João da Boa Vista

Foto 3: produzida por Manoel Assumpção Ribeiro e cedida por sua família

Foto 4: Cedida por José Carlos Trafani

Página 3: Foto 1: Cedida por Marta Almeida Oliveira

Foto 2: Arquivo pessoal de Jasson de Oliveira Andrade

Foto 3: Produzida por Cassiana Lindes.

Foto 4: Cedida por José Carlos Trafani

Página 13: Cedida por José Carlos Trafani

Página 25: Cedida por José Carlos Trafani

Página 31: Cedida por Maria Célia Macedo

Página 37: Cedida por José Carlos Trafani

Página 53: Cedida pelo Dr. Rodrigo Falconi

Pág 71: Cedida por Maria Célia Macedo

Página 85: Retirado do site www.rafaelguerra.com.br

Página 86: Foto 1: Cedida por José Carlos Trafani

Foto 2: Cedida pelo Museu Municipal de São João da Boa Vista

Foto 3: Cedida por José Carlos Trafani

Foto 4: Retirado do site do Partido Comunista do Brasil

Página 87: Foto 1: Retirada do site www.vejaonline.abril.com.br

Foto 2: Produzida por Ana Catarina Prebill

Foto 3: Cedida por Maria Célia Macedo

Foto 4: Produzida por Cassiana Lindes

5.4 Público-alvo

O público-alvo do livro-reportagem são todos os que se interessam em saber como foi o período militar em São João da Boa Vista.

A obra também serve de base para pesquisas escolares e universitárias, professores, historiadores e interessados pelo assunto.

5.5 Custos de produção

Fitas K7: R\$ 20

Fotocópias: R\$ 158

Impressão de quatro exemplares do livro: R\$ 86

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais de um ano foi dedicado à elaboração e estruturação deste livro-reportagem. Não será fácil esquecer cada passo dado em busca de sua realização.

Algumas pesquisas e entrevistas não davam em nada, mas sempre colocavam as autoras no caminho certo. A busca incessante por personagens que não podiam nos atender, mas que não prejudicaram a história. A procura pelo escritor, jornalista e atualmente deputado Fernando Gabeira foi intensa. Foi tentado contato inúmeras vezes com sua assessora de imprensa, que barrou todas as vezes alegando ser impossível entrevistá-lo. Também houve contato com pessoas que poderiam encontrá-lo, mas que, infelizmente, não conseguiram.

Assim como Fernando Gabeira, não foi possível entrevistar a Ministra da Casa Civil, Dilma Roussef.

O tema Ditadura Militar em São João da Boa Vista fez parte da vida das autoras neste último ano. Ver a realidade do que aconteceu no período, compartilhar momentos de medo e terror fizeram crescer o conhecimento das autoras como seres humanos e, principalmente, amadurecer profissionalmente, agradecendo cada vez mais pelo mundo em que se vive, atualmente.

Ouvir os entrevistados contando suas histórias doloridas, com os olhos repletos de lágrimas, não foi nada fácil, mas a certeza de um registro histórico para a sociedade fez ultrapassar as barreiras.

Felizmente, foi possível colocar em prática toda teoria aprendida em quatro anos na faculdade, dedicando a estudar e aprender a arte de fazer jornalismo. Jornalismo sério e correto.

Acredita-se que o objetivo foi alcançado e foi possível mostrar como foram os anos de chumbo em São João da Boa Vista e como um sanjoanense ajudou 40 presos políticos a escaparem das perseguições na ditadura militar.

Como futuras jornalistas, a inquietação diante das novas informações serão eternas e a busca por algo a mais estará sempre presente.

7. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. Editora Boitempo Editorial, 2003.

ARTEN, F. Comunista confirma que cartório de São João esquentou documentos. **CORREIO SANJOANENSE**, São João da Boa Vista: 09 jul. 2005, Caderno C, p. 5.

_____. Ministra usou título falso do cartório de São João. **CORREIO SANJOANENSE**, São João da Boa Vista: 02 jul. 2005, Caderno 1, p. 4.

CAZELOTO, E. **A idéia de democracia nas políticas de disseminação da internet: uma análise do “Livro verde da sociedade da informação no Brasil”**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

COSTA, L. C. A. e MELLO, L. I. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

CULTURAL, Abril. **Nosso Século: Memória fotográfica do Brasil no século XX**. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

GABEIRA, F. **O que é isso, companheiro?**. Depoimento. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1975.

HARDT, M. e NEGRI, A. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

JARDIM, C. **A Torre**, 2002. 119 p. Livro-reportagem (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino, São João da Boa Vista, 2002.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

LOPES, J. R. Aconteceu Aqui. **O Município**, São João da Boa Vista: 10 março. 2007, Segundo Caderno 1, p. 4.

MEDINA, C.A. **ENTREVISTA O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MORAIS, F. **Olga**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1996.

MIRANDA, C, Três tiros no Papa. **Super Interessante**, São Paulo, p. 94-99, abril 2007.

O Golpe, 40 anos depois. **Revista Veja**. São Paulo, p. 102-110, 31 março 2004.

PALHARES, C. R. S. De popular a antipopular. **Gazeta de São João**. São João da Boa Vista: 31 março. 2007, p. 5.

PASCHOAL, A. D. **São João de minha infância**. São Paulo: Editora Papyrus, 2001.

Revolução no Brasil. **Aventuras na História**. São Paulo, p. 24-31, julho 2007.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SZKLARZ, E. A luta do Século. **Super Interessante**. São Paulo, p. 33-34, abril 2007.

KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. São Paulo: São Paulo: Editora Ática, 1995.

WOLFE, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Sites consultados:

CRISE REPUBLICANA. Disponível em: www.midiaimprensa.ufrj.br. Acesso em: 15 abril 2007.

CASTELO BRANCO. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 18 abril 2007.

DESPOTISMO. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 03 abril 2007.

DITADURA. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 01 abril 2007.

DITADURAS DO BRASIL. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 01 abril 2007.

ESTADO DE SÍTIO. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 11 abril 2007.

FERNANDO GABEIRA. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 10 abril 2007.

GOLPE DE ESTADO. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 01 abril 2007.

GOLPE MILITAR. Disponível em: www.historianet.com.br. Acesso em: 02 abril 2007.

LISTA DE VÍTIMAS DURANTE A DITADURA MILITAR. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 04 abril 2007.

MOTIVOS DA DITADURA DE 1964. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 01 abril 2007.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. Disponível em: www.pt.wikipedia.org. Acesso em: 20 abril 2007.

O GOLPE DE 1964. Disponível em: www.oab.org.br. Acesso em: 02 abril 2007.

O SEQÜESTRO DO EMBAIXADOR ALEMÃO. Disponível em: <http://www.ternuma.com.br>. Acesso em: 30 abril 2007.

POLÍTICA MUNDIAL E EXCEÇÃO. Disponível em: www.kplus.cosmo.com.br. Acesso em: 21 abril 2007.

Entrevistas:

ANDRADE, J.O. Ditadura Militar em São João da Boa Vista: depoimento [mai. 2007]. Entrevistadora: A.C.P. Amadi. Por e-mail, 2007.

JÚNIOR, D.M. Délio Macedo: depoimento [mai. 2007]. Entrevistadora: A.C.P. Amadi. Águas da Prata-SP, 2007.

KFOURI, J.C.A. Ditadura Militar: depoimento [abr. 2007]. Entrevistadora: C.R. Lindes. Campos do Jordão: 51º Congresso de Municípios Paulistas-SP, 2007.

LOPES, J.R. Falsificação dos documentos: depoimento [mar. 2007]. Entrevistadora: C.R. Lindes. São João da Boa Vista-SP, 2007.

MACEDO, M.C. Délio Macedo: depoimento [mai. 2007]. Entrevistadora: C.R. Lindes. São João da Boa Vista-SP, 2007.

MACIEL, O. Ditadura Militar em São João da Boa Vista: depoimento [mai. 2007]. Entrevistadora: C.R. Lindes. São João da Boa Vista-SP, 2007.

MORAIS, F. Ditadura Militar: depoimento [abr. 2007]. Entrevistadora: A.C.P. Amadi. Campos do Jordão: 51º Congresso de Municípios Paulistas-SP, 2007.

NICOLAU, N.M. Miguel Nicolau e Ditadura Militar em São João da Boa Vista: depoimento [mai. 2007]. Entrevistadoras: C.R. Lindes e A.C.P. Amadi. São João da Boa Vista: Prefeitura Municipal-SP, 2007.

RATOL, F. Ditadura Militar em São João da Boa Vista: depoimento [abr. 2007]. Entrevistadora: C.R. Lindes. Espírito Santo do Pinhal-SP, 2007.

SERRANO, R.H.C. Ditadura Militar: depoimento [mar. 2007]. Entrevistadoras: C.R. Lindes e A.C.P. Amadi. São João da Boa Vista: Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - Unifae-SP, 2007.

VUOLLO, V.S. Ditadura Militar: depoimento [abr. 2007]. Entrevistadora: C.R. Lindes. Por e-mail, 2007.

8. CRONOGRAMA DE TRABALHO

Neste cronograma apresenta-se o que foi feito desde o ano de 2006, quando se optou por este projeto experimental. Além dessas atividades, ainda inclui leitura de toda a bibliografia descrita em “Referências”.

Dezembro/2006

Escolha do tema

Definição dos objetos

Escolha do livro-reportagem

Pré-agendamento das pesquisas

Desenvolvimento

Leitura do livro “O que é isso, companheiro?”

Leitura do livro “O que é livro-reportagem?”

Janeiro/2007

Reconhecimento do tema

Pré-agendamento das entrevistas

Leitura do livro “A prática da reportagem”

Leitura do livro “Convite à Filosofia”

Fevereiro/2007

Pesquisa em jornais da cidade

Leitura do livro “Estado de Exceção”

Leitura do livro “História do Brasil”

Março/2007

Estruturação do livro (capítulos, personagens, tipos de entrevistas)

Entrevista com José Lopes

Entrevista com Rosa Helena Carvalho Serrano

Leitura de revistas sobre o tema

Leitura do livro “Nosso Século: Memória fotográfica do Brasil no século XX”

Análise de relatórios técnicos

Abril/2007

Pesquisa sobre a Ditadura Militar no Brasil, pela internet

Pesquisas em revistas sobre a Ditadura Militar

Leitura do livro “São João de minha infância”

Leitura do livro “Multidão: Guerra e democracia na era do Império”

Entrevista com Valter Vuollo por e-mail

Entrevista com Fausto Ratol

51º Congresso de Municípios Paulistas em Campos do Jordão

Em Campos do Jordão

26/07

Entrevista com o jornalista Juca Kfourri

27/07

Entrevista com o jornalista e escritor Fernando Morais

Maio/2007

Análise do material recolhido

Leitura do livro “A Torre”

Leitura do trabalho “A idéia de democracia nas políticas de disseminação da internet”

Entrevista com Délio Macedo Júnior

Entrevista com Nelson Mansini Nicolau

Entrevista com Oswaldo Maciel

Entrevista com Jasson de Oliveira

Entrevista com Maria Célia Macedo

Junho/2007

Elaboração dos capítulos 1, 2 e 3 do livro-reportagem

Julho/2007

Elaboração dos capítulos 4 e 5 do livro-reportagem

Agosto/2007

Elaboração dos capítulos 6 do livro-reportagem

Conclusão do relatório técnico

Setembro/2007

Revisão do trabalho

Edição e diagramação do livro-reportagem

Edição das fotografias

Elaboração da apresentação para a banca examinadora

Outubro/2007

Depósito do TCC

Avaliação da banca examinadora

APÊNDICE

A. Entrevistas decupadas

Nome completo: José Rezende Lopes

Apelido: Zé Lopes

Ocupação: advogado aposentado

Data: 23/03/2007

1) Família, infância e adolescência?

R: Me chamo José Rezende Lopes, nasci em 26 de junho de 1926 na Rua Racticlif, 97 no Pratinha, em São João da Boa Vista. Saí de casa aos 19 anos para me casar. Casei cedo. Em 1968, tinha diploma do grupo escolar Joaquim José e fui trabalhar na farmácia Peixotinho, na Rua Saldanha Marinho. Arranjei um emprego maravilhoso, na oficina mecânica dos Backstron, cheguei em casa alegre e falei pra minha mãe:

- Mãe, olha o diploma da escola. Amanhã vou começar a trabalhar na oficina do Senhor Backstron. Minha mãe falou assim:

- Nada disso, eu com quatorze filhos, lavar roupa com óleo, graxa, gordura! Não tenho tempo, não. Você vai lá na farmácia Peixotinho e pede pra trabalhar lá, lavar vidro, varrer, espanar, porque emprego de mecânico você não vai não.

Eu fui no Backstron e falei que não ia trabalhar lá porque minha mãe não tinha como lavar a roupa que iria sujar aqui de óleo e graxa e eu vou trabalhar numa farmácia. Trabalhei no Peixotinho dos 10 anos de idade até os 19 anos. Do Peixotinho, eu fui estudar, fiz o curso de Farmácia em São Paulo, na Rua Paula Souza, não tinha USP ainda, era em frente ao Mercado.

2) O senhor morou em São Paulo para estudar?

R: Tinha que morar. Arranjei uma pensão na Rua do Carmo, da Dona Joana, fui morar lá e trabalhar na farmácia do Hospital das Clínicas, na sessão industrial. Um amigo meu me arranhou essa colocação. Eram quatro horas por dia. Depois tive minha farmácia. O Alfredinho em São João da Boa Vista quis vender a Farmácia Nossa Senhora Aparecida e o Zé Trafani foi atrás de mim. Eu trabalhei com ele no Peixotinho. Ele trabalhou 22 anos lá, e eu trabalhei só nove.

- Zé Lopes, vamos comprar a Farmácia do Alfredinho?

Eu vim né, estava casado há uns três meses. E eu:

- Zezé, vamos voltar pra São João.

A Zezé era daqui né. Vamos voltar pra São João, que nós vamos tocar uma farmácia lá. Vamos comprar a farmácia do Alfredinho, eu e o Zé Trafani. O Zé Trafani, um cara muito popular e eu também. Quando me casei, na véspera do dia de São João, em 1949, eu fiz 150 convites de casamento e recebi 191 presentes. Eu era um cara popular, muito conhecido, cheio de amigos. Fomos felizes nesta farmácia. Eu já estava na política quando saí de São João, já era integralista, partido do Plínio Salgado, um homem inteligente. Dirigia o partido em toda região de São Paulo. Eu aprendi a amar o Brasil na linha do Partido Integralista, mas o partido, em 1950, 1951 não fazia nada. E os comunistas! Prestes tinha feito um manifesto e o Diários Associados, jornal do Assis Chateaubriand tinha publicado. Eu achei interessante o manifesto do Luis Carlos Prestes e pensei:

- Esse homem está com a razão. Vamos sair com essa luta aqui da reforma agrária, “O petróleo é nosso”, melhorar o povo que esta muito doente, o Brasil é um hospital muito grande e vamos tocar, vamos embora.

Aí eu saí do Partido Integralista e fui para o Partido Comunista. Em São João, o Assumpção trabalhava na Mogiana há mais de 30 anos e foi mandado embora. A Mogiana não pagou nada. Aí o Assumpção resolveu fazer uma briga em torno de montar um sindicato.

3) Quem era Manoel Assumpção Ribeiro?

R: Assumpção era um homem de muito valor porque ele se declarava comunista, não tinha medo não. Naquele tempo, em 1950, o partido estava na ilegalidade, tinha muita gente do partido que estava preso, na cadeia, em São Paulo, no Dops.

4) Mas antes do golpe já tinham pessoas presas?

R: Já. O Partido Comunista vinha sendo perseguido desde 1938. Getúlio fez o Estado Novo e já encheu as cadeias de comunistas: Prestes, Eduardo Torres, entre outros. Grandes generais foram para a cadeia. Eram os tenentes, que naquela época, em 1938, quiseram derrubar a ditadura de Getúlio. O Getúlio deu a volta por cima e trancafiou eles. Plínio Salgado foi deportado pra Portugal, mataram um bocado de integralistas do Rio de Janeiro, de projeção, de fama. A polícia do Getúlio era comandada por Felinto Müller, um militar muito violento, que matou muitos comunistas. Já a história do petróleo foi a seguinte: o americano queria vir aqui e ficar com o nosso petróleo. Decidimos trazer um conferencista aqui para saber o que é o petróleo. E aí, trouxemos o general Stilaquileal, um general maravilhoso, nacionalista e patriota. Também trouxemos o Godim da Fonseca, jornalista de Ribeirão Preto, um homem brilhante. Ele escrevia para a Folha da Manhã na coluna Recado Carioca. Dizia que o petróleo era soberania, que se entregássemos o petróleo iríamos perder o Brasil. Então fechamos o tempo dizendo que o petróleo era nosso. Trazíamos conferencistas bons. E a UDN, do outro lado, pegou para entregar o petróleo. Eles trouxeram o general Juarez Tava que fez uma conferência no Theatro Municipal. Ele costumava dar murros na mesa enquanto falava, era mania dele. Eu me sentei na primeira fileira. Teve uma hora em que o Oliveira Neto estava na mesa, o pessoal da UDN e o padre Davi, que o general disse que se não entregássemos o petróleo aos americanos eles tomariam isso daqui no porrete. Levantei a mão e falei:

- Eu vou pedir licença, vou me retirar da conferência do senhor porque sou soldado raso, e o senhor é um general e tá falando isso, e eu não tenho mais nada pra ouvir. Até logo!

E saí do Teatro. Outro dia, o Oliveira Neto me chamou e falou:

- Ô rapaz, o general chamou a nossa atenção. Falou que não era pra deixar os comunistas em nenhum momento aparecer na conferência dele e você arrebitou com a conferência do homem.

- Não, eu não arrebitou. Ele é intendista e eu sou nacionalista. Eu sou pelo Brasil e ele é pelos EUA. A diferença é grande aí, né.

E trabalhei na farmácia e dirigia o movimento. Estava registrado no PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, que o Getúlio fundou em 1938. Ele fundou o PTB, fundou a UDN e fundou o Partido Social Democrático. O Brasil tinha três partidos e os comunistas, em 1922.

5) Os partidos eram fundados somente por Getúlio Vargas?

R: Todos pelo Getúlio, mas, só que ele, político muito inteligente, manobrista, deu ao Eduardo Gomes a UDN – União Democrática Nacional, deu o PTB pro João Goulart e deu o PSD pro Cristiano Machado. Então, tinha o partido dos trabalhadores, o partido dos ricos e um partido pra classe rural. E o partido comunista veio desde 1922, no tempo da famosa Semana da Arte, com as artistas Pagú, Tarsila do Amaral, etc. O Partido tava em todas, ajudando a liderar o movimento, regimentar o Brasil em sindicatos, organizações de peso.

6) Quem foi o fundador do Partido Comunista?

R: Austrágido Pereira junto com o pessoal da Semana da Arte: Santos Dummont, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade. O Partido foi progredindo e se tornou nacional, mas, esteve na legalidade só seis meses. Ele sempre foi fora da legalidade, sempre na ilegalidade e a polícia em cima, cadeia e prisão. De vez em quando a polícia do governo, o DOPS, pegava a gente. São Paulo tinha uma polícia muito organizada pra prender nós, e muitas vezes, prendia. Caía o partido todo nas mãos do DOPS. Era aquela luta política.

7) Em São João havia muitos comunistas?

R: Comunistas até que eram poucos, mas como o Partido Comunista liderava o movimento do PTB ele se tornava um partido grande. O PTB fazia só o que o Partido Comunista liberava. Ele não tinha quase ação. Os políticos da UDN, dos maçons, se preocupavam somente com os interesses deles e os problemas deles. Nós queríamos o interesse da cidade e do Brasil. Então, elegemos o Miguel Nicolau como deputado e a UDN cassou. Na segunda eleição, tornamos a elegê-lo e a UDN tornou a cassar. Era um brigueiro medonho. Eles tinham ao lado da UDN um tal de Herbert Levi, homem rico, banqueiro, que gastava um dinheirão na política. Em São João, ele tinha um prestígio muito grande com a UDN. Nós tínhamos a Ivete Vargas, uma mulher muito progressista e evoluída. Ela costumava pegar votos em São João. Nós mediamos força com a UDN no voto da Ivete pra deputada e eles, o Levi pra deputado. A Ivete sempre tinha 2.900 e o Herbert tinha 3 mil. Era uma disputada lado a lado. Na cidade nós fizemos o que nossa força deu e, em 1957, nós tomamos a Prefeitura dos fazendeiros (Henrique Cabral, Zé Ruy, Otávio Bastos). Aí o Miguel veio a ser candidato. Seu irmão também. A eleição era igual como era há alguns anos atrás, no papel. Nesse vai e vem, elegemos o Zé Trafani pra vice-prefeito e o Durval Nicolau, com seis votos de diferença. O Miguel ganhou a eleição em 1957 da UDN e o doutor Anor Aguiar era o vice dele, também com seis votos de diferença. Miguel ficou dois anos na Prefeitura, depois ele saiu para ser candidato a deputado e o Anor ficou na Prefeitura. Miguel ganhou a eleição e foi ser deputado do PTB. Mas o Levi conseguiu três assinaturas de três cidadãos de São João pra cassar o Miguel, que para ele era comunista. Dois boiadeiros e um funcionário da Prefeitura chamado Joviano Barbosa foram os cidadãos. Joviano não era político, mas a Prefeitura tava na mão da UDN, e a UDN o obrigou a assinar. Eu fui lá pedir pra ele:

- Joviano, você não é político, você é funcionário. Amanhã nós ganhamos a Prefeitura e de raiva mandamos você embora. Você não pode fazer isso.

E saí da Prefeitura. Eu e o Antenor de Barros. Na mesma hora entrou dois elementos da UDN e disse que viram o Zé Lopes e o Antenor falando com ele, e ameaçaram o funcionário. Joviano foi na Casa Cristal, na Rua Saldanha Marinho, comprou uma latinha de formicida, voltou pra Prefeitura, entrou no banheiro, preparou um copo e se matou. O Jarbas e o Argel Fontão ficaram com a assinatura e o Miguel foi cassado. O Anor terminou seu mandato em 1961, e aí o Zé Ruy e o Octávio Bastos tomaram a Prefeitura. São João nesta época ficava dividida. São João era um acirramento de luta medonho na hora da candidatura de vereador. Tinha 150 candidatos a vereador para 10 vagas. Nós tínhamos sete partidos em São João. Um punhado de partidos. A UDN tinha três ou quatro, nós também tínhamos três ou quatro. O Assumpção era um homem declaradamente comunista, mas era ilegal o partido. A Rússia tinha ganho em 1945 a 2ª guerra Mundial e existia muita propaganda do comunismo, do socialismo. Aquela pressão tremenda, de que comunista não tinha Deus, comunismo toma criança, comunista não tem pátria, não tem família. E eu servia dia e noite à igreja. O Padre Davi mandou na política em São João 39 anos. Monsenhor Davi, ficava na sacristia da igreja com duas mulheres, Dona Ziza e Dona Dulce, duas irmãs solteironas, irmãs do Doutor Teófilo Ribeiro de Andrade (que foi deputado federal e gerente da Caixa Econômica Estadual). Teófilo foi um cara importante na política de São João, o pai dele também foi importante, mas as irmãs dele não tinham o que fazer. Não tinha criança pra olhar e ficavam o dia todo na sacristia estudando o que iam fazer contra os comunistas. Pra eles, qualquer coisa, nos éramos todos comunistas. Quando veio a revolução de 64 eles saíram com um mosquetão, uma carabina especial do exército que veio de Pirassununga. 74 carabinas foram distribuídas aqui pros fazendeiros para matarem nós. Depois a gente ficou sabendo.

8) Quanto tempo durou esta perseguição?

R: Dia 31 de março de 1964, dia 01 de abril de 1964, dia 02, 03 e lá pelo dia 04 de abril. Já tinha mais de 50 presos na cadeia, no porão do antigo ginásio que ficava onde hoje é a rodoviária urbana.

9) E antes de 1964, o senhor já tinha sido vereador?

R: Já.

10) E como o senhor entrou para vereador?

R: Eu fui candidato a vereador porque eu era um cara muito popular, muito conhecido e pedia o voto com humildade.

11) Quando o senhor se candidatou?

R: Em 1957, de 1952 a 1957.

12) E foi a primeira vez?

R: Com humildade as pessoas atendiam os meus pedidos. Eu tinha já serviço prestado pra coletividade e não tive problemas não.

13) O senhor era um dos únicos vereadores comunistas?

R: Não, tinha eu, tinha o Gervasio Joaquim dos Santos, que foi expedicionário brasileiro na 2ª guerra na Itália. Moço brilhante. Tinha o Wilson Gomes, que era jornalista, tinha o João Nasser, sobrinho do Miguel Nicolau, tinha o Manoel Assumpção Ribeiro, que foi eleito a vereador em 1949. O meu tio, Joaquim Rezende e o Doutor Durval Nicolau negociaram com o juiz de direito dentro do Hotel Central, pra não diplomar o Assumpção, porque ele como comunista, subia nos palanques, deitava, rolava e falava as verdades pra valer. Não tinha contemplação de vou fazer devagar. Era ferro e fogo. E o Assumpção não foi diplomado. Puseram outro vereador no lugar dele. Então a política tinha em São João um poderio muito grande da igreja, dos militares e da justiça. Aí ficava ameaçando os outros vereadores do PTB, porque a política é o seguinte: se o povo te der a carta pra você, você briga por ela. Eu fui cassado duas vezes, no decoro parlamentar. Eu não falei que a nossa Câmara era um curral, que nem o Carlos Lacerda falava que Brasília era tudo um curral. Minhas palavras eram medidas, eram palavras de equilíbrio, eu era muito enérgico, muito briguento, e sempre saia fofocando pra sair coisas pra cidade. São João precisava de um lago, um lago pra daí cinqüenta anos ter água e não ter problemas. Então, eu mandei um topógrafo levantar na fazenda dos coronéis Procópio do Amaral, a Fazenda Paraíso um lago que pegava aquela baixada do Jaguarí que vai pra Andradas. Alí tem um lugar que o rio passa em duas vertentes que são nove metros. Fecha ali, forma aquela lago que vai quase chegar na divisa com Andradas. É uma beleza, mas não põe a ponte da Fazenda Paraíso dentro da água. A água ia passar um metro em baixo da ponte, porque eu pedi pro topógrafo não fazer um lago que cobrisse a ponte de entrada da fazenda. Ele fez estudo, medição e levei pra Câmara. O Rangel Adib era um vereador da UDN, mas moço inteligente. Ele assinou em primeiro lugar e disse para ele entrar com a idéia de fazer esse reservatório. Eu dei o trabalho pra ele, mas a comissão de justiça negou, porque a família dos Amaral tava tudo no meio. E expliquei que o Bortolan em Poços de Caldas, fez represa Bortolan e tava rendendo palmo de terra preciosa.

- Nós vamos fazer a represa aqui e o que sobrar de terra dos Amaral vocês vão vender a preço de ouro, porque vocês vão receber indenização de 4 contos o alqueire, mas depois vocês tiram 4 contos por palmo, aí vocês vão vender pedaço de terra pra fazer chácara na beira da represa, recreação.

São João precisava desse lago, mas eles não quiseram saber. A UDN tinha a maioria na comissão de justiça e não puseram em discussão não. A comissão é formada por três vereadores, dois é deles e um dos nossos (PTB). Eles tinham onze vereadores e nos tínhamos seis. Então nós não tivemos jeito.

14) O senhor foi vereador quantas vezes?

R: Quatro vezes seguidas.

15) O senhor foi cassado?

R: Me cassaram duas vezes. A primeira cassação eles fizeram uma sacanagem porque eu incomodava muito eles na sessão de Câmara.

16) Onde era a Câmara?

R: Na Rua São João, onde hoje é o Senac. Eu incomodava muito eles, porque eles vinham com projeto em benefício deles. O Sebastião Godoy vinha com projeto da Prefeitura para pôr pedregulho na entrada de sua fazenda. É o dever da Prefeitura cascalhar as estradas todas aí, todo munícipe ter acesso a sua propriedade, estrada boa, mas eu disse:

- Eu não sou contra, mas senhor vereador esse trajeto aqui de sete quilômetros cascalhado pro senhor, com o imposto territorial que o senhor tá pagando vai demorar 270 anos pra Prefeitura recuperar esse dinheiro que vai custar. Eu acho nobre vereador, que este é um pedido impossível da Prefeitura atender. O senhor paga quatro contos por ano de Imposto Territorial Rural.

Eu brigava em torno disso. Eu era um cara que lia muito e quando eu levantava, eles ficavam de orelha em pé comigo. Aí resolveram me cassar, pegaram, nomearam o Osvaldinho Mancini, que é um vereador da UDN, que ficou na sexta suplência. O juiz de direito que tava aí naquela época chamava Maércio de Abreu Franquela, era um fascista filho da puta, que falou:

- Leva a ata da Câmara com todas as assinaturas que eu casso o Zé Lopes.

Eu nunca vi o Osvaldinho Mancini na Câmara, sei que ele foi candidato, pegou sexta colocação. De repente veio um papel e leram na sessão a cassação do vereador Zé Lopes, e eu falei:

- Quero ver me cassar, eu tô com seis companheiros aqui. Eles precisam de um dos meus companheiros pra formar 12 que representa 2/3 do total. Está no regimento. Os amigos não vão me trair.

E eles têm 12 porque estão contanto com a turma do Ademar de Barros, que era tudo da UDN. Bom, está cassado o vereador, teve 12 votos. Eu fui olhar o documento, esta lá o nome do Osvaldinho Mancini. Peraí, esse cara num entrou na Câmara, não sentou na cadeira, como esta a assinatura dele aqui?

- Ah, ele assinou favorável.

- Vou em São Paulo pegar o Raimundo Paschoal Barbosa e voltar nessa cadeira.

Mas custava cinco mil contos o advogado e em São João não tinha advogado pra mim. Família dos advogados aqui era tudo medroso, não queria se incompatibilizar com os Andradas, Amaral, Oliveira. Eles não querem nada, querem fazer o deles, politicamente falando. Nós tivemos sempre que buscar advogados fora pra defender o Wilson Gomes e o Manoel Assumpção Ribeiro porque aqui eles não pegavam. Raimundo Paschoal Barbosa foi um dos homens que começou as primeiras petições na mão dos juizes de direito e promotor. Em 1949 tinha um delegado de polícia, Doutor Ciro Rocha Mendes, que dava ordem pra os trabalhadores da roça virem tirar esmolas de sábado, até o meio dia na cidade. O fazendeiro contratava o chefe da fazenda, que era o chefe de família, que tinha mulher e filhos. Chegava lá, tava combinado o ordenado e a casa pra morar. Mas o ordenado pra quem trabalhava na enxada, que era o chefe de família não dava. Eles passavam fome. Então, o delegado dava um bilhete pra essas famílias tirarem esmola. Formava de sábado uma fila pedindo ajuda pra comprar comida e levar pra fazenda pra ter o que comer e trabalhar pro fazendeiro. Eu só considero uma coisa que eu fiz bem, o resto é tudo brincadeira, é tudo festa, mas essa não, essa foi séria: eu fui lá no Doutor Ciro e falei pra ele:

- Doutor, o senhor vai parar de dar ordem de tirar esmola aqui. O fazendeiro que contratou o chefe de casa, que tem quatro enxadas, tem que dar ordenado para as quatro enxadas.

Eles tinham tempo pra política porque eles tinham dinheiro, tinham escravo pra produzir pra eles, e eles tinham boa vida, filho na faculdade, automóvel, amigada, mulher perfumada e o coitado do trabalhador, com a mão calejada, não tinha nem comida na panela. Eu saí da delegacia, dia 24 de agosto de 1949 e fui no Fórum, na cadeia. Naquele tempo o doutor juiz de direito chamava-se José Carlos Ferreira de Oliveira e o Promotor chamava-se doutor Javel Andrade. Eu levei as leis trabalhistas que o Getúlio fez em 1938: direito de férias, hora extra, salário mínimo, assistência hospitalar. Fui no juiz e no promotor e deixei a lei na mesa pra eles e mostrei o bilhete que o doutor delegado dava para os trabalhadores. Pedi que eles pedissem ao delegado que parasse com isso, pra fazer cumprir a lei. Aí, mandei vir dois advogados de São Paulo, Doutor Raimundo Paschoal Barbosa e o Doutor Cláudio e começamos as primeiras petições para os fazendeiros que não pagavam começarem a pagar. E aí ferveu o caldo. Tinha 27 cadernetas na farmácia dos fazendeiros que gastavam lá e pagavam na colheita. Tinha prazo de um ano. Aí foram quatro fazendeiros na farmácia e falaram para eu sair do PTB, largar a política se não, tirariam as cadernetas da farmácia. Eu disse pra eles que quem tem crédito é o pessoal com a mão calejada que nem casca de tatu que trabalha pra eles.

- Aqui o crédito não é dado pra vocês que são fazendeiros de botinha, semana inteira na feira da praça, que fica sentado nos bancos. O senhor pode levar as cadernetas.

Eu dei as 27 cadernetas pra ele. Eles tinham o Sindicato Rural, já se organizaram e nós também no organizamos. Fizemos o Sindicato dos Camponeses e Operários. Aí o juiz de direito brecou o delegado e fez o que pedi, e falou que nós íamos começar a cumprir a lei. Aí a UDN ferveu. Disse que esse juiz de direito não servia pra ficar em São João porque não ia obedecer a UDN, ia dar direito ao trabalhador. Começou a revolução de ódio, mas era um homem trabalhador, não tinha medo de cara feia e toquei minha vida trabalhando na farmácia, servindo bem a todos: tem dinheiro leva o remédio, se não tem, leva do mesmo jeito, porque tem que cuidar da saúde, o dia que puder pagar, paga. A farmácia foi até 1972. E com isso eu tinha a simpatia da multidão pobre e tinha o ódio da elite rica. Política é uma coisa e negócio é outra: precisa de mim, da minha farmácia, eu vou lá fazer injeção, ajudar. Mas na hora da política você não brinca não porque eu também não brinco. E não tem dinheiro que compre o meu voto e nem as minhas idéias.

17) Como as pessoas em São João receberam a notícia da revolução? Como aconteceu aqui?

R: Foi uma luta intensa e nós já tínhamos sindicato. Para ter uma carteira de sindicato não era fácil. O João Goulart era vice-presidente da República. Os ricos já tinham o Sindicato dos Fazendeiros, mas nós não tínhamos o nosso. Mas como nós tínhamos um desgraçado de um vice-presidente da República partimos pra fazer o Sindicato e fizemos. Aí o Jango deu pra nós o SAMDU que era a menina dos olhos do PTB. Vai prestar assistência pro trabalhador da roça e da cidade. Então o prefeito era nosso e fez o convênio com o SAMDU (Serviço de assistência medica e hospitalar ao trabalhador operário e rural). O SANDU tinha ambulância, prestava assistência médica, quatro médicos 24 horas. Essa organização nós a fizemos em 12 cidades da região (Mococa, São José do Rio Pardo, Porto Ferreira, Palmeiras, Espírito Santo do Pinhal, Casa Branca, etc). Os fazendeiros ficaram bravos com o negócio dessa assistência, dando prestígio pro PTB. Otavio Bastos e Zé Ruy ganharam a eleição em 1961. Neste ano entrei pra vereador também. O Zé Ruy era um fazendeiro que nunca fez nada pra ninguém, ninguém podia falar nada. Ele chegou com dinheiro, oponência, arrogância e a igreja em sua mão. Deu uma sova no nosso candidato, Elias Tavares Pinho. E numa cidade politizada como a nossa, perder uma eleição com seis mil votos de diferença era muita coisa.

18) São João tinha quantos habitantes naquela época?

R: 40 mil

19) A maioria dos habitantes era da zona rural?

R: Houve uma evasão muito grande em 1950. Nós perdemos mais ou menos 20 mil habitantes pra Mogi Guaçu, Jundiá, São Paulo. Houve um debate da roça, a turma saiu porque o Juscelino vinha com as leis modernas de 57 e avisou os fazendeiros:

- Vocês mandem esse povo embora porque a lei vai comer o que vocês têm aí.

Então eles colocaram para fora os trabalhadores porque vinha o cumprimento das leis de Getúlio. A UDN era o poder e o primeiro gesto de Zé Ruy foi revogar o convênio que a Prefeitura tinha, de 200 mil réis por ano, um valor simbólico, de tirar o Sandu. No governo do Miguel Nicolau, do PTB, os fazendeiros não recolheram impostos das casas deles, das residências rurais, e ficamos com um haver de 10 mil contos pra receber dos fazendeiros, que era um dinheiro bom que dava pra fazer alguma coisa pra cidade, mas eles não pagaram, fecharam o sindicato rural. O Zé Ruy combinou com ele e quando entrou perdoou as dívidas dos fazendeiros. Em 10 minutos do governo ele derrubou duas leis de violência contra a cidade de São João, contra nós da classe operária. Nós estávamos numa luta de classes. O padre fazia a procissão trazendo o santo, punha o povo na rua, chamava as pessoas de Espírito Santo do Pinhal, Vargem Grande do Sul, Aguai, Águas da Prata e falava:

- Morra o comunismo e viva Nossa Senhora!

Viviam ameaçando de pôr fogo nos nossos jornais, no O Município, e fizeram coisa braba, mas, nós enfrentemos eles:

- Vocês é quem sabem, se quiserem por fogo lá, nós vamos morrer, mas também vamos matar, vocês podem ter certeza. Não vão sair bonitinho da parada não.

Ai eles recuaram. Éramos uma meia dúzia de homens decididos a respeitar, desde que, fossemos respeitados. E a igreja serviu pra esse jogo de alavanca, pra espremer. Nós queríamos progresso, desenvolvimento, queríamos que o trabalhador tivesse dinheiro pra gastar na farmácia, no empório, na loja, na casa de calçados, no restaurante, e eles dando vale do barracão. Nós fizemos eles tirarem o vale do barracão, o que é isso agora? Dá um pedaço de papel de quase 5 mil réis pra gastar lá no barracão. Não senhor, dá o dinheiro na mão do cara. Existe dinheiro, dinheiro é pra rodar, pra comercializar. Nós quebramos esse escravagismo que existia aqui. Em São João tinha um escravagismo brutal, foi quebrado a contragosto até da justiça.

20) Em 1964 o senhor foi preso?

R: Em 64 que fiquei 93 dias na cadeia. Foi muito triste. Já era casado e tinha dois meninos: o Alexandre e o Atílio. O Atílio era quatro anos mais velho que o Alexandre. Ele nasceu em 1952 e o Alexandre em 1956. O Alexandre fez agora 50 anos e o Atílio morreu com 39 anos em Londres, era ator na Europa, falava nove idiomas. O Alexandre teve menos medalhas que o irmão porque nadou menos tempo. O Atílio arrumou 1.480 medalhas e o Alexandre, 870. Ele nadou uns oito ou nove anos na Esportiva e o Atílio nadou 16 anos. Em 1972 eu mandei o Alexandre estudar nos EUA. Voltou ao Brasil, cursou faculdade de Odontologia e voltou pra Los Angeles. Trabalhou mais 16 anos lá e montou uma fábrica de fazer araminhos de braquiti. Veio embora pro Brasil e montou outra em Ribeirão Preto. Atualmente tem a fábrica dele em Ribeirão com 71 operários. São três fabricas no mundo que fazem esses araminhos, uma em Los Angeles, outra em Frankfurt e a dele em Ribeirão Preto. Os meninos muito honrosos de si próprio, não precisam de mim, meninada de fibra, de coragem, mas não quiseram ir atrás de política, como eu. Algumas pessoas diziam:

- Zé Lopes você é doido. Você é maluco, se meter numa fogueira dessas. Vai embora pra Austrália, ser capitalista lá, larga a mão do Brasil que isso aqui não vai dar em nada. Isso aqui é buraco em água pai.

Não acreditei neles não e fiquei.

21) Como foi na cadeia, havia tortura?

R: O guarda, o carcereiro falava:

- Os outros presos podem tomar sol, o Zé Lopes não.

Eles sabiam que eu gostava de sol, que ia na Serra, na cachoeira. Eles sabiam disso e falavam pro carcereiro falar que era ordem superior, não pode tomar banho de sol. Então eu fiquei 34 dias sem tomar banho de sol. As leis internacionais, da Cruz Vermelha, determinam que não pode faltar sol pro preso. São leis mundiais, e eles me seguravam, 93 dias sem banho de sol.

22) E o golpe militar como foi?

R: Dia 31 de março de 1964. Nós pedimos pro João Goulart um pouco de armas. O Partido Comunista pediu:

- Jango, o Carlos Lacerda tá falando que você é corno. Eles estão preparados pro golpe, estão preparados. Põe um pouco de arma na nossa mão, que eles vão matar um pouco de nós e nós vamos matar um pouco deles.

23) O que foi o golpe?

R: O golpe foi um anti-comunismo. O Jango estava montando um Sindicato como o Perón montou o peronismo na Argentina. Então você já vislumbra que em 61 em São João a coisa foi brava porque nos estávamos montando o Sindicato, e as reações, as forças exploradoras dos trabalhadores não aceitam essas coisas, elas querem cortar logo, matar logo, espremer logo. Então em 64 tinha um navio em Santos, chamava-se Raul Soares. Cheio de comunistas, o motor da máquina do navio já não funcionava, tava liquidado, mas ele ia ser arrastado cheio de comunistas pra alto mar e soltar todo mundo lá pra virar comida de peixe. Eles estavam preparados pra fazer isso. Mas o Ademar de Barros, que sempre precisou do Partido Comunista falou pro Prestes:

- Você nomeia ai um Secretário de Segurança Pública, que você tenha confiança pra me ajudar, porque eles vão me forçar a jogar esse navio em alto mar e a moçada vai morrer toda lá.

Essa era uma ameaça desgraçada pra nós que éramos perseguidos, cassados, que eles pegavam e mandavam pra Santos:

- Põe lá no navio.

E o Prestes escolheu como Secretário de Segurança Pública do Estado, o Cantídio Sampaio, e ele segurou as pontas do navio, que não foi pro alto mar. Af acalmou, a água parou de ferver na chaleira e a gente pôde por a mão lá dentro que não queimava mais. Tiraram o pessoal do navio, cada um voltou pra sua cidade, e nós tivemos essa felicidade deles não matarem quadros maravilhosos do Partido Comunista. Em 64 eles fizeram muita bagunça. Eles entraram na minha casa, pegaram minha biblioteca, que eu tinha trazido da Rússia, todas as obras de Lênin, Stalin, Mao Tse Tung. Levaram também Jorge Amado, Monteiro Lobato, um mundaréu ai, tinha 400 livros mais ou menos. Encheram 16 sacos de livros.

24) O Jango chegou a mandar as armas?

R: Não, o Jango foi medroso. E os políticos da UDN não pararam. Vieram até minha casa e minha empregada disse:

- O seu Zé não ta.

- Mas nós temos que levar isso aqui.

Dois vereadores da UDN, que a minha empregada não tomou o nome deles e dois soldados. Depois eu encontrei um soldado e ele me disse que a minha biblioteca inteira tinha sido queimada na fazenda do João Varzim. Eles estavam tão envenenados que o delegado Dr. José Guilherme de Matos, dizia que qualquer coisa pode matar, é comunista e não vai dar em nada, depois nós acertamos. Eles tinham ordem de matar mesmo, de atirar. Bom nessa ferveção não saiu nenhum tiro no Brasil, graças a Deus, houve uma calmaria e aí a gente veio e apareceu.

- Olha eu to aqui doutor, o que houve comigo?

- Pode algemar ele aí. Põe no camburão e leva no porão do ginásio e deixa lá. Depois a gente vê o que faz.

Depois de 60 dias meu irmão apareceu:

- Vai lá falar pro bispo dar uma mechidinha aí que eu preciso cuidar da farmácia. Eu tô assinando cheque aqui, fazendo compra aqui da grade, puta que pariu, isso não é vida.

E meu irmão foi lá falar com o bispo, que disse que a revolução não tinha matado ninguém.

25) Houve tortura?

R: Houve. O Osvaldo Maciel ficou preso em Espírito Santo do Pinhal num buraco de terra na cadeia por sete dias passando a pão e água. Ele, o Osvaldo Quessa, João Bovolone e o Romildo Protestato, que é jornalista em Palmas foram presos também em Pinhal.

26) Vamos falar das assinaturas, dos nomes que foram falsificados no cartório?

R: Pra soltar os presos nossos em São Paulo em troca do embaixador. Vamos falar. Bom, em 1969, não estou certo da data. O problema é o seguinte, eu como membro do Partido Comunista do quadro subterrâneo (hoje não existe mais esse partido, o que está aí hoje é o PPS - Partido Popular Socialista) recebi uma missão. Sumiu a palavra comunista, nós ficamos sem usar ela. Tivemos um acordo na Islândia. Eu faço com humildade né, mas fiz de coração. Não foi pra machucar alguém. Alguém tinha que fazer e eu não ia esperar mais, porque eu já tava moço, meu idealismo, minha pujança de energia. É eu que vou fazer mesmo. O problema de acabar com os pedidos de esmola na cidade fui eu. Eu que fiz cumprir. Aí desencadeou as reclamações. Os advogados de São João começaram a vir atrás, e o Partido Comunista acabou cedendo umas causas pro advogados que tinham acabado de formar aqui. Pegando essas reclamações trabalhistas e entrando em juízo. Como eu tinha prestígio, o partido me pediu 40 certidões, eu levei o elemento do Partido na minha casa, dormiu, almoçou e disse:

- Zé Lopes nós precisamos resolver este problema. Nós temos que fazer a soltura de um bando nosso aí. E eles têm que sair com documento, porque eles estão sem documento.

O DOPS, a primeira coisa, quando te pega eles te tiram os documentos. Aí você não tem jeito de sair, de fazer e de acontecer, porque tá sem documento.

- Então nós vamos tirar os homens e vamos iniciar os homens com documento falso né, mas pra isso precisa iniciar o processo e o primeiro documento é a certidão que ele nasceu.

Então, o dono do cartório, Délio Macedo, era do quadro subterrâneo do Partido Comunista. Ele nunca se manifestou em comício, em praça pública, porque a UDN tirava o cartório dele. Ele comprava na minha farmácia, tinha uma bronquite que judiava muito dele. Só eu que conseguia fazer injeção na veia dele e, então ele estava sempre na minha farmácia, tomando injeção e remédio. E a UDN sabia, porque tinha sempre alguém fiscalizando. Então, o dele era um quadro subterrâneo sem perigo de ter qualquer problema. Todo mundo sabia que ele tinha aquelas crises de asma e bronquite. Então, o partido falou que precisava de 40 certidões de nascimento. Pensei, como nós vamos fazer? Bom, eu vou falar com o dono do cartório, vou na casa dele de noite, sento lá com ele. A Delani Salgasso, mulher do Délio Macedo, era muito amiga minha desde infância, podia conversar os assuntos na frente dela, que ela sabia guardar segredo. E eu fui lá na casa do Délio. Ele morava perto da Casa da Lavoura, no Santo André, no alto do Colégio Santo André. Aí fui lá e disse:

- Délio, tô precisando resolver um problema aí. Tem um cara lá em casa. Ele veio de São Paulo pra isso e amanhã ele precisa voltar e levar 40 certidões. Mas nós temos que fazer um trabalho. Tô achando que nós temos que pegar os livros velhos de quem nasceu e começar um trabalho assim: pegar três camponeses da fazenda do Osvaldo Rossi, tirar a certidão de nascimento deles, o cara fulano de tal, nasceu na fazenda tal e teretete e teretete. Três da Fazenda do Bastião Godoy, três ou quatro lá do doutor Paulo Azevedo da Santa Inês, quatro ou cinco da Fazenda Rio Claro, quatro ou cinco da Fazenda do Zeca Amaral, quatro ou cinco lá da fazenda. E eu dei idéia pro Délio que nós tínhamos que esparramar essas certidões tudo com cara da roça, camponeses que foram todos embora pra Santo André, Mogi Mirim, São Bernardo, São Caetano, Mogi Guaçu, Campinas Jundiá, esse povo que foi embora.

27) Isso aconteceu depois do seqüestro do embaixador?

R: É. Esses caras já estavam em São Paulo há 20 ou 30 anos. Então não teve importância. Eu falei:

- Délio, vem aí uma batida feia, quando eles virem que as certidões de nascimento vinham todas de São João da Boa Vista. O DOPS vem grande aqui, porque tem uma cela comunista maior do que a do Lênin, na Rússia.

Disse:

- Vamos fazer?

-Vamos.

Passamos a madrugada no cartório, mas fizemos as certidões. O cara tava dormindo na minha casa aqui e cheguei lá com a certidão de madrugada.

28) Quem era o cara?

R: Chamava-se Nestor Guerra. Mataram ele. Ele morreu talvez na operação Bandeirantes. A última prisão minha foi nessa operação Bandeirantes, na base aérea de Cumbica. Lá a coisa é de matar. Eles não me mataram porque a mãe de um amigo me tirou. A família Matos tinha dois irmãos gerais de exército e dois Brigadeiros do ar. Dona Luiza os filhos dela eram todos militares. Fui falar com a dona Eliza, amiga da dona Luiza. Fui pedir pra ela falar pro filho dela me ouvir. Disse que eu tinha dois meninos que estavam na escola, precisando se formar, eu queria dois homens pra nação. Então a dona Luiza falou pro Délio:

- Olha meu filho. Você vai ver lá na base aérea de Cumbica um homem de São João da Boa Vista, um farmacêutico comunista, e ele é amigo do Burza. Você vê lá que ele tem dois filhos moços, e você vai ouvir ele lá.

Eu mandei um táxi levar um saco de hortelã pra velha, que ela queixou pra mim de dor aqui, dor de lá. Ele entregou a hortelã na fazenda pra ela. Ela ficou muito feliz e muito contente. Quando chegou quarta-feira da semana seguinte que eu ia ser

ouvido, tinha recebido intimação pela Câmara. Eu fui na base área de Cumbica e fiquei lá três dias parado no corredor. Eu não sabia, não levei meu advogado, o Paschoal Barbosa, pra fazer a cobertura, eu inocente. Era pra eu comparecer às 15 horas. Quando foi lá pelas sete ou oito horas da noite tava tudo certo. Essa baboseira de comunismo deles aí num da em nada. Mas acontece que anoiteceu, nove da noite passou um capitão e eu disse:-

- Capitão, eu sou do interior, vereador, vim pra cá pra ser ouvido.

- Ah, hoje não ouve mais o senhor, não. Ainda tem audiência na frente do senhor. O senhor entra nesse corredor aqui, vai lá no fundo que tem uma geladeira, tem leite, tem bolacha. O senhor come qualquer coisa. Do lado esquerdo tem as beliches e o senhor escolhe uma pra dormir. Não trouxe toalha, nem escova de dente, pijama, não trouxe nada, mas vai lá vai lá.

Fui, peguei o leite, comi bolacha e deitei. Levantei no outro dia seis ou sete horas e fui lá no corredor. Sentado o dia inteiro, cheguei de noite a mesma coisa e ninguém me ouviu. Outro dia passou um tenente e eu disse:

- Tenente, olha. Eu tô aqui há dois dias pra ser ouvido. Eu pedi pra telefonar pro advogado e não permitiram. Quero saber como é esse negocio aí.

- O senhor ta com vontade de falar, não ta? Então o senhor vai falar.

Quando foi nove horas da noite me chamaram, o Délio Jardim de Matos sentado na mesa, Brigadeiro, o coronel Saulo Borges, e o datilógrafo. E começou aquela lenga-lenga:

- O senhor recebe dinheiro da Rússia, o senhor é comunista, o senhor teretete, teretete.

E eu:

- Coronel, General, Brigadeiro, eu compro o jornalzinho do Partido Comunista, ponho a mão no bolso, pago cinco mil réis pra ouvir a voz operária se eu quiser ler ela, porque não tem dinheiro da Rússia, não tem merda nenhuma não.

- Eu sei que o senhor quer dar dois filhos letrados pra nação.

Quando ele falou isso eu pensei, ele conversou com a mãe dele, agora eu tô livre, eles me soltam. Deixa eles darem soco na mesa, gritar e berrar. Eles conversam com você assim, não é agradando não, é tudo no murro na mesa, olhando pra você e querendo te engolir. Bom, quando foi três horas da madrugada acabou o interrogatório, me soltaram, esperei o dia clarear lá fora e vim embora. Aí fiquei sabendo que o jornalista de Santos, Armando Gimenez foi morto e jogado ao mar, como comida de peixe e que o Nestor foi jogado na caldeira de um navio e virou cinza.

29) O senhor tem os nomes das pessoas que falsificaram seus documentos?

R: Ah, o Zé Lopes não se preparou pra esse papel que ele tá hoje na sua presença. Eu tinha barbaridade de documento. Agora to veio, com oitenta anos e todo mundo fala:

- Zé Lopes, você entende da história de São João, o senhor não vai morrer sem fazer a história de São João né, porque se não, São João fica vazia.

A Maria Célia, com o jeitinho educado dela me convenceu que eu tenho que fazer a história de São João:

- O Zé Lopes eu te ajudo, vamos fazer, eu corrijo o português, você escreve, eu colaboro. Nós vamos ter uma história brilhante de São João. Você vai fazer da vida política de São João que você conhece.

Mas eu ainda dou documentos, fotografias, eu sou um cara que viajou o mundo e agora vai viajar pra China, Japão e tô feliz. Outro dia meu filho chegou de Los Angeles, e falou:

- Ô pai, como que o senhor ta aí da língua do chinês? Meu filho tá estudando pra ir ano que vem com o senhor pra lá pra Pequim.

- Pode mandar ele estudar.

Aí o Délio fez a tarefa dele, eu fiz a minha e muito feliz entregamos pro Nestor. O Nestor levou pra São Paulo, e fiquei sabendo era que era pra soltar 40 elementos do partido.

30) Então esses elementos não eram de São João?

R: Não, tudo cabiceira do Partido Comunista, de São Paulo e Rio de Janeiro. Os caras bão mesmo, os caras fino. E eu tô sabendo que eles vão pegar esses documentos e que mataram um. Que o partido tá exigindo que vá na televisão o governador do estado ou o presidente da República explicar pro povo por que eles mataram um no Cord o tal do Herzog. Então, só tinha 39. Mas eles não queriam confessar que tinham matado o Herzog. Falavam que tava tudo certo.

E o partido falava:

- Não ta certo não. Tá faltando um. São 40, se não nós não fazemos a troca que vocês querem.

E o embaixador preso. Bem tratado, direitinho, bem cuidado pra não acontecer nada. E aí entrou a alta cúpula política americana, junto com o presidente da República. O homem não pode morrer, eles não vão matar o homem, é gente inteligente, fina, preparado e estudado na Rússia.

-Mas é o seguinte, precisa soltar os homens lá que a gente solta esse aqui. Nós temos confiança, palavra.

Aí então soltaram 39, porque um eles mataram. Não foi o Herzog não, foi o Ismael Câmara Guerreiro que eles mataram, quebraram ele no cacete no corredor do CORD, no porrete. O Ismael falava quatro idiomas, morou dois anos na China e estudou a Revolução Chinesa a fundo.

31) E os nomes o senhor não tem para passar para nós?

R: Não tenho. Eu fiz os documentos, entreguei e tô livre, tô quieto, não sei de mais nada. O partido tem uns aparelhos que um ta desligado do outro, o cara que faz uma tarefa não faz outra, faz uma só. Então ele não fica sabendo de mais nada. O Nestor veio buscar e levou e agora o que vai fazer eu não sei. Eu fiquei sabendo depois que os papéis que ele levou daqui valeu pros 40 lá, mas isso é depois. Soltaram o embaixador, e a turma sumiu. Aí o DOPS desceu em São João. Aproximadamente, 50 elementos do DOPS, investigadores, foram em todas as fazendas. Foram no cartório, acharam o nome da pessoa e foram nas fazendas:

- Aqui morou o senhor Antonio Becamini?

- Tinha sim senhor, mas ele mora na Vila Alpina, em São Paulo. Na Vila Alpina, em Santo André.

80% é sanjoanense. Tudo saído dessas fazendas daqui. E essa turma toda tinha os familiares na Vila Alpina, então o DOPS veio aqui e não achou nada. Já tinha todo mundo ido embora. O Dops foi na Vila Alpina, pegou lá uma meia dúzia e confirmou onde tinha nascido.

- Eu nasci lá na Lagoa, sim senhor.

Mas peraí, o documento dele saiu de São João da Boa Vista, eu sai de São João agora e ele não tem mais documento, quem ta com o documento é o comunista que saiu. Então eles não puderam fazer nada. Só vieram conferir porque 40 comunistas decididos, Deus me livre, em 10 minutos fecham o Parlamento lá em Brasília.

32) E como foi para o sanjoanense ver o DOPS chegando aqui?

R: Eles vieram quietinhos, devagarzinho. Devagarzinho tomaram o hotel e pensão. Cada um tinha um lote de documentos pra conferir e analisar. Não chamou a atenção da cidade, tudo embaixo do pano, surpresa. Não encontraram ninguém e foram embora. Foi um programa bem elaborado, que deu certo, e hoje se fizer novamente da certo porque o governo não esta estruturado pra pegar e segurar essas pontas. Tem bom, tem escapatória.

33) Como a cidade era fisicamente naquela época?

R: Na minha infância eu brinquei muito carnaval, eu digo a minha infância em 1938, que foi o ultimo ano que teve carnaval no Theatro. Eu roubei lança perfume de uma mulher que muito tempo depois eu descobri ser a mulher do Oliveira Neto, a Dona Celiza. Theatro e a praça fervendo. Lança perfume, serpentina, os coronéis, suas esposas. Ninguém bebia cerveja, ninguém bebia nada, era tudo brincadeira. Carnaval era lança perfume, serpetina e confete. Quem tem dinheiro, compra, brinca e joga, quem não tem, fica olhando, brinca e ri. De um clube visitava o outro. Depois vem a era do mercantilismo, a era do comércio. Não tinha mais esse negócio de um clube visitar o outro, pois tinha que pagar pra brincar. Carnaval de rua fica carnaval pobre. E as fantasias são de pierrô, colombina, tudo fechado, não como hoje. Nosso tempo eram as marchinhas. São João tinha algumas lojas, Casa das meias, Loja Boa Vista, que vendia brinco, daqueles bem amarelos de soldado, riscado feito em Taubaté. Tinha a fábrica de sanfona, na Rua Saldanha. O comércio centralizava-se na rua Saldanha Marinho. Meu pai saiu do Pratinha, e veio pra Loja Boa Vista na esquina do Posto de Gasolina. Tinha sete portas e era de um turco, Zogby, e o Rodolfo Manzan era o dono do prédio que alugou pro turco. Ele teve que vender o prédio pra ir embora pra São Paulo e quem comprou foi o Eduardo Lopes pra montar um Empório lá do Pratinha na Saldanha. E a Rua Saldanha era pertinho da estação, o movimento de São João não tinha estrada, era de trem, tudo vinha pela Mogiana, e meu pai ficou ali uns 40 anos. O Empório dele, Secos e Molhados, vendia açúcar, macarrão, sal, querosene, e a evolução vinha. O Matarazo tava colocando o óleo de caroço de algodão na lata pra substituir a banha de porco. Nessa modificação, o Matarazo comprou 5 galpões gigantescos, quatro alqueires de terra na beira do Jaguarí encostado no campo do Palmeiras e montou os barracões pra encher de caroço de algodão pra montar as prensas pra moer e fazer o óleo industrializado. Energia elétrica não tinha. Aí ele foi em Ribeirão Preto, porque o Amaral que tinha a queda de água, indo pra Andradadas nas Sete voltas. Não quis fazer negócio com o Matarazo, não quis vender, não quis alugar, não quis nada. Ai ele foi pra Ribeirão e o prefeito de lá abriu as pernas. Não, pode vir que nos temos energia elétrica. E hoje, a Vila Tibério é maior que são João da Boa Vista. E Ribeirão é 25 anos mais nova que São João. Essa foi a grande cassetada que as cinco famílias importantes de São João fez contra nossa maravilhosa região de clima, terra e água maravilhosa e que podia ser uma capital do sul, entre Minas e São Paulo. Ribeirão roubou essa primazia, com a levada dessa fábrica do Matarazo, o maior industrial da época, dono de 43 fábricas, com 92 mil operários. E a moda em São João? A cidade sempre foi muito bem dotada de boas costureiras, boas lojas, bons colégios, lojas de calçados. Mulherada chique eram as mulheres dos coronéis e fazendeiros, da elite, da alta sociedade. Tinha uma vez por ano um baile que era só deles. O salão de baile iluminado com lampião. Os pobres ficavam na esquina vendo de longe a festa deles. As músicas eram românticas, de valsa. As carruagens que chegavam com a elite! As roupas delas eram compradas em São Paulo. Em 29 teve a crise mundial e todo mundo quebrou. Só se recuperaram em 1938 quando o Getulio deu a anistia a moratória e perdoou a dívida de todo mundo.

34) E na época da ditadura, como as pessoas se comportavam, mesmo as que não eram comunistas?

R: Nessa época eles implantaram uma espécie de arrastão psicológico. Minha mulher recebeu quatro malas com bilhetes pra ir embora pra Cuba. Mas ela não era ligada à política, a Zezé ajudava os pobres, contribuía, mas eu não consegui forjar as duas mulheres que tive em 41 anos, não consegui fazer duas guerreiras, não consegui colocar duas mulheres no palanque pra falar e brigar sobre a paz. Mas se não havia política não havia razão de fazer guerra psicológica e mandar mala pra ir pra Cuba. Trabalhava na farmácia dela, servia todo mundo. Em 64 teve uma mulher, Nair Romagnoli, auxiliar do grupo escolar, que passou na farmácia e falou pra minha mulher que tinha tomado formicida na estrada da Vargem. Eu e minha mulher tinha um código secreto, quando eu falava que vinha vindo pra São João é que eu tava indo pra mais longe, e quando eu falava que tava indo pra Rio Pardo eu tava indo pra Santos. De repente toca o telefone, a Zezé vai atender e era eu, naquele mesmo instante. Ela sabia que eu tava na torre de televisão em Rio Pardo, dormindo lá, e eu disse que tava saindo, eu e o Mazzi. Na revolução os caras entravam na minha farmácia, precisavam de remédio e iam lá. O pessoal da UDN se apavorou porque um deles se matou. Fazia três dias que tinha rojão, banda de música na rua. O Décinho foi lá no Cristo Redentor e deu um tiro no peito.

35) E como foi o final da ditadura?

R: Eu vendi minhas farmácias depois de muitos anos e vendi um terreno em 1974. Tenho três fazendas, uma no Tocantins, de 5.230 alqueires, uma no município de Novo Acordo, de 8 mil alqueires, e uma no Xingu, de 10 mil alqueires. Toquei minha vida, conhecia a África, a Europa, a Rússia, Estados Unidos. To andando, eu não paro.

36) E os Comunistas?

R: Acabou. Você não tem dinheiro pra agüentar uma brincadeira dessa.

37) E o Estado pagou alguma coisa pelas punições que vocês sofreram?

R: Alguns sim, outros não. Prenderam muitos comunistas, mas prenderam também gente inocente, gente que perdeu emprego e dignidade. Eu ainda não recebi nada.

Nome completo: Rosa Helena Carvalho Serrano

Formação: Cientista Social, historiadora, pedagoga, socióloga, antropóloga e mestre em Educação

Ocupação: Professora universitária

Data: 26/03/2007

1) Família, formação e ocupação?

R: Filha do ex-funcionário da Companhia Mogiana da estrada de ferro, Sebastião Carvalho e Ana Barini Carvalho. Neta de Viriato Carvalho. Formada em Ciências Sociais, História, Estudos Sociais, Pedagogia, especialista na parte de formação de pessoas – didática na Área de Ciências Sociais, Antropologia e Sociologia e Mestre em Educação. Antes da redemocratização do país fui professora no Cardeal Leme em Espírito Santo do Pinhal por muitos anos, lecionei no Batista Novaes por 3 anos e meio, dei aula no Colégio das Freiras, coordenei o Anglo (hoje Objetivo) e em 1989 mudei para São João da Boa Vista, onde moro até hoje. Atualmente dou aulas no Anglo São João e no Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – Unifae, de Sociologia, Antropologia e Metodologia do Trabalho Científico.

2) O que fazia na época da Ditadura Militar?

R: Fazia faculdade de Ciências Sociais no Instituto Isolado do Estado, onde é a Unesp hoje, em Rio Claro. Quando cresceu o movimento estudantil em 1968, participávamos na faculdade de inúmeras discussões sobre a situação política que estava acontecendo. De repente, a U.N.E. passou para a clandestinidade e o pessoal (estudantes universitários) resolveram se juntar porque estava fervendo muito a situação e havia a ameaça de acontecer um golpe político. Decidiram fazer uma reunião secreta em Ibiúna, num sítio que ficava a 70 km de São Paulo para decidir que posição tomariam em relação aquela ditadura militar que estava acontecendo. Alguém dedou que estava acontecendo um movimento estranho no sítio e a polícia foi até lá. De repente, vieram batalhões e batalhões. Levaram todo o pessoal preso. Os estudantes ficaram 48 horas em pé em São Paulo, onde era o DOPs. Eles não podiam sentar, deitar, comer e beber. Tinham que ficar de castigo em pé até que os líderes aparecessem. Quando eles descobriram quem eram os líderes do movimento, liberam os demais estudantes.

3) Você estava neste movimento?

R: Não, não fui porque não tinha dinheiro. O pessoal da minha faculdade foi e eu não. Tinha que pagar condução e comida para ir. Na época, eu só estudava e não trabalhava. Tinha acabado a minha mesada e tinha que voltar para casa (Pinhal). Para eu voltar para casa não dava tempo de ir pra lá. Voltei para casa e o pessoal foi. Vi pela televisão aquela coisa horrorosa. Eu tinha a revista Veja dessa época que dizia: “Presos os estudantes comunistas”. Foi terrível. Na reportagem, eles diziam que os estudantes eram bandidos, pagos pelo governo da União Soviética, comunistas, baderneiros, arruaceiros e que deveria mesmo dar castigo a eles. Tudo isso aconteceu.

4) Os estudantes eram mesmo comunistas como os militares diziam?

R: Imagina. Eles brigavam porque tinha um programa americano bancado pelo Kennedy. Foi quando chegou pela primeira vez o leite em pó no Brasil. Era uma ajuda que se chamava Ajuda Americana para a América Latina. Nós tínhamos leite in natura aqui, então porque nós tínhamos que usar leite em pó? E aí foi nessa época que a Ditadura Militar tinha feito um acordo com os Estados Unidos. Eles eram ligados totalmente. Em resumo: o que os estudantes diziam? Por que nós temos que pegar ajuda dos Estados Unidos? Nós podemos bancar. Por que temos que pegar um modelo americano, se temos condições de produzir aqui o que precisamos? E, por conta disto, tínhamos que dizer não aos estrangeiros. Esta história de dizer não aos estrangeiros é que fez o pessoal ir para este movimento e acabou sendo preso.

5) A luta contra o golpe só aconteceu com o apoio dos estudantes, especialmente das escolas públicas?

R: Não, ele teve força e ajuda dos estudantes em geral. Nós tivemos no Congresso um deputado chamado Márcio Moreira Alves que fez uma declaração no Congresso contra a Ditadura Militar em setembro de 1968. Em dezembro de 1968 foi feito o AI-5. O terrível do AI-5. Então nós tivemos o quê? Um grupo de deputados, estudantes e professores das universidades, que juntos tentaram mostrar que o movimento era para tirar a liberdade das pessoas, foi cassado.

6) Como era o clima dentro das universidades nesta época?

R: Nossa, era terrível. Nós tínhamos espões que não sabíamos quem eram. Por exemplo, se os professores criticassem o que estava acontecendo, quando terminava a aula, eles eram chamados na diretoria para se explicarem, ou seja, alguém da sala fazia um relatório e entregava ao diretor. Nunca nós descobríamos quem era porque naquela época era comum, depois do vestibular, colocar alguém para fiscalizar. Aparecia na relação de alunos este alguém, pois ele se matriculara.

7) Pessoas próximas de seu convívio foram presas?

R: Em 1970 eu estava no 4º ano da faculdade e o movimento estava forte ainda. Morávamos todos em república. Uma casa grudada na outra. Havia um menino negro, que era líder dos estudantes, chamado Abílio. Num final de semana que iríamos para casa e ele não foi porque não tinha dinheiro. Como éramos muito amigos combinamos de ir para nossas casas, pegar nossas mesadas e emprestar para ele ir para sua casa no próximo final de semana. Quando voltamos na segunda-feira ele não estava na república. Procuramos em todos os vizinhos e nada. Tínhamos o endereço da família e entramos em contato com eles e ele não tinha ido para a casa. Ele desapareceu. Nunca mais nós soubemos dele.

8) Mesmo morando em Rio Claro, você tinha notícias do que acontecia em sua região?

R: Tinha porque meus pais moravam em Pinhal. Quando eu vinha, escutava meu pai contar de pessoas que foram presas. Eu tive um professor de História, José Ênio Casalecchi, que foi preso em sua casa em São José do Rio Pardo, que era totalmente vigiada. Ele era uma pessoa totalmente consciente e aberta. Sua família morava em Pinhal e quando souberam quem era, os polícias invadiram sua casa. Pegaram os livros dele, jogaram na rua e queimaram. Ele era de esquerda, criticava e repudiava o golpe. Também houve outro caso em Pinhal. Quando eles invadiram a Cidade Universitária em 1968 havia o Centro Residencial que se chamava Crusp, onde os estudantes de cidades do interior moravam. Eu ia para lá com frequência. Era muito legal. Muito lindo. Havia um restaurante em que os estudantes fizeram uma reforma. Ele tinha nutricionista e comida balanceada. Havia acabado a história de bandeirão. Compraram pratos e talheres para as pessoas se sentirem menos invasivas. O pinhalense Valter Vuolo foi eleito presidente do Crusp e foi ele quem fez essas mudanças. Quando os polícias invadiram os blocos em que moravam os estudantes foram até a cozinha e começaram a jogar os pratos e quebrar e pegar os talheres e torcer. Diziam: “Esses bandidos e comunistas não merecem”. Havia sido mais de 30 anos de campanha para poder acabar com o bandeirão e mudar a estrutura. Quando Valtinho viu o policial fazendo isso pegou-o e jogou-o para fora do refeitório a ponta pé. Ele teve que fugir, foi embora do Brasil e foi até perseguido. Ele estudava na Poli, Engenharia. Em outro país se encontrou com José Serra, que também teve que fugir. Eles ficaram morando juntos. A namorada dele teve que ficar um tempo em Pinhal porque não tinha como ir para lá. Ela começou a ser perseguida até que conseguiu fugir. Quando o pai de Valtinho morreu, a Polícia Federal e o DOPs circulavam em Pinhal de helicóptero. Eles achavam que ele estaria na cidade e que seria o momento de prendê-lo. A foto dele, sabe quando você vai à Delegacia de Polícia e vê cartazes escritos: Bandidos perigosos? A dele estava assim. Ele era da nossa turma. Ele era perigoso porque tirou um policial do refeitório porque o cara foi lá e o destruiu. Quando morreu seu pai e sua mãe, foi um tormento. Ele não pôde ver os pais pela última vez. O que esse pessoal ralou e sofreu com perseguição foi terrível. O Estadão e Folha tinham que colocar receitas de bolo e poemas de Camões. Trechos de Os Lusíadas foram publicados inúmeras vezes e as colunas ficavam vazias. Também nessa época saiu uma lei, depois do AI-5, chamada 477, que dizia que quando você estivesse perto de uma escola e tivesse duas ou mais pessoas paradas conversando era para prender, porque eles estariam falando mal do governo. Era terrível porque você não podia ficar conversando. A gente estava na faculdade e não podia fazer reunião. Para apresentar trabalho e seminário tínhamos que nos reunir escondidos porque se fôssemos vistos juntos já era motim.

9) Por que fazer Ciências Sociais?

R: Na verdade, eu gostava de História e quando fui estudar em Rio Claro que era uma faculdade do Estado, não havia História, mas tinha Ciências Sociais. No curso estudávamos História Econômica, Sociologia, Antropologia. Aí embarquei. Primeiro de tudo, eu não tinha dinheiro para pagar uma faculdade particular. Fui com a cara e a coragem e passei. Saí do 3º colegial, passei e falei que era isso que ia fazer. Apaixonei-me pelo curso. Aí estourou todo este movimento quando estava lá. Vamos participar? Vamos embora.

10) Você sofreu algum tipo de perseguição por ser estudante?

R: Não. Mas fazíamos Ciências Sociais e tínhamos aulas com Paulo Singer que era extremamente de esquerda, Fernando Henrique Cardoso, de esquerda, Carmen Junqueira, de esquerda e Paulo Sandrone, de esquerda. Vários professores perderam o emprego. O que a gente fazia? Éramos obrigados no curso a ler autores de esquerda. Qual era o grande sonho da gente? Ter um livro chamado ‘O Capital’. Mas o livro tinha a capa vermelha e custava caro. Quando saiu a primeira edição em português ficou todo mundo doidinho para comprar. Queríamos arrumar grana para comprar. Quando a gente arrumava, e aí para entrar na livraria? Eles ficavam de olho nos estudantes. O DOPs estava em todo o lugar. Eles eram os invisíveis. Eles fiscalizavam e aí, quando você saía da livraria, eles queriam ver o que você tinha comprado. Então, o que a gente fazia? Levávamos papel com desenhos de florzinhas, comprava o livro, encapava dentro da livraria e saía como quem não quer nada. Era aquela preciosidade que você tinha comprado. Graças a isso que conseguimos comprar o livro. Quando eu olho aquele livro na estante eu me lembro desta história impressionante.

11) O que você recorda do dia do golpe, 31 de março de 1964?

R: Eu estava no colegial e a gente escutava pelo rádio. Eu não estava entendendo muito bem tudo aquilo. Eu só escutava falar assim: “Tropas do exército estão invadindo”. Havia umas coisas que chocavam. Mais tarde, quando eu estava na faculdade, em 1968, comecei a entender o que rolou em 64. Começamos a ler documentos da época. Havia um acordo chamado MEC Usaid, era ajuda americana em convênio com o MEC. Quando este documento saiu significava que a gente admitia que era inferior e que os Estados Unidos era superior e que todo o processo de educação tinha que ser copiado do modelo americano. Já imaginou que absurdo? Na cabeça da gente não entrava. Pelos menos de quem fosse de universidade nessa época.

12) O que foi o golpe militar?

R: Jango Goulart tinha sido Ministro do Trabalho e depois vice de Jânio Quadros e quando assumiu, eles ficaram com tanto medo que montaram um parlamentarismo. Quando Goulart chegou de uma viagem à China, onde cumpria um acordo econômico, os ministros militares se reuniram, deram um golpe, não deixaram que ele assumisse nas condições de poderes totais da presidência da república e instituíram o parlamentarismo escolhendo Tancredo Neves para ser o 1º ministro. Significava que Goulart não decidia nada, quem decidia era o Tancredo. Ele ficava como figura de representação do governo. Em 1963 Goulart fez um plebiscito que perguntava se o povo queria que voltasse o presidencialismo e ganhou. Mas aí, os militares começaram a se preocupar, pois se ele tinha tendência de esquerda traria o comunismo para o Brasil. Começaram a se enturmar com o Kennedy dos Estados Unidos. Toda a estrutura do golpe foi montada pelos Estados Unidos. Mandavam as altas patentes militares para se preparar na escola de guerra lá. O golpe de 64 foi planejado pelos Estados Unidos. Eles tinham medo que assumíssemos o papel que Cuba assumiu. Então este alto escalão se juntou ao Ministério do Exército que também fazia parte deste grupo e pressionaram Goulart a renunciar. Fizeram pressão e fecharam o Palácio do Catete onde ele

estava. Foram a Brasília e assumiram a partir daquele momento. Eles diziam: “O golpe teve sucesso. Todo nosso propósito foi atingido. Não temos mais perigo, o controle é nosso”.

13) Como foi o processo de democratização?

R: Saiu às Diretas Já. A campanha foi muito interessante. Foi Dante de Oliveira, que era na época deputado, que fez uma proposta num projeto de lei de acabar com a eleição indireta. O último presidente, João Batista de Oliveira Figueiredo, disse que estaria aberto para mudar o sistema porque os militares perceberam que o desgaste era tão grande que não dava para continuar. Então, ele disse que aceitava abrir. E Dante de Oliveira anunciou a proposta de fazer as Diretas Já. A campanha foi um sucesso em 1984, mas, quando chegou 1985, o governo não deixou fazer eleição. Eles permitiram que fossem indicados candidatos civis. Foi quando apareceu Tancredo pelo MDB e Maluf pela Arena. Houve pela primeira vez uma campanha, ainda com votação indireta e Tancredo foi eleito e disse que a partir dali, ele na condição de presidente, desenvolveria uma campanha para que tivéssemos uma eleição direta. Ele não tomou posse. O Sarney tomou, mas fez essa alteração e o Collor se candidatou e foi eleito.

14) Como foi o desfecho da ditadura?

R: Em 1979 saiu uma lei da Anistia em que os exilados podiam voltar ao Brasil. Voltou um punhado de gente. Voltou o Fernando Gabeira, Fernando Henrique Cardoso, Brizzola, Arrais, Caetano e Gil, que também foram perseguidos. Quando saiu esta lei foi uma comemoração, uma farra. Que delícia. Eu fui convidada para dar aula de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira no Cardeal Leme. Quem dava aula desta matéria era fiscalizado pelos espíões invisíveis. Mas eu não engolia aquilo tudo, então eu não falava e tinha que falar bem do governo. A gente tinha que dar aula com a porta aberta. O João Batista Giordano era coordenador da escola e não tinha posição de esquerda mas, também não era de direita. Eu falava para ele que não ia falar bem do governo, eu me recusava, o que vou fazer?, Vou ensinar a história do Brasil para meninada, a cidadania e vou ensinar a valorizar a pátria. Era isso que eu fazia. Mas essa história de falar que o governo estava certo, eu não. Escapei sempre, deu certo.

15) Vivemos hoje numa democracia?

R: Se você quiser falar que a gente tem mais espaço, mais liberdade, maior possibilidade, claro que a gente tem. Democracia plena não existe. Nós temos uma democracia representativa, só que o que falta para gente é consciência política.

16) Qual era a principal diferença do MDB e da Arena?

R: A diferença básica é quem fosse da posição que era do governo era Aliança, quem fosse oposição era o movimento democrático, liderado pelo Tancredo, Ulisses Guimarães. A diferença é que um apoiava a ditadura e o outro era contra. Era claro quem se elegia: era a Arena. Nós tivemos uma eleição e quando eles perceberam que o MDB estava ganhando espaço eles fizeram uma eleição para Senador chamado senador Biônico que só podia ser indicado pelo pessoal da Arena. Então não tinha jeito, por exemplo, três senadores por Estado, um era indicado e era sempre da Arena. Porque haveria possibilidade do MDB assumir e virar 100% oposição. Então criaram essa horrorosa dessa lei.

Nome completo: Valter Stevanato Vuollo

Apelido: Valtinho

Formação: Engenheiro

Ocupação: Membro de um grupo executivo nomeado pelo Prefeito de São Paulo

Data: 03/04/2007 por e-mail

1) Família, formação e ocupação?

R: Filho de José Felipe Vuolo e Mafalda Stevanato Vuolo. Em 1964, quando estourou o golpe militar, morava em São Paulo, fazia cursinho e o 3º científico (colegial) e entrei na Escola Politécnica da USP. Pai de quatro filhos: José Felipe, nascido em Santiago do Chile em outubro de 1971, Yamara Cristina nascida em San José, Costa Rica em junho de 1974, Camilo em Costa Rica em 1978 e Annia, em Washington, EEUU no dia 31 de março de 1984. Atualmente trabalho na Prefeitura de São Paulo, como membro de um Grupo Executivo nomeado pelo Prefeito e que tem como responsabilidade estratégica a informatização da rede hospitalar do município.

2) Como era o Brasil antes do golpe militar e das lutas estudantis?

R: Antes do golpe, o Brasil vivia a era pós-Juscelino e com Jango Goulart num processo de democratização e de nacionalismo, tanto que um dos pivôs que detonaram o golpe foi a promulgação da Lei de Remessas de Lucros, que regulamentava o assunto, atingindo principalmente as empresas multinacionais.

3) Qual era sua atuação política?

R: Em 1964 eu não tinha nenhuma atuação política. Esta atuação começou após meu ingresso na Poli e após ir morar no Crusp na metade de 1965. Em 1966, ingressei no PCB (Partido Comunista Brasileiro). Em 1967, o Comitê Universitário do PCB, tanto de São Paulo como do Rio de Janeiro, romperam com o partido formando a Dissidência do PCB. Também participei do movimento estudantil. Ocupei em 1968 o cargo de presidente (eleição direta) da AURK – Associação Universitária Rafael Kauan que era o equivalente dos Centros Acadêmicos para o conjunto residencial. No Crusp em 1968 viviam 1.500 estudantes provenientes de todas as faculdades da USP.

4) Como foi ser líder dos estudantes no Crusp?

R: Eu era estudante do curso de Engenharia Eletrônica da Poli/USP e em 1968 estaria no 4º ano (curso total de 5 anos). O Crusp se localizava (e ainda se localiza) dentro da Cidade Universitária e era considerado em 1967 e 1968 um gueto dos “comunistas” por parte dos órgãos de repressão da Ditadura Militar. Até o Ato Institucional N.º. 5, de 13 de dezembro de 1968, ainda se vivia no Brasil um certo grau de liberdade que se expressava pelo Movimento Estudantil e suas numerosas passeatas. Não vamos nos esquecer de que no Rio de Janeiro tivemos a passeata dos 100 mil com participantes de toda a população e não somente de estudantes. A minha atuação política bem como de muitos colegas da Poli estava centrada no Crusp e não na faculdade. A nossa luta centrava em reivindicações por melhores condições de vida no próprio Crusp, em especial do restaurante, pois a qualidade da comida era das piores e contra o convênio MEC-USAID, que pretendia colocar a universidade pública paga. Acredito que a luta dos estudantes de 1968 contra essa intenção de cobrar universidade pública foi o que garantiu a existência da universidade pública gratuita até nossos dias. O clima entre os estudantes era de completa revolta contra a Ditadura Militar, pois, durante todas as passeatas e assembléias, esse tema era tocado direta ou indiretamente. Foi esse clima que permitia a realização de passeatas quase durante todo o ano de 1968.

5) Qual o seu posicionamento?

R: Declaradamente de esquerda. Em 1966 militava no PCB e, posteriormente, na denominada Dissidência (em referência à dissidência do PCB). Os estudantes de direita somente se manifestavam na Universidade Mackenzie, onde tinham formado o chamado CCC – Comando de Caça aos Comunistas. Na USP, PUC e outras os estudantes de direita não tinham nenhuma voz expressiva.

6) E o fato de ter colocado um policial para fora do refeitório e ser perseguido?

R: Não se tratou de colocar um policial fora do refeitório. Durante o evento esportivo “Encontro das Casas” que se realizava no Crusp, o Departamento Esportivo da AURK publicou um jornal, esquecendo de dizer que era do Departamento da AURK. Como presidente da AURK, eu dei uma bronca no diretor do Departamento, confisquei toda a edição e passei a noite toda junto com outros companheiros reimprimindo (naquela época era mimeógrafo) a edição do jornal que deveria ser distribuída na abertura do evento. Eram 6 ou 7 horas da manhã quando escutei alguns tiros e vi uns senhores correndo e atirando em direção da piscina. Também saí correndo e gritando embaixo dos prédios “milicos, polícia...”, e aí todo o pessoal residente do Crusp desceu. Em umas 200 ou 300 pessoas chegamos à piscina e havia uns dois policiais civis prendendo uma pessoa que desconhecíamos quem era. Não sabíamos se era um bandido comum ou algum companheiro envolvido na guerrilha urbana. Como a bronca dos cruspianos contra qualquer policial era muito forte, levamos os policiais até um apartamento e separamos o preso. Outros companheiros verificaram que o preso era um companheiro envolvido na guerrilha e assim foi solto. Nós mantínhamos os cinco policiais armados no apartamento do Crusp cercados obviamente por todos. Mas esses policiais, que posteriormente soubemos serem membros do esquadrão da Após a entrega das armas, colocamos os policiais em um apartamento no bloco G no final do 1º andar. Aí entrava a pergunta: o que fazer com eles e com a viatura policial estacionada no Crusp? Isso tudo ocorreu durante a manhã de um sábado. No começo da noite, às 19 horas estávamos em Assembléia para discutir o que fazer, pois se tratava de uma violação da autonomia universitária que proibia a entrada de polícia no campus universitário. Fomos avisados por um estudante que trabalhava no antigo DEIC de que todo o esquadrão da morte de São Paulo estava vindo resgatar os policiais presos. Com base nessa informação solicitamos a todos da assembléia que se recolhessem aos seus apartamentos e não apresentassem nenhuma resistência. Com essa providência conseguimos nesse dia evitar um massacre, pois o esquadrão da morte com cerca de 50 membros chegavam armado com espingardas calibre 12, arrombaram todas as portas do 1º andar do bloco G e levaram seus colegas. O principal resultado foi libertar um companheiro que de outra forma não estaria vivo hoje.

7) Após este fato o que você fez?

R: Em março de 1970, com prisão preventiva decretada, fui para o Chile, onde fiquei até que o Pinochet me prendeu. Passei 15 intermináveis dias no Estádio Nacional, sem saber se sairia dali vivo. Graças a Deus, fui libertado pelo fato de trabalhar em um organismo das Nações Unidas, mas mesmo assim, fui expulso do Chile. Graças a Henrique Iglesias (atual presidente do BID e na época diretor da CEPAL) e à diretora do CELADE (Centro Latino-americano de Demografia) Carmen Miro, fui transferido para o Celade de Costa Rica. Cheguei com trabalho garantido. Fiquei em Costa Rica por sete anos, sendo que os três últimos já trabalhando na OPAS/OMS (Organização Pan-americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde). No término do projeto da OPAS em Costa Rica, fui convidado para trabalhar no Departamento de Informática em Washington, para onde me transferi no início de dezembro de 1980. No Chile, conheci o Serra e durante as campanhas políticas, a partir de 1985, tive o prazer de trabalhar com ele no Ministério da Saúde e desde 2005 na Prefeitura de São Paulo. Junto com o Serra, Fernando Henrique, Covas e outros, tive o prazer de ser membro fundador do PSDB. No Chile morei junto com um grande amigo de infância do Serra.

8) Para você, o que foi o golpe militar?

R: Esta pergunta acredito que já produziu vários livros, mas sintetizando: a presença da Revolução Cubana na América Latina a partir de 1959 motivou que os EEUU não iriam permitir que algo parecido ocorresse novamente e a efervescência no Brasil era muito forte com Jango Goulart. As forças progressistas estavam avançando e, se o Brasil tivesse um governo de esquerda como estava caminhando o governo do Jango seria o ponto de partida para toda a América Latina e isso não seria permitido pelos EEUU que, conforme já foi relatado, tiveram forte intervenção para que o golpe militar ocorresse.

9) Quando seus pais faleceram, o DOPS foi realmente a Pinhal a sua procura?

R: Sim, é verdade. No enterro do meu pai em 1971 havia alguns visitantes do DOPS esperando que eu aparecesse. Esse episódio me foi relatado pelo meu falecido irmão, José Antonio, pela minha irmã, Nanci e pelo meu primo, José Roberto Domingues. A Nanci e o José Roberto podem confirmar o fato com maiores detalhes.

10) Além de ser preso no Chile foi preso no Brasil?

R: Sim, no Congresso de Ibiúna em 1968, junto com outros mil estudantes de todo o Brasil. Após uma peneirada fiquei entre os 23 selecionados e fomos enviados para o Carandiru, onde ficamos aproximadamente dois meses. Saímos no dia 11 de dezembro de 1968, dois dias antes do AI- 5, graças ao pai de um estudante de Brasília que trouxe o habeas corpus concedido pelo STF em mãos e os transformou em alvará de soltura. O Dirceu, Travassos e Ribas que se encontravam em Santos não receberam o alvará antes do AI-5 e ficaram presos até serem soltos em um dos seqüestros de embaixadores.

11) Como foi este período de 21 anos?

R: Os anos 1967 e 1968 com a enorme efervescência no meio estudantil foram os melhores anos de minha vida. No começo de 1969, com prisão preventiva decretada, peguei uma hepatite que me obrigou a ficar seis meses de repouso. Quando já estava saindo do repouso absoluto, a maioria dos meus companheiros de luta já havia saído do país e uma parte assassinada. Decidi também sair do país. O tempo em que passei no Chile também foi dos melhores. O povo chileno recebia os exilados em geral com os braços abertos. Os primeiros anos foram difíceis, pois tínhamos que trabalhar para a sobrevivência. Após conseguir trabalho no CELADE/CEPAL e ter sido transferido para Costa Rica acredito que do pessoal exilado fui um privilegiado, pois tinha um ótimo trabalho. De Costa Rica, como já disse antes, fui convidado para trabalhar na OPAS/OMS em Washington, EEUU. O pior de todo esse período é você se sentir estrangeiro, motivo que me levou a pedir demissão de um cargo permanente na OPAS/OMS e voltar para ao Brasil em abril de 1985.

12) E a redemocratização?

R: O processo de redemocratização iniciado com Tancredo e Sarney em 1985 está caminhando com seus altos e baixos como qualquer processo. De toda forma acredito que estamos indo para a frente e não para trás. Muitas coisas poderiam ter uma maior atenção como, por exemplo: educação, pois está provado que nenhum país sai do atraso sem um forte processo de educação de sua população como um todo, a forte necessidade de termos reformas que façam de fato uma melhor distribuição de renda e acabemos com a miséria de nosso povo.

Nome completo: Fausto Ratol

Apelido: Ratol

Formação: Técnico em Contabilidade

Ocupação: aposentado

Data: 15/04/2007

1) Naturalidade?

R: Sou natural de São João da Boa Vista, nasci em março de 1939. Trabalhei em várias atividades em São João, no jornal O Município de 1956 a 1960, era diretor comercial e escrevia alguns artigos. Tive minha vida sempre pautada para o lado político, um pouco mais para esquerda. Fiz técnico em contabilidade na escola de Comércio em São João. Mudei para Pinhal, onde fiz faculdade de Direito.

2) Quais foram suas atividades em Pinhal?

R: Vim para Pinhal em 1973. Naquela época ainda era feirante, pegava mercadoria em São Paulo e em Campinas e levava para Poços de Caldas, São João, Pinhal e outras cidades da região. Minha vida era esta. Final de 1973 adquiri a loteria federal na rua Direita e me dei bem neste setor. Trabalhei até 1982, pois tive que vendê-la por conta do meu novo emprego. Ofereci aos meus familiares, mas ninguém quis tocar. Havia passado no concurso para editor fiscal e não podia ter a loteria no meu nome. Eu já era funcionário da previdência, comecei a trabalhar na época do Samdu em 1960. E em 1982 comecei na previdência. Casei-me com a professora e diretora de escola, Leonara Turatti Ratol, tivemos duas filhas. Em Pinhal também tive participação ativa na política. Participava de programas de rádio e comércios. Em época de eleição colocava alto falante no meu carro e saía pelas ruas da cidade. Sempre fiz por idealismo e não porque gostava de fazer política. Fiz parte do diretório do MDB, na ocasião da eleição do Nenê Marineli para prefeito de Pinhal. Fui presidente do MDB. Gostaria de citar vários amigos que fizeram parte do MDB na ocasião: Walter Galhano, José Cafasco, ambos falecidos, o próprio Nenê, José Domingues, Francisco Gória, Antoninho Giordano, e outras pessoas idealistas. O Nenê tomou posse em 1983 e no final de 1982 me mudei para Águas da Prata. Fiquei morando 20 anos na Prata e faz quatro anos que voltei para Pinhal.

3) Como era São João antes do golpe?

R: É sempre bom voltarmos antes do golpe para situar direitas posições. Na cidade havia duas correntes políticas bastante rivais: a UDN formada pela elite da cidade (fazendeiros e agricultores de mais posses) que sempre dominaram a cidade e a partir de 1954 surgiu o ex-prefeito Miguel Nicolau que foi um dos fundadores do PTB na cidade. Esses dois partidos eram rivais. O Miguel teve várias atuações brilhantes. Tínhamos a Companhia Sanjoanense de Eletricidade que estava transformando a cidade num caos. A energia parava toda hora do dia, tinha racionamento, tinha noites que ficávamos sem força. O Miguel foi um movimento forte para que o governo do Estado encampasse aquela Companhia. Não sei por que razões, os sanjoanenses se revoltaram contra a Companhia e chegaram a ater fogo na sede que funciona próximo a praça Armando Salles de Oliveira. Puseram fogo na papelada da Companhia e em carros. Miguel foi responsabilizado por isso sendo que não tinha nada haver. Ele apenas queria que a cidade tivesse uma energia a altura do seu desenvolvimento e do seu progresso. Na minha visão, ele fez uma excelente administração em São João. Hoje nós temos a Escola de Comércio em São João da Boa Vista "Professor Hugo Sarmento" feita pelo Miguel. Ele conseguia verba de deputados como Frota Moreira e Ivete Vargas. Era muito amigo do Juscelino. Também criou os Samdus – Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência - de toda a região – Mogi Guaçu, São João, São Jose, Mococa, Pinhal, que dava atendimento 24 horas. Também fez o Mercado Municipal, a rodoviária velha, remodelou o Cemitério, o serviço de água. Por essas e outras razões, o Miguel foi

alvo de críticas, era taxado como comunista e aproveitador. Na realidade não era nada disso. Ele queria trabalhar em prol da cidade.

4) A partir de 1961, o que aconteceu?

R: Jose Rui era prefeito e Dr. Octavio Bastos era o vice. O governo deles foi mais voltado para a elite. Eles tinham sempre um preconceito das realizações do ex-prefeito, Miguel Nicolau. O Miguel governou até 1959, quando se elegeu a Deputado Estadual. Renunciou a Prefeitura e entrou em seu lugar o vice, Dr. Anor de Aguiar. E o dr. Anor de imediato rompeu com as idéias do Miguel. Nós tínhamos na praça Joaquim José em frente ao grupo escolar uma belíssima torre da Petrobrás colocada por Miguel que demonstrava nacionalismo, direito do povo. O primeiro ato do dr. Anor foi derrubar a torre. A torre tinha mais de 10 metros de altura. Ela virou sucata. Nós entendíamos que a Petrobrás deveria ter uma predominância política nacional que encarnava os ideais do grupo do Miguel – um grupo mais voltado para o nacionalismo e os problemas sociais da cidade.

5) Como foi o dia do golpe?

R: Os rivais do Miguel já se posicionaram, inclusive civis pegaram em armas, para prenderem amigos e colaboradores do Miguel. Prenderam pessoas da sociedade em São João. O objetivo deles era prender o Miguel, mas ele estava em São Paulo. Por um motivo ou outro não o encontraram. Prenderam o irmão do Miguel, o dr. Manoel Godoy, Zé Lopes, Zé Trafani, o radialista Hélio Fonseca, eu fui preso, Janson de Oliveira Andrade, Rosário Mazzi, dr. René que é dentista, dr. Jatiro Gonçalves Vieira, Zé turco (que nunca teve nada de nacionalista, era apenas comerciante), Canatinho Saraiva. Fomos todos presos pelos elementos que apoiavam o golpe de 64. Interessante que a cadeia ficava num porão no ginásio – frente da atual rodoviária. Ficavam 20 a 30 homens enjauladas num cubículo. A justiça civil não tinha poderes para examinar os atos do poder revolucionário. Falava-se que ia mandar os presos para o navio ancorado no porto de Santos e dar fim. Ouviam os presos. O próprio delegado de polícia da época deixou-se envolver muito com a UDN e foi na onda deles. Muitas vezes pôs a polícia a serviço deles. Nós nos reuníamos onde era a farmácia do Zé Lopes. Também uma mulher foi presa.

6) E sua prisão?

R: Fiquei 30 dias preso. Fui preso porque tinha atuação política. Participava de palanques e escrevia no jornal O Município. Mesmo tendo que escrever com muito cuidado, alguns eram barrados devido a censura. Era barra pesada. O maior motivo da minha prisão ocorreu devido minha amizade com Miguel Nicolau, ter trabalhado no jornal O Município e ser um dos defensores da Petrobrás em São João.

7) O senhor era comunista?

R: Não, de forma absoluta. Eu tinha vaga idéia do que era comunismo. A gente era jovem e tinha aquele idealismo de que era bom para o Brasil. Para eles, todos que eram contra esse grupo predominante da cidade eram comunistas. Em São João, na realidade, duas pessoas declaram ser comunistas: Waldemar Rheder e Manoel Assumpção Ribeiro, que por sinal deve se fazer uma menção honrosa a ele. Foi uma pessoa idealista e honestíssima. Cheguei a trabalhar com ele, era fotografo na Saldanha Marinho. Bom chefe de família e escrevia muito bem. Manoel entendia barbaridades sobre o comunismo e o socialismo. Este sim escrevia e defendia suas idéias. Nunca teve medo de nada.

8) Houve tortura na época?

R: Não, não houve. Pelo menos no nosso grupo não houve. Na prisão eles não nos deixavam receber visitas, alimentos que as famílias levavam, mas tortura que eu possa te afirmar, não houve. Eles faziam ameaças psicológicas. De mandar para navio, para São Paulo, ao DOPS. Essas ameaças aconteciam constantemente.

9) Durante a ditadura o que o senhor fazia?

R: Neste período eu trabalhava no Samdu. Em decorrência da ditadura fui demitido sem mais nem menos. Depois entrei com um recurso, veio uma comissão de militares e fui reintegrado no serviço. Jasson de Oliveira Andrade também foi demitido. Também Vicente Bizzi Cabral, dr. Manoel Godoy. Depois nós conseguimos voltar. Concomitantemente eu dava plantões no Sandu (1960 – 1962) e trabalhava na Secretaria da Fazenda em Campinas. No final de 1962 fui transferido. Tinha o Ato Institucional nº 05 e o Ademar de Barros – governador da época – queria fazer média com o poder militar. Uma demissão para ele era uma coisa muito importante e boa. Inclusive, quando os partidos políticos foram oristidos e foi criada a Arena e o MDB eu fui um dos fundadores do partido na cidade, juntamente com o grupo do Miguel. Era um partido de oposição ao regime militar. Mas, não tinha muita força, pois os cargos políticos eram preenchidos através de nomeação. O MDB começou a participar novamente da política e hoje foi um dos responsáveis pela Anistia geral que teve e pela volta do regime democrático.

10) Houve perseguição durante os 21 anos de ditadura?

R: Sempre teve ameaças e telefonemas. Tivemos casos em São João de pessoas que jogavam carros em cima de pessoas que eram da esquerda. Mas, nunca chegou as vias de fato. Tenho a impressão que o pessoal da esquerda procurou se manter mais recuado porque com a situação não dava para se expor muito. O mais grave mesmo foi de 1969 em diante na época do Costa e Silva e do Médice – anos de chumbo e foi fechado o congresso. E os de esquerda ficaram mais espertos ainda.

11) Houve mesmo falsificações de documentos para comunistas em São João?

R: Não, não ouvi falar disso. Délio Macedo foi amigo meu e professor. Uma excelente pessoa também. Mas, realmente nunca ouvi falar disso.

12) Houve fatos curiosos?

R: Houve uma época que havia muitos incêndios em São João. Estes incêndios eram atribuídos aos pseudos comunistas da cidade. Mas, na realidade o culpado era um agente de seguros que mandava por fogo e jogava a culpa nos comunistas. Tanto é que na época da ditadura militar veio uma comissão parlamentar de inquérito em São João. Veio um coronel fazer uma auditoria para ver quem estava envolvido. Viu que o culpado não eram os comunistas, mas sim Luiz de Andrade que foi preso. Luiz era inimigo do Miguel.

Nome completo: José Carlos do Amaral Kfourri

Apelido: Juca Kfourri

Formação: Jornalista

Ocupação: Colunista aos domingos na Folha de São Paulo e tem programas na CBN e na ESPN.

Data: 26/04/2007

1) Como foi trabalhar com a censura?

R: O tempo da ditadura foi terrível sob todos os aspectos. Trabalhar com a censura era um trabalho permanente de você tentar enganar os olhos, escrever nas entrelinhas. Combater, fazer imprensa alternativa, imprensa de oposição à ditadura. Foi um período negro que tomara nunca mais a gente viva no Brasil.

2) Conte mais um pouquinho da sua experiência na ditadura, na luta pelas Diretas?

R: Eu desde muito cedo me envolvi com a vida política. Fui de grupo clandestino de esquerda. Depois que virei jornalista fui de partido político clandestino e combati a ditadura. Participei bastante da campanha das Diretas dentro dos meus limites na regimentação de gente, nos comícios e apresentação de comícios. Foi um momento muito bonito da história recente do Brasil. Raro são os países que tem pra contar de pôr um milhão de pessoas em praça pública exigindo eleições. Mas, infelizmente, o movimento em si não teve a vitória que a gente esperava porque o Congresso Nacional não aprovou a emenda das Diretas, a emenda Dante de Oliveira e a gente ainda teve o começo da redemocratização com eleições indiretas, com a eleição do Tancredo que nunca assumiu, mas com o Sarney assumindo e o Brasil recomeçando a atividade a caminho da democracia.

Nome completo: Fernando Morais

Formação: Jornalista

Ocupação: Escritor e jornalista

Data: 27/04/2007

1) Fale um pouco sobre sua carreira política, jornalística e como escritor.

R: Num dado momento da minha vida essas três atividades se misturaram. Comecei jornalista com 13 anos: era boy em uma revista. Ao mesmo tempo já me envolvi com a política. Morava em Belo Horizonte e perto da casa onde eu vivia, morava um deputado estadual, Jorge Ferraz, que depois veio a ser presidente do MDB – Movimento Democrático. Na época eu saía com os filhos dele para fazer campanha pelo interior. Depois vim para São Paulo e toquei minha carreira como jornalista. Me elegei diretor do Sindicato dos Jornalistas na época brava da ditadura após a morte do Vladimir Herzog. A imprensa foi a primeira instituição a peitar a ditadura e em virtude disso eu acabei tendo meu nome lançado pra deputado estadual. Tinha acabado de chegar em São Paulo e para minha surpresa fui o 5º mais votado. Fiquei na Assembléia por oito anos. Os primeiros quatro foram mais interessantes, pois tínhamos uma definição clara do que era preciso fazer: derrubar a ditadura militar. O segundo mandato, de 82 a 86, foi mais complicado, pois nós éramos o governo. Montouro havia vencido as eleições do Estado, nós tínhamos passado 20 anos pregando determinadas mudanças na sociedade e o simples fato de ganhar um governo de estado não era o suficiente pra realizar. Em 86 eu já estava pretendendo ir-me embora da política. Achei, pela primeira vez, que já tinha sido vacinado, mas acabei disputando a eleição para constituinte, para deputado federal. Perdi. Achei que tinha desistido da política, fui tocar minha vida e escrever meus livros. Já havia escrito A Ilha e Olga, e fui terminar o Chatô. Ainda não estava vacinado, pois, em 1988 o Quêrcia me chamou pra ser Secretário de Cultura. Larguei minha atividade profissional como autor e aceitei o desafio. Foi um período muito legal, mas acabei me desentendendo com o Quêrcia. Fizemos transformações grandes na condução da cultura voltando o recurso público e o nosso interesse para os mais pobres, com projetos de oficinas culturais e o Memorial da América Latina, por exemplo. Voltei para a política como secretário da Educação no governo do Fleury. Não terminei o governo com ele, pois na metade do mandato eu percebi que a educação não era prioridade. Se fosse para fazer o que a gente tinha prometido para a sociedade eu parava de escrever livro, tomava antidepressivo, acordava cedo e dormia tarde, pois estaria fazendo um serviço que daria resultado daqui há 10 ou 20 anos. Pedir demissão não era comum, eu era Secretário de Educação, a pasta mais importante do governo, são 4 bilhões de dólares por ano, 300 mil funcionários e 6 milhões de alunos. Todo mundo quer, eu também queria, mas não para oficial bater continência, me chamar de excelência, abrir porta de carro. O que eu queria para consertar a Educação não deu e fui embora. Achei que já estava vacinado, mas cai em tentação mais duas vezes. Fui candidato a vice-governador do Quêrcia em 1998 e perdemos a eleição. Depois em 2002 fui candidato a governador. De novo me desentendi com o partido e poucas semanas antes das eleições eu desisti. Acho que para sempre, mas continuo fazendo política. Estar aqui é uma forma de fazer política.

2) O que é preciso para fazer uma boa biografia?

R: Depende. Se tivesse uma boa receita eu estaria rico. Uma boa biografia vende. Mas acredito que seja simples: um bom personagem, ineditismo, porque ninguém compra jornal pra ler notícia que já sabe. Às vezes você consegue um ineditismo absoluto, às vezes não. O personagem tem que ser diferente das pessoas comuns, ele tem que ter, por alguma razão, traços ou uma vida que justifique a sua biografia. Eu particularmente gosto muito dos personagens cujo a história permite contar um

pouco do que não foi contado para nós pelos professores de História. Se você olhar os meus personagens, todos têm essa característica comum, o fato de estar revelando partes da história brasileira que não nos contaram. Alguns são escancarados como Chatô, outros, clandestinos como a Olga. Há ainda os que não eram personagens, eram histórias de uma comunidade, como Corações Sujos, uma comunidade de orientais que matavam japoneses em São Paulo depois da Segunda Guerra Mundial. A pesquisa tem que ser bem feita, exaustiva. Muitas vezes eu gasto mais tempo na pesquisa do que escrevendo o livro. Escrever de forma sedutora e elegância também é importante. Se a pesquisa foi boa você consegue não só contar o que uma pessoa disse, mas contar a atmosfera do lugar. Se conseguir juntar estes ingredientes todos, terá seguramente um *best seller* nas mãos.

3) Existe uma relação entre o jornalismo da reportagem e a biografia?

R: É muito parecido. Meus livros poderiam todos ser publicados em jornal ou em revista. O que escrevo é para ser lido por qualquer pessoa, e não é por acaso. Esse é um esforço que eu faço, escrever de uma maneira que seja elegante, que não seja vulgar e que qualquer pessoa possa compreender.

4) Você iniciou sua carreira no jornalismo antes da ditadura. Como foi trabalhar na imprensa nesta época?

R: Muito ruim. Os mais jovens, sobretudo, têm uma visão, uma imagem de que foi uma coisa romântica. Não teve nada de romântico, nada. Você via amigo seu morrendo e não podia denunciar, não podia publicar nos jornais. Todo jornal tinha um censor na redação, ou ele era indicado pela polícia federal ou pelo exército. Alguns veículos, em determinado momento, eram castigados pela lei da censura. O governo obrigava a entregar os originais em Brasília para o censor. Era preciso mandar por meio de malote e colocar no avião aos cuidados de algum passageiro. Não tem nada de romântico. A pior coisa que pode existir é a censura. Aliás, tem coisas piores, e que a censura impede que seja vencido, como assassinato, tortura e exploração da mão de obra. Tudo isso é mais grave do que a censura, mas sem a imprensa livre você não pode denunciar nenhuma destas barbaridades.

5) Qual o fato mais marcante de que você se recorda desta época?

R: Muita coisa. Eu convivi com a censura do primeiro ao último dia no Brasil. Na noite em que ela foi implantada, 13 de dezembro de 1968, eu estava no Jornal da Tarde e o último editorial ainda em liberdade foi escrito pelo Doutor Julinho, tinha o título de “*Instituições em Frangalhos*”. Trabalhei sob censura oito anos e posso dizer que não vale a pena. Tudo que se puder fazer para que esse fantasma não volte é preciso ser feito. Naquela época era a censura da ditadura militar e agora está começando a aparecer no Brasil a censura togada, que é autorizada pela justiça, como aconteceu com a biografia do Roberto Carlos no Rio de Janeiro. Neste caso o autor contou coisas que não agradaram o cantor, mas ele não mentiu. Roberto Carlos é uma pessoa pública, a vida dele não é propriedade dele. O primeiro ônus da vida pública, seja ela política, artística, esportiva ou o que for, é o seguinte: se está disposto a ser personalidade pública esquece a intimidade ou preserve ela a sete chaves. Ditadura e censura não tem nada de romântico, não tem nenhum lado bom. Até os discos do Fagner tem um lado bom, ditadura não tem lado bom.

6) O que você diria aos jornalistas e estudantes de Jornalismo?

R: Leiam, leiam e leiam. Leiam tudo. De preferência leiam coisas boas: Machado de Assis. Leiam, releiam, treliam e quando souber décor não precisa fazer curso de Jornalismo. Quem lê Machado de Assis sabe escrever. Leiam Gabriel Garcia Márquez, Rubem Fonseca, não ficcionistas brasileiros. Leiam jornais, revistas e se não tiverem o que ler leiam bula de remédio, mas não fiquem sem ler. A única maneira de aprender a escrever é lendo. Não existe nenhum autor de boa qualidade que não seja um leitor voraz. O conselho que eu dou é esse. Escrever bem não é difícil, não é um dom. Washington Luís dizia que governar é abrir estradas e eu digo que escrever é cortar palavras.

7) E a experiência com o livro Chatô – O Rei do Brasil?

R: Você convive com um personagem, ele te acompanha e chega uma hora que você sabe mais a respeito do personagem do que ele próprio sabia. Eu me atrasei muito para entregar a obra por causa da tentação política. Foram dois períodos em que fui ser secretário e quando estava faltando algumas semanas para eu publicar o livro eu sonhava que eu entrava num daqueles elevadores antigos, com porta de sanfona e o Chatô estava lá dentro e me olhava de cima para baixo. Ele era um baixotinho de 1,50 metros, mas no meu sonho ele me olhava de cima pra baixo e falava:

- *Cadê esse livro seu cabra da peste? (rindo)* Agora eu estou sonhando com o Paulo Coelho, eu estou escrevendo a história do Paulo Coelho e eu sonho que ele esta me cobrando.

8) O filme Olga foi baseado no seu livro. Você assistiu?

R: Pelo menos 30 vezes. No Dia Internacional da Mulher, a Dona Marisa Letícia, esposa do presidente Lula, passou o filme para suas funcionárias e convidou a mim e a Camila Morgado, atriz que fez o papel da Olga no cinema, para ver o filme e conversar com as pessoas depois. Fizemos muito isso no Brasil inteiro. Por outro lado eu nunca vi um filme apanhar tanto da imprensa como este, que teve 4,5 milhões de espectadores, foi indicado para o Oscar, ganhou seis prêmios no exterior e é sucesso em todo o país onde o filme passa. Eu gosto muito do filme, a crítica detestou, mas ainda assim eu gosto. Eles gostam de filme cabeça, para meia dúzia de pessoas, eu não. A história da Olga, até 20 anos atrás era propriedade de alguns comunistas, hoje é pública.

9) A maioria dos seus livros vira filme. O que você acha disso?

R: O filme do Chatô está pronto, vai ser a mesma coisa do Olga, vão bater. Corações Sujos está sendo filmado e também vai ser um filme popular. Marechal Montenegro, que criou o ITA – Instituto Tecnológico da Aeronáutica, maior centro de produção de conhecimento da América Latina, vai virar filme. O que é isso? Eu não quero filme para passar entre nós, eu quero filme que seja visto, e não é por dinheiro. No Olga, por exemplo, eu não ganho porcentagem, depende o contrato que

você faz. Meu interesse é político, fazer com que seu trabalho seja multiplicado de maneira que mais pessoas saibam de um pedaço a história do Brasil que falta contar.

10) E a liberdade de imprensa?

R: Em qualquer lugar do planeta, a imprensa está a serviço dos interesses e da ideologia daqueles que pagam as contas no final do mês. O resto é ilusão. Aqui tem liberdade? Não, aqui tem para quem consegue montar um jornal e contratar uma agência de propaganda. Montar um jornal hoje custa 30 milhões de dólares. Em uma sociedade capitalista se você tem dinheiro monta um jornal ou uma revista, mas tem meios cuja propriedade é social, como rádio e televisão, que para entrar no ar não adianta ter uma câmera e um microfone, tem que ter um sinal, e quem concede a autorização é o estado. Você tem liberdade em partes. No Brasil existem canais para tudo, menos para os movimentos sociais. O Movimento dos Sem Terra ou dos Sem Teto não tem um canal ou uma estação para eles, o governo não concederia autorização. De qualquer maneira a televisão como estamos acostumados a ver está com os dias contados. A partir de agora, cada um de nós vai poder ser seu próprio Roberto Marinho. Uma câmera, um sinal de internet e quem sintonizar no seu www vai poder te encontrar o dia todo na tela do computador falando qualquer coisa. Eu acreditava equivocadamente que a sociedade ia ter a possibilidade de ter veículos de comunicação só com revolução política, mas eu descobri que não, porque a revolução tecnológica chegou antes da política.

11) O jornalismo impresso está indo para o mesmo caminho?

R: Não, eu não acho que o jornalismo impresso vá para o vinagre. Eu acho que as pessoas vão se informar na internet e se formar lendo jornal. Pode ser que seja esperança e não convicção, mas o jornal terá que ter aquilo que eu gostava de fazer, a grande reportagem. A notícia rápida é da internet, mas a investigação é do impresso.

12) O que está escrevendo atualmente?

R: Estou escrevendo duas biografias: uma sobre o Antônio Carlos Magalhães e uma sobre o Paulo Coelho. Se eu tivesse 20 anos eu não faria a biografia do ACM, a visão que eu tinha dele, naquela época, era da própria ditadura, mas eu cheguei à conclusão de que o que me interessa hoje é contar uma parte da história do Brasil que ainda não foi contada e o ACM, é o brasileiro vivo que mais tempo conviveu com o poder. Foram 50 anos. Sobre o Paulo Coelho eu quero saber quem é o ser humano que vendeu mais de 100 milhões de livros no mundo todo. Eu viajei com ele pela Europa, Ásia, Oriente e vi o que as pessoas fazem para estar perto dele. É um fenômeno. Descobri que a história dele é fascinante. Ele nasceu morto, recebeu extrema unção, teve uma infância horrorosa, era feio, não arrumava namorada, foi revoltado e internado em hospício. Se envolveu com magia negra, experimentou todas as drogas possíveis, desde maconha até heroína. Formou com Raul Seixas a maior dupla de roque do Brasil. Se envolveu com subversão, foi preso duas vezes. Foi ator, jornalista, bom repórter do GLOBO, grande produtor musical e compositor, mas não queria isso. Queria ser um escritor reconhecido mundialmente. Um dia, no auge do desbunde, em 1982, acontece um fato que muda sua vida para sempre. Em um campo de concentração da Alemanha acontece um fato que muda radicalmente sua vida. O livro é dividido em duas partes: a primeira até 1982 e a segunda começa em 1982 e vai até agora.

Nome completo: Délio Macedo Júnior

Data: 26/05/2007

1) Você trabalhou com seu pai no cartório?

R: Trabalhei por oito anos.

2) Como era trabalhar com ele?

R: Meu pai era uma pessoa muita certinha. Era todo regrado. Era muito letortico. Era difícil. Eu era muito jovem na época. Mas era um homem muito justo. Muito bom. Eu aprendi muito. O que sei hoje devo muito ao meu pai.

3) Você sabia que ele tinha amizade com pessoas ligadas ao partido comunista?

R: Eu sabia que ele tinha muita amizade com o Zé Lopes e outros da turma, mas nunca participávamos. Meu pai era uma pessoa muito reservada. Educado a moda antiga. Seus amigos eram seus amigos e a família não se metia. A gente conhecia toda a turma. Sou amigo do Zé Lopes até hoje. Seu Trafani, dono da farmácia, era um cara muito bom.

4) Sabe se ele chegou a fazer parte do Partido Comunista?

R: Meu pai nunca foi político que eu saiba. Mas ele gostava das coisas justas. Se estivesse vivo estaria lutando em busca da igualdade. Ele nunca gostou que alguém fosse mais que alguém. Sempre me ensinou isso.

5) Seu tio, Cido Macedo estudou Medicina na Rússia com a ajuda do Partido Comunista?

R: Isso, já não sei. Sei que ele estudou Medicina na Rússia mesmo, mas voltou para o Brasil porque a coisa está muito feia lá. Trabalhou comigo e com meu pai no cartório muitos anos. Faleceu trabalhando no cartório no dia 24 de dezembro de 1990. Meu pai morreu em 22 de dezembro de 1981.

6) Como seu pai era?

R: Meu pai era um cara caseiro, não saía de casa. Mantinha um ciclo de amizade pequeno. O máximo que fazia era ir ao Rio de Janeiro a casa seis meses. Nunca foi ambicioso. Meu pai era uma pessoa diferente. Nunca deu valor a parte financeira. Eu achava estranho isso. Os pais dos meus amigos trocavam de carro e meu pai não. Era tranquilo. O negócio dele era ficar

sossegado. Chegava uma pessoa no cartório e que não tinha dinheiro para pagar, mas queria, meu pai não aceitava o pagamento. Mandava a gente dizer que depois acertava para não desfazer da pessoa.

7) O que aprendeu ao trabalhar com seu pai?

R: A ética. Meu pai era uma pessoa muito ética. Minha vida anda por eu seguir a honestidade dele e sua doutrina. Meu pai era sistemático demais. Aprendi muito com ele. Eu vivo assim nessa linha.

8) Chegou a frequentar a farmácia do José Lopes?

R: Não, eu era criança demais. Até ia, mas tinha cinco ou seis anos. Sei que eles conversavam muito. Eles tinham uma afinidade muito grande. Um estava sempre na casa do outro.

9) Onde era o cartório?

R: O cartório na época era em frente ao Lions, onde é hoje. Nessa época eu morava na rua Ademar de Barros.

10) Sempre morou com seu pai?

R: Minha família era muito unida. Inclusive quando casei fui morar com meu pai até comprar minha casa.

Nome completo: Nelson Mancini Nicolau

Formação: Engenheiro Químico

Ocupação: prefeito em São João da Boa Vista

Data: 05/05/2007

1) O que você fazia em 1964?

R: Em 1964 eu era estudante, estava no colegial e morava em São Paulo em decorrência da agressividade política que havia em São João. Naquela época, a grosso modo, haviam dois blocos partidários principais: um de direita, que congregava basicamente as oligarquias, principalmente a rural, e o antigo PTB, que era de centro esquerda e tinha participação de diversas nuances de esquerda. A luta era brava e a vida política era uma guerra. Não chegava a ser com grandes violências, com morte e assassinato, mas era uma guerra. O meu tio, Miguel Jorge Nicolau era a maior liderança do PTB local. Ele tinha sido prefeito na década de 50. Neste período por ter se acirrado muito nas últimas campanhas, a minha mãe resolveu mudar para São Paulo para sair desse ambiente de hostilidade. Meu pai, que era irmão do Miguel era um médico daquele típico do interior, com sentimento humanista muito profundo. Também era uma liderança do PTB. Por incrível que pareça, meu avô materno era do outro lado, era dos coronéis da outra área. Minha mãe, Iolanda Sidney, a Néia, ficava no meio desse fogo querendo não viver essa pressão. Então, ela resolveu pôr um fim e se mudou com o meu pai e os filhos para São Paulo. Para mim foi um período difícil. Eu não fui exilado para o exterior por conta de revolução, mas com 11 anos já sentia a obrigação de sair da minha cidade. Eu vinha todo final de semana e nas férias eu ficava aqui, mas a minha vida de criança e jovem eu me privei por conta da política de conviver com São João, que era o meu ninho a minha terra, os meus amigos e tudo mais. Em 64 quando ocorre o golpe de Estado, São João foi uma das poucas cidades em que se organizou uma milícia de cidadãos comuns que se arvoraram em ser os arautos dos representantes da revolução. Eles saíram prendendo pessoas e nessas alturas tanto meu tio, como o meu pai, estavam em São Paulo e sobrou para um outro tio, o Chafic que era o do meio, um funcionário da Caixa Econômica Federal. Ele ficou 40 e tantos dias preso junto com a turma que os vigilantes da democracia, se intitulavam mais ou menos assim, mas que na realidade era uma postura mais de extrema direita. Prendaram inclusive diversos amigos de infância. Diversos ficaram presos, entre eles o meu tio, Chafic. O João Viana morreu na cadeia. Nesse momento nós tínhamos as informações de São João, da prisão do meu tio e do que estava acontecendo aqui. Nós sabíamos que ia sobrar para o meu pai e para o meu tio. Imediatamente, os dois sumiram e se esconderam num lugar por mais de 60 dias. Até hoje nem minha mãe sabe onde era. Nós também não conseguimos saber que lugar era esse. Tamanha era a agressividade e a forma com que nós tínhamos pela vida deles. A minha irmã, Hebe e eu saímos para ir à escola de manhã, nós morávamos numa rua sem saída no bairro da Aclimação, era uma vilinha, uma rua que fazia um L pequeno, e na porta, na entrada dessa rua particular, tinha de cada lado um cara com uma capa, e você via que estavam com metralhadoras. Era assustador. A gente sofreu um processo de aterroramento, vivíamos aterrorizados e vendo depois, amigos, um pouco mais velhos, sumirem. Uma coisa muito pesada e muito difícil. Meu pai perdeu os empregos.

2) Seu tio pode ser chamado de comunista?

R: Não. Ele era um socialista. Talvez o meu pai fosse até mais intelectualizado do que ele, mas era um socialista. Eu diria até que era muito mais um social democrata, com compromisso com o povo, com a massa e com a justiça social. É muito ruim falar isso, mas o que eles pregavam não é nada mais do que os teólogos da libertação pregaram mais recentemente: liberdade, democracia, justiça social, distribuição de renda e políticas públicas que viessem democratizar o acesso aos bens de direito à cidadania da massa excluída. Não era diferente disso, essa coisa que eventualmente eles defendessem a implantação de um regime ditatorial comunista não é verdadeira, nunca foi. Eu sempre convive com eles e sei disso. Muito da minha formação vem deles, e se eles eram, eu sou também.

3) Ouvindo as histórias do seu tio e do seu pai, o que eles diziam da infância? De onde veio esse lado da política?

R: Eles tiveram uma infância muito dura. Meus avós vieram do Líbano. Minha avó veio com 14 anos grávida e meu avô com 17, quase pai. Vieram no porão do navio como imigrantes nas piores condições possíveis.

4) Qual era o nome deles?

R: Jorge Nicolau e Maria Namen Nicolau. Vieram sofridos e ganharam a vida trabalhando. Grande parte da vida do meu avô foi como mascate. Punha a trouxa de roupa nas costas e ia vender na roça. Contava que ia até Poços de Caldas a pé, vendia e voltava de madrugada, às vezes no dia seguinte. Foi uma luta. Vieram literalmente sem nada e com o tempo ele teve uma loja e depois foi produtor rural, comprava propriedade e vendia. A propriedade mais importante dele foi a Fazenda Boa Esperança, em Andradas. Foi lá que ele fez a vida. Meus tios e meu pai desde cedo trabalharam. Eram três filhos. O Miguel, o Chafic e o Durval, meu pai. Os outros dois trabalharam para o meu pai estudar. Meu pai também trabalhou, mas os dois, como ele tinha mais vocação para o estudo, trabalharam para o meu pai estudar. Foi uma vida difícil. E nessa vida difícil, com um pouco mais de informação, com oportunidade de ler, estudar e viver, convivendo com a miséria, com a exclusão social e com a pobreza tiveram coragem de começar a ter uma ação política mais efetiva. Meu tio era o candidato político e meu pai tinha uma postura mais intelectual e acabou se formando médico na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Voltou para São João e se casou com a minha mãe. Foram morar em Cambé, no Paraná, ficaram dois anos lá e voltaram para São João, além de médico ele era professor onde hoje é o Instituto de Educação .

5) E seu tio, se casou?

R: Casou, tem duas filhas, a Kátia e a Marita. Meu pai casou, teve quatro filhos: a Hebe, eu, o Jorge e o Sérgio. O Chafic faleceu solteiro, era um tranqüilão. Morreu pobre, pois perdeu o emprego por causa da ditadura. No caso dele, nós nunca conseguimos a anistia e a recondução no cargo.

6) O que seu tio fez para a cidade?

R: Na época foi uma administração extremamente revolucionária não só pelas obras, mas pelos métodos. Primeiro, foi efetivamente um dos momentos na história de São João que a massa teve voz política. Naquela época o INPS era subdividido, cada categoria profissional tinha o seu instituto de previdência e assistência médica. Nessa época houve a unificação dos institutos de previdência e além da união, a saúde também foi unida no SAMDU, que era um organismo do governo federal que fazia a atenção só aos previdenciários. Quem tinha carteira assinada e contribuía tinha direito a atenção médica do Samdu. Nessa época meu pai era diretor do Samdu local e foi feito um convênio entre a Prefeitura e o Samdu local. Meu tio era o prefeito e meu pai era diretor do Samdu. O Samdu passou a atender todo mundo. Na realidade isso foi talvez um embrião do modelo do SUS, da universalidade do direito a saúde. Se você era previdenciário, contribuinte da previdência você tinha atendimento médico, se você tinha dinheiro você ia no médico particular e tinha alguns médicos como o meu pai, o dr. Maringolo, o doutor Davi, dr. Romeu e tantos outros, que por sacerdócio faziam a saúde pública porque atendiam de graça. Com a universalização do Samdu local, que passou a atender todo mundo, inclusive domiciliar a Prefeitura contribuía com uma verba pra contratar mais médico e mais estrutura pra fazer esse atendimento. Acredito que essa tenha sido a maior política pública que mais simbolizou a democratização do acesso a um direito tão importante quanto a saúde, que hoje esta começando a ser dado valor. Outra coisa foram os recursos públicos serem gastos em benefício da grande massa, o fim das oligarquias e dos privilégios. Outra ação simbolicamente muito forte é a Escola de Comércio, o Terminal Urbano e o Mercado Municipal. Na realidade eram três ações, uma na educação, efetivamente você tinha um processo de democratização do acesso a educação do filho do trabalhador, o Terminal Urbano era um equipamento que prestava serviço à massa que usava o transporte coletivo, criava um espaço de comodidade pra essa massa. O mercado era um equipamento que promovia o abastecimento popular, comida mais barata e gerava emprego para o pequeno produtor rural. Geração de emprego e abastecimento de alimento. O Samdu, a escola de comércio, a rodoviária e o mercado, mais do que o equipamento em si, a obra, o prédio, simboliza uma postura, uma ideologia, uma filosofia de construção da cidadania, de inclusão social, de compromisso com a massa.

7) E a eleição do Miguel?

R: Foi uma eleição disputadíssima. Eu convivía com os dois lados: a direita e a esquerda, então eu ouvia a conversa dos dois lados e isso foi importante na minha formação, na questão de sempre tentar prevalecer o equilíbrio, o bom senso, o respeito as idéias, a divergência e o debate porque eu vivi os dois lados. Eu estava na casa do meu vô, Chico Mancini e estavam lá o José Ruy, o Otavio Bastos e a oligarquia toda discutindo contra o meu tio e o meu pai. E na casa do meu pai estavam as reuniões do outro partido. Isso ajudou a formar muito do meu jeito de ser. Com todos os defeitos que tenho, acho que isso não é virtude, mas a minha essência, o meu jeito de ser tem muito da vontade do Miguel e do meu vô, Jorge. Eram mais belicosos e enfrentavam de uma forma mais agressiva. Mas tenho também muito do meu pai e do meu avô, Chico. Sem entrar no aspecto ideológico, o meu pai era uma pessoa extremamente ponderada, boníssima, com um coração de ouro e muito equilibrado. Meu avô, Chico também, apesar de ser de direita era extremamente equilibrado e ponderado. Eu acho que fui forjado um pouco nesse ambiente, um ambiente de guerra política, de garra política do Miguel e de equilíbrio do meu outro avô e das ideologias confrontantes. Evidentemente a minha opção é de centro-esquerda.

8) Como era o clima na cidade?

R: Era bom, eu tinha muitas amizades e eu nunca misturei. Eu acho que o grande segredo é nunca ter misturado a questão política com convivência, amizade e respeito as pessoas. Eu nunca misturei. Eu acho que se a gente é democrata não pode ficar só no discurso. Democracia para mim não é um conceito escrito no papel pra você dizer quando for conveniente. Pra mim é um estado de espírito permanente. Ou você é ou você não é. Democracia é muito mais um estado de espírito do que um conceito filosófico e político. Você tem que praticar na relação familiar: filho e pai, marido e mulher, professor e aluno, amigos. São João sempre foi uma cidade muito politizada. As pessoas falavam e ainda falam sobre política nas ruas; não falavam muito sobre a ditadura porque as pessoas tinham medo, a agressão, a agressividade da direita em relação aos outros criou uma certa situação de prepotência, de prevalência de uma área. – Aqui nós mandamos. Teve um período de muita preocupação. Eu vou contar uma história que eu não sei se a minha mãe vai gostar. Um dia, a gente vivendo esse clima horroroso em São Paulo. Eu não tinha feito 18 anos ainda. Um dia minha mãe falou pra mim:

- Filho vamos comigo em São João, preciso falar com o seu vô, Chico e com o vô, Jorge e ver se gente arruma alguma coisa. Vamos comigo

Meu pai tava sumido, nós sem dinheiro pra comer, não é brincadeira. E eu vim fazer companhia pra ela. Ela veio dirigindo e a gente tava vindo de Mogi Guaçu pra cá e ela falou para eu ir guiando. Desde moleque guiando trator. Passando em frente a Catedral (naquela época não tinha aquele calçadão na frente) ela viu um dos membros da direita. Foi uma coisa meia maluca e ela gritou: Para, para, para! Eu parei o carro, ela desceu e foi de tapa pra cima do cara. Ele morava na esquina da Catedral e ela foi batendo nele até a porta de sua casa. Ela voltou pro carro e falou: Pode virar, vamos pra São Paulo.

- Mas mãe, você não ia falar com o vô?

- Não, eu vim pra isso.

Uma pessoa lúcida, equilibrada, mas a pressão era tão grande que enquanto ela não fez isso, ela não conseguia administrar essa pressão. Meu pai sumido e sem sabermos onde ele estava. Teve momentos que agente achou que ele pudesse ter sido morto já. Foi muito pesado.

9) Vocês sofreram algum tipo de violência?

R: Diretamente não. Violência física não, mas psicológica, muita. Essa situação desses elementos, que eu não sei se eram do exército ou se eram militares que ficavam na entrada da rua de casa o dia inteiro era massacrante. A gente não dormia. Eu era moleque e a gente ficava maluco. Eu dormia com um facão do lado, de medo. O que eu ia fazer um facão? E outro prejuízo. Além dessa coisa de sensação de exílio antes da revolução, por conta de como foi acirrado aqui, o candidato a prefeito do nosso lado se suicidou porque perdeu a eleição pro Zé Ruy. Um negócio traumático e pesado. E outras pessoas, do outro lado fazendo festa porque o cara se matou. É complicado. Mas na realidade eu tinha 17 anos, estava prestando vestibular e queria fazer Veterinária ou Agronomia. Acabei fazendo Engenharia Química de medo de sair de casa e deixar meu pai sozinho. Fiz Engenharia Química e não fui buscar o diploma até hoje.

10) Você ficou em São Paulo quanto tempo?

R: De 60 a 70. Acabei a faculdade e voltei imediatamente para cá, em 70, embora viesse todo final de semana. Nos três últimos anos da faculdade eu já vinha mais periodicamente porque eu tomava conta do sítio. E depois de muito tempo eu percebi que não era engenharia que eu queria e fiquei só na atividade rural, tomando conta do sítio da família. Em 68 meu pai foi candidato a prefeito. Naquela época meu tio tinha sido cassado, perdido o mandato. Em 68 meu pai foi candidato a prefeito, só tinha o MDB e a Arena, os dois únicos partidos legalizados e permitidos pela ditadura. E pra acomodar as diversas correntes políticas a legislação possibilitava que cada partido tivesse três candidatos em sublegendas e somava-se os votos da legenda. Então, meu pai foi candidato em 68 e teve mais que o dobro da votação do dr. Pirajá que foi o eleito porque na soma dos votos a Arena ganhava por seis votos. Mas teve um problema, na segunda sessão tinham sete votos a mais do que o número de eleitores, então houve alguma coisa de errado, e aí foi impugnada a urna por conta das irregularidades contidas. Não contando a sessão, nós ganhávamos a eleição, contando nós perdíamos por oito votos. Sobraram algumas cédulas em branco e os mesários puseram dentro. Essas cédulas deveriam estar em branco. Se você pega na história, o número de votos em branco era menor do que essa diferença, esses sete. Provavelmente foram colocados votos preenchidos e mais um detalhe: na eleição anterior a 68, o voto ainda era feito por cédula particular do candidato. Ele imprimia dentro de um padrão da Justiça Eleitoral a cédula dele. Ficava as banquinhas dos candidatos nas esquinas do lugar de votação. Essa foi a primeira eleição com cédula única oficial, de marcar cruz com o nome do prefeito e escrever o nome do vereador. O juiz da época determinou que qualquer cédula, diferentemente do bom censo de juizes que caracterizada a intenção se aproveitava o voto. Esse juiz da época de 68 não, ele determinou que se dentro da cédula oficial contivesse dentro a cédula de propaganda partidária era pra pregar a cédula de propaganda e bater o carimbo de nulo. A massa que tinha menos informação votou com a cédula. Esses votos eram anulados. Nós tivemos uma perda grande de votos por conta disso. A grande parte. Mas alguns mesários amassavam e invalidavam os votos que eram do MDB e validavam a Arena. Eu estava de fiscal e meu irmão Jorge viu eles jogando fora os nossos votos. Chamei o juiz, ele ameaçou me prender, numa atitude fascista e arrogante. A partir dali nos aguçamos a fiscalização. Nós não conseguimos a recontagem daqueles votos. Nós entramos com ação da Justiça Eleitoral, suspenderam o resultado da eleição, mas em dezembro veio o AI 5 e deu em nada. O vice do meu pai era o Zé Trafani.

11) Você participou de algum movimento estudantil?

R: De todos. Eu não fui ao congresso de Ibiúna porque eu tinha que vir a São João. Participei de toda movimentação. Participei dos movimentos estudantis. Me lembro de algumas correrias no Largo do São Francisco, da Polícia atrás dispensando o movimento. Tive amigos presos. Eu acho que escapei porque eu não tinha postura agressiva, tinha postura de luta, nunca defendi luta armada, sempre briguei pela democracia e não pela luta armada. Não fazia parte de grupos clandestinos como alguns amigos. Em 31 de março eu estava em São Paulo. A coisa era brava. Meus avós sofreram muito. Na eleição do Zé Ruy a Arena estava fazendo uma passeata e eu estava com a minha avó na avenida na janela. Soltaram um rojão dentro da janela e quase pegou na gente. Uma coisa louca. Não foi uma coisa de massa, eram alguns apenas. Meus avós não chegaram a ser perseguidos. Houve um certo respeito por eles, o que não houve com os filhos. O Chafic preso, o Miguel e o Durval sumidos.

12) E a política?

R: Eu comecei a tomar conta do sítio quando me formei, tinha minha vida, de jovem, moço. Em 72 meu pai foi candidato a prefeito de novo, mesmo estando há 12 anos fora de São João, contra dois da Arena. E esse distanciamento evidente você vai perdendo espaço político e a administração do Dr. Pirajá foi uma administração que apareceu. Nós perdemos por quase 500 votos. Nessa eleição eu fui candidato a vereador e fui o mais votado, com 24 anos tive 1.915 votos, que era 15% dos votos todos. Foi uma votação muito grande, comecei na militância mais direta, participando como vereador. Em 77 meu pai já

estava doente, com câncer e fui candidato a prefeito e ele a vereador. Foi eleito com o maior número de votos. Ele teve 1.725 votos e eu brincando com ele falei:

- Ganhei de você, né.

E ele falou assim:

- Veja bem, você foi na cola de quem e eu na cola de quem? Tá explicado.

Mesmo doente tinha humor pra brincar. Eu fui na cola dele e tive 1.900 e ele foi na minha e teve só 1.700. E aí foi interessante, ele como o vereador mais votado presidiu a sessão de posse e fez um discurso que foi muito especial. Em plena ditadura foi o canto do cisne. Meteu o pau dos militares, tanto que eu vim pro gabinete e imediatamente duas horas depois já tinham militares aqui, querendo informação e ameaçando. Não eram muitos militares em São João. Era o pessoal do tiro de guerra, não tinha muito. Eram alguns cidadãos que se arvoravam em ser arautos da ditadura.

13) Quem é vivo hoje?

R: Aluísio de Carvalho, pai da Cecília e o Chico Malheiros. A minha convivência e do meu pai com esse pessoal sempre foi muito saudável. Nós nunca misturamos as coisas.

14) E você como prefeito?

R: Era uma molecada, eu tinha 28 anos e era o mais velho da turma. Havia uma expectativa de revanchismo e uma certa incompreensão em relação a molecada. Mas tínhamos uma boa equipe. Fomos nos consolidando com muito trabalho. Fomos mostrando nossa postura como governante da cidade. Aprendi que não se fazem concessões, princípio por princípio não negocia. Você tem que ter coerência nas atitudes. Com muito diálogo e educação fazia meu papel de prefeito. Modernizamos a Prefeitura, caracterizamos a ideologia e a postura com ações concretas. Na época, poucas cidades pensavam no orçamento participativo e nós ouvíamos o povo.

15) E os militares?

R: Tinha pressão, mas a própria ditadura precisava nesses momentos mostrar para o mundo que o país tinha liberdade política. As coisas eram mais dirigidas. Uma vez fui chamado no comando do 2º exército por denúncia do diretor do tenente do TG local que não apoiava o TG. Essa pessoa se tornou meu amigo, se aposentou e está morando no litoral. O Paulo Egídio, que era governador nomeado em São Paulo tinha extrema consciência do seu papel e nos atendia. Fiquei amigo dele. Era um democrata, de bom senso, equilíbrio e visão política aberta. Com Maluf foi diferente, não tinha verba e pressão: ou assina a ficha da arena ou não tem verba.

16) E sobre as 40 certidões?

R: Na época, não. O DOPS estava sempre aqui, mesmo antes de 64. Antes de 64 e u e minha família vivíamos o pânico do Dops.

17) Conheceu Délio Macedo?

R: Extraordinário, para mim sempre tive ele como uma das reservas morais. Se houve o que se fala foi menor do que eu prender os amigos de infância. Fez isso no sentido de proteção. Não acho que ele tenha sido agente clandestino, nem comunista, acho que se isso aconteceu foi por proteção, para salvar vidas. Imagem extremamente respeitosa.

18) E Manoel Assumpção Ribeiro?

R: Manoel Assumpção Ribeiro, uma das pessoas mais respeitáveis da história de São João. O distrito industrial hoje tem o nome dele porque eu sugeri dentro do PMDB que o Valter Peres e o Titi, como vereadores na época, fizessem o projeto de lei denominando em homenagem a ele. Nada mais justo, ligado a ideologia de luta que ele tanto defendeu. Respeitabilíssimo pelos adversários, como meu pai era. Pela postura e pelo jeito de ser.

19) Fale sobre a cassação do Miguel?

R: Foi cassado antes da revolução, junto com o Luciano Lepera e o Mário Chamber por denúncias de ligação com o partido comunista. Por ter tido apoio, sofreu muito com isso. A política era a vida dele, pessoalmente, espiritualmente e economicamente. A pressão econômica era violenta, ele perdeu muito e teve muitas portas fechadas.

Nome completo: Oswaldo Maciel

Formação: Enfermeiro

Ocupação: Aposentado

Data: 12/05/2007

1) Família?

R: Meu nome é Oswaldo Maciel, tenho 76 anos, nasci em 1931 na cidade de São João da Boa Vista. Trabalhei como enfermeiro durante toda a minha vida. Sou filho de Benedito Maciel e Florisa Divina Maciel. Éramos em nove irmãos, mas meu pai criou mais dois que eram órfãos. Éramos em onze. Morávamos na Vila Conceição, meu pai foi um dos primeiros moradores daquele bairro. A política em São João era comandada pelos coronéis. Coronéis eram as pessoas que tinham dinheiro Meu pai foi um dos fundadores do PTB em São João. Em 1938 fui para a escola. Naquela ocasião a gente começou a ter no sangue alguma coisa em prol da luta de tudo aquilo que poderíamos fazer. Quase todos os meus irmãos foram para o lado da política. Raro foram os que não foram para esse lado. A influência veio do meu pai e dos meus antepassados. Fomos crescendo e indo com a influência da política. Em 1947 meu pai, juntamente com o Miguel Nicolau, Joaquim Rezende, Manoel Assumpção Ribeiro, Rosário Mazzi e outros, fundaram o PTB em São João. Meu pai sempre foi de esquerda, eram

dois partidos: a UDN, dos ricos e o PTB, dos pobres. O Miguel era influente em São João e na política brasileira, muito ligado ao Getúlio Vargas, a filha dele, Ivete Vargas. Naquele tempo, os políticos tinham seus valores e vantagens. O Brasil era pobre de saúde e Getúlio Vargas fundou o Samdu, e queria expandir este serviço para todo o país. Na região, a incumbência de implantar o Samdu foi do Miguel. Ele era uma pessoa popular, bem quista, simples, amigo do povo, então a gente tinha influência. Fui nomeado como enfermeiro em Espírito Santo do Pinhal em 1960. A política sempre era quente e a gente foi nomeado em Pinhal, um reduto udenista. Mas eu tinha que fazer o melhor possível.

2) Como era a luta política em São João?

R: Uma cidade muito politizada. Tínhamos a semana política com a participação de pessoas influentes como Fernando Henrique Cardoso, Jânio Quadros, Serra, Suplicy e outros. A “Semana” era realizada na casa Rosário, na galeria da igreja e foi criada pelos políticos de São João. Nós gostávamos de política e convidávamos pessoas influentes. Era um evento do PTB. A UDN não participava, eles achavam que a gente era comunista e terrorista. Nessa ocasião tinha um senhor chamado Luis Banho de Andrade, que era agente da Companhia Paulista de Seguros, e o que acontecia? A malandragem já existia, esse homem ia ao estabelecimento comercial, colocava o dobro do valor no seguro e depois colocava fogo no estabelecimento. São João, nos jornais da capital era tido como São João do Bota Fogo, de tanto incêndios que tínhamos aqui, mas era por causa do Luis Banho de Andrade. Em 1964, em Pinhal, a gente era tido como forasteiro. Fiz boas amizades em Pinhal e fui mostrando com amizade que o PTB era um bom partido. Eu trabalhava 24 horas e folgava 72 horas. Mas nessas 72 horas eu trabalhava de graça, cuidava de doente, de tuberculoso. Assim fui consolidando amizades. Os políticos de Pinhal viam que as coisas não eram como eles pensavam. Em 1964, quando veio o golpe, eu que não era de Pinhal, fui perseguido por elementos influenciados por Aluísio Pereira de Carvalho e Luis Banho de Andrade, e outras pessoas da UDN.

3) Como foi o golpe em São João?

R: Uma correria medonha. Prenderam um irmão meu, o Orlando Maciel, que nunca gostou de política. Foi preso como se fosse eu. Foi preso aqui em São João. Fizeram terror aqui. A UDN foi em Pinhal nos prender, saíram de São João para nos prender lá. Quem prendia eram os políticos e não a polícia. Fui preso junto com o João Bovolone, o Etevaldo Ribeiro, o José Manuel da Costa e o Osvaldo Quessa. Éramos tachados como comunistas, mas não éramos comunistas, éramos do PTB. Quando eu fui preso, minha mulher estava grávida, perdeu o filho porque levou um choque. Acabamos ficando presos 63 dias. Muita gente morreu. O João Viana morreu na esquina da Ademar de Barros com a Praça da Matriz, ali foi onde pegaram ele, apertaram muito e teve um choque muito grande que acabou morrendo. Tinha um grupo de pessoas que foram presas em São João e um outro grupo que tinha que ser preso. A cadeia não dava pra todo mundo, tinha que ir matando gente pra ter lugar para os outros. Foi dia 1º de abril que o João Viana morreu. Começaram a prender todo mundo. Foi um horror. Tanto é verdade que, quando eles chegavam pra prender uma pessoa começava o estardalhaço. Usavam revólveres e impunham medo, acharam que iam ser donos de tudo e ameaçavam. Minha mulher foi ameaçada. Jogavam bomba na minha casa em Pinhal. Foi terrível, impressionante. Fiquei preso num porão onde o banheiro era um buraco no chão, sem água, sem nada. Passamos onze dias sem comer, bebíamos água da latrina, um horror. Eu tive uma parada no rim porque não tomava água. Desmaiei e fui pro hospital. A polícia na porta com metralhadora, como se a gente fosse bandido. Hoje eu tenho um rim necrosado por causa do tempo em que fiquei sem tomar água. Onde eu tava preso era um quadrado pequeno e pra dormir era muito frio. Nesse meio de tempo morreu gente na cadeia em Pinhal. A tortura em Pinhal era o frio que eles faziam a gente passar, todos de cueca, fora as humilhações. Falavam que iam nos levar para o navio Raul Soares, ancorado em Santos. Lá eles matavam as pessoas e jogavam no mar. A história não é bem contada, mas isso aconteceu muito aqui no Brasil. Queriam que a gente confessasse que o Miguel era comunista, que a gente tinha ido pro México, que tínhamos feito depredações em São Paulo. Na realidade nunca fizemos nada disso. O nosso mal era estar no meio da classe humilde, esse era o nosso objetivo, não era destruir nada. Quando fomos ouvidos no IPM em Pinhal e em São João, o nosso advogado pediu que viéssemos no cartório de São João e levantasse tudo o que foi denunciado contra nós. Disseram que nós íamos passar por um IPM em São Paulo, que era muito duro e que precisava levar provas porque se não acabaríamos presos em São Paulo, no DOPS. A gente foi com dois advogados e três médicos que foram testemunhas. E nós fomos à Rua Vergueiro na hora marcado, mas quando viemos no cartório tirar esses documentos alguns dos processos de atentado à força e luz, quando colocaram fogo tava o nome de várias pessoas, e levamos essa documentação toda. Nosso advogado entregou os documentos e nós ficamos para sermos ouvidos numa sala, para sermos interrogados uma a uma. O militar, chamado Tenente Hélio rasgou esses documentos e jogou na cara do nosso advogado. Já eram quase 17h30 quando o advogado falou que era para irmos embora porque eles estavam fazendo terrorismo em cima de nós. O tempo passou, eu era funcionário público federal e fiquei afastado durante 17 anos. Depois com os militares, o General Figueiredo assinou a anistia, nós fomos beneficiados e deram o direito de voltarmos a trabalhar. Deram o direito de escolhermos onde iríamos trabalhar e eu quis voltar para São João. Aqui terminei meus dias de trabalho com todos os meus direitos. Eu era um funcionário que me dedicava. Entrei com a documentação para receber os 17 anos em que fiquei afastado. Até hoje ainda não recebi, mas sei que muita gente já recebeu. Nunca tive medo de lutar pelo que eu acreditava. Fui candidato a vereador e no palanque eu falava a verdade e falava o que eu sentia. Não fui eleito, fiquei suplente do Renato dos Santos. Éramos perseguidos porque éramos amigos do Miguel Nicolau. O Coronel Tito de Oliva Maia me chamou numa sala, quando eu estava preso, e queria que eu assinasse um papel atestando que o Miguel era comunista, que o Miguel era terrorista, etc. Nunca aceitei isso, o Miguel era um político humano, honesto, que comprava comida e distribuía dentro da sede do PTB. Os opositores tinham raiva do Miguel porque grande parte do dinheiro que ele ganhou na política foi usado em prol dos mais pobres. Esse coronel disse que seu atestasse que o Miguel era tudo isso eu poderia ir embora. Fazia mais de 40 dias que tava preso. Eu olhei bem na cara e disse:

- Eu to preso e não vou declarar isso porque ele não merece.

Mandaram me algemar e me levaram de novo. Fiquei mais 20 dias preso. Eu sofri, penei, mas não fui contra o Miguel. Quando eu fui solto eu trouxe meu depoimento para o pai do Miguel, o sr. Jorge ver que eu não fui contra o Miguel. E se eu fosse, ia ser um carrasco. Na política a gente participou, lutou. A minha consciência sempre foi limpa, nunca estivemos do lado do mal. Foi uma época muito triste. Foi uma injustiça.

Nome completo: Jasson de Oliveira Andrade

Formação: Jornalista

Ocupação: aposentado

Data: 15/05/2007 por e-mail

1) Como eram tratados os comunistas em São João da Boa Vista?

R: Não satisfeito com as prisões, Luiz Banho de Andrade, em carta aos militares, pediu um IPM (Inquérito Policial Militar), alegando que “os comunistas” haviam incendiado prédios em São João. No decorrer do Inquérito, que teve como encarregado o Major Álvaro Sydow Cardoso de Almeida, ficou provado que nenhum dos acusados eram responsáveis pelos incêndios. Se havia alguém interessado neles, seria ele, Luiz Banho de Andrade, agente de Seguros, o qual, no final foi indiciado. O feitiço virou contra o feiticheiro! Para provar a nossa inocência conseguimos do Encarregado uma Declaração, que tinha o seguinte teor: **ÁLVARO SYDOW CARDOSO DE ALMEIDA**, Major Encarregado do Inquérito Policial Militar instaurado em São João da Boa Vista, Estado de São Paulo, declara, a bem da verdade e quem interessar possa, que depois de várias diligências efetuadas com o objetivo de apurar responsabilidades em atos de caráter subversivo e atentatórios à Ordem Política e Social do Estado, nada foi apurado contra a pessoa do Sr. Jasson de Oliveira Andrade. São João da Boa Vista, 3 de outubro de 1964”. Esse documento foi a nossa salvação. Quando o Major, a pedido de seus superiores, mudou sua conclusão e indiciou os 36 investigados, a **DECLARAÇÃO** pesou no arquivamento do IPM, como revelou o Promotor do Inquérito, Dr. Nicolau D’Ambrósio. A peça é longa, mas vale a pena conhecer algumas passagens. O Promotor, após ter lido três volumes e parte do quarto, chegou à conclusão: “E é através do que nos inteiramos do motivo do IPM e do interesse na condenação dos indiciados: motivos e interesses políticos. Satisfação de ódios pessoais sopitados pela impossibilidade de desencadeá-los antes. Boletins e panfletos que nada tem de subversivos e, na maioria dos casos, nem da autoria dos acusados são. (...) Chegamos a conclusão que dois poderosos partidos se empenhavam na conquista do governo do progressista município de São João da Boa Vista. E a luta se desenvolvia sem tréguas, tudo valendo; e ai dos vencidos... A Revolução de 31 de março de 1964 pôs ponto final a essa luta. E, então, começou o drama. A prática do velho slogan: quem não está comigo está contra mim e é comunista ou subversivo. (...) Fica bem claro o que é a política no interior; política de arraial, onde uns poucos coronéis engratados e endinheirados impunham o bastão do mando e ai dos que se opusessem às suas investidas. (...) Um IPM se inicia. Com carta de Luiz Banho de Andrade, que denuncia fatos ocorridos em S.J.B. Vista: incêndios provocados por terroristas da região e cujo esclarecimento é ansiosamente aguardado pela população. E o que resultou? Nada encontrado contra a Segurança Nacional. Fatos criminosos, sim [praticado, segundo o Promotor, por Luiz Banho de Andrade e outros que nada tinham com os indiciados]; fatos subversivos, não. (...) Não há nos autos, uma só menção a ato ou fato que pudesse, de longe que fosse, vir a tipificar crime contra a Segurança Nacional. (...) MM Juiz Auditor, somos por demais honestos para entrar nesses arranjos. Não pactuamos com os que, para satisfação de seus interesses, em virtude de rivalidades políticas ou ódios pessoais, procuram se valer da Justiça para atirar seus adversários na rua da amargura. Não servimos para isto. E se dúvidas tivéssemos sobre qual atitude tomar, aí está a última prova de que estamos certos quanto ao que pensamos existir atrás disso tudo: o pronunciamento de **LUIZ BANHO** (fls. 586), autor de todo este drama. Procurando se defender, vítima de armadilha que ele preparou e que o apanhou, indiciando-o com outros em delito de natureza subversiva [Além de indiciado, Luiz Banho esteve preso, se não estou enganado, em Águas da Prata]”. O Promotor requereu o arquivamento do IPM, em 22 de junho de 1967. que foi acatado pelo Juiz Auditor, Dr. José Tinoco Barreto. Recebemos muitas pessoas que vieram demonstrar sua alegria. Destacamos de maneira especial a carta que nos enviou, datada de 16/7/1967, o Padre Milton Santana, na época pároco do “Centro Social Paroquial Nossa Senhora de Fátima”, de Campinas. Ele era também articulista de jornais campineiros e, inclusive, de nossa cidade (O **MUNICÍPIO**, publicou vários artigos dele). A Carta foi publicada neste jornal, a 19 de julho de 1964, em manchete de primeira página. Eis o seu teor: “Prezados amigos, meus cumprimentos aos 5 Redatores deste jornal [O **MUNICÍPIO**] e pediria licença para estender aos outros companheiros apontados como subversivos e que agora foram todos reabilitados perante a opinião pública, face ao arquivamento do Processo do Inquérito Policial Militar. (...) Meus cumprimentos não se prendem ao livramento de uma pena antes ao serem estes pugilos de brasileiros julgados dignos de algo de sofrer por amor de sua pátria, em prol de seu povo, o sofrido homem brasileiro. (...) Jasson de Oliveira Andrade, Ito Amorim, Hélio Fonseca, Benedito Sérgio de Almeida Brandão, Wilson Lourenço Gomes e seus companheiros saíram da refrega agigantados e engrandecidos. Ser subversivo na filosofia caolha do liberalismo é ser preocupação, é ser cuidado, é ser tudo para o outro, para a comunidade, para o Brasil.” Esses trechos da longa carta do Padre Milton Santana me emocionaram. Tenho suas palavras como paradigma! Na entrevista que concedi à Gazeta de São João, ao ser perguntado “Depois de inocentado no IPM, qual foi sua grande emoção?”, respondi: “A emoção de ver confirmado que eu não havia cometido nenhum crime. Apenas usava, como arma, as idéias nacionalistas, até hoje por mim defendidas. Naquela época, tendo à frente o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio [casado com uma prima minha], vários políticos de nossa terra tentaram formar a “Frente Nacionalista” em nossa cidade, sendo convidado para presidi-la o então deputado federal, Dr. Teófilo de Andrade, meu parente”.

2) Havia cassações?

R: Outro fato político. Depois do golpe, ainda em abril, os vereadores da situação, principalmente os udenistas, cassaram cinco vereadores do PTB: José Rezende Lopes, Manoel Adriano de Andrade Godoy, Rosário Mazzi, Hélio Correa Fonseca e Renato dos Santos. Como eu era suplente deste partido, fui convocado para assumir o cargo de vereador. Antes de assumir, recebi o ofício nº 213/64, da Câmara Municipal, datada de 16 de maio de 1964, cujo teor é o seguinte: “Esta Câmara Municipal deliberou, na Sessão Ordinária de hoje [16/5] conceder-lhe o prazo de 48,00 – quarenta e oito – horas, a partir das 18,00 – dezoito – horas de 16-5-1.964, até às 18,00 – dezoito- horas do dia 18 de maio de 1.964, para apresentação de sua defesa relativa ao Projeto de Resolução que dispõe sobre a cassação de seu mandato de Vereador. (...) Os documentos deverão ser entregues à Presidência da Câmara, à Avenida Tereziano Vallim, 152, que fornecerá a Vossa Senhoria

documento comprovatório da entrega. Atenciosamente, Sebastião de Andrade Godoy – PRESIDENTE DA CÂMARA”. Em vista dessa situação, enviei ao Presidente da Câmara o seguinte ofício: “Senhor Presidente. Na impossibilidade de exercê-lo, solicito RENÚNCIA do meu mandato de vereador para o qual fui convocado por V.Sa. e ainda não tomei posse. São João da Boa Vista, 19 de maio de 1964. JASSON DE OLVIERA ANDRADE, Suplente de vereador pelo PTB. Recebido no dia 19 de maio de 1964, às 14,39 hs. Fábio de Carvalho Noronha – Diretor de Secretaria”. Não sei se a minha renúncia foi ou não apreciada pela Câmara. Posteriormente, os vereadores recobram seus mandatos, através de um Mandado de Segurança, impetrado pelo advogado Raimundo Pascoal Barbosa. Em trecho desse Mandado de Segurança, o advogado argumenta e conclui: “As Resoluções da Edilidade de São João da Boa Vista (...) não resistem à menor análise jurídica. São contrárias à Constituição, à Lei Orgânica dos Municípios, à Lei Federal n.º 211 e ao próprio Regimento Interno da mesma Edilidade. (...) Não se sabe, data máxima vênua, quais os motivos que levaram a Edilidade de São João da Boa Vista praticar tamanha violência, tão grande arbitrariedade! (...) Afirmou-se, da tribuna da Câmara, que a cassação dos mandatos dos impetrantes tinha por fundamento o interesse da Revolução vitoriosa. (...) O Egrégio Conselho Revolucionários, bem como o Exmo. Sr. Presidente da República, contudo, entenderam, data máxima vênua, que a revolução não tinha interesse na “degola” dos impetrantes, eis que não acolheu a representação que lhes teria sido feita pela Mesa da Edilidade de São João da Boa Vista. Somente a maioria, ou seja, os autores das violentas e ilegais Resoluções tinham interesse na liquidação política dos impetrantes. Não o conseguiram, porém. E nem o conseguirão, pois os impetrantes, jamais, cometeram qualquer ato contrário ao Brasil e aos interesses do nosso povo. Jamais praticaram qualquer ato de corrupção. São, todos, homens de bem e que merecem a admiração do povo de São João da Boa Vista. (...) Julgaram os façanhudos vereadores “cassadores” que “o mundo ia se acabar”. Foi tudo mentira: “o tal de mundo não acabou”, como aconteceu no samba de Noel Rosa, interpretado com tanta graça e arte por Carmen Miranda... (...) E, agora, as Resoluções malsinadas estão sendo submetidas ao crivo do Judiciário. Não estão conforme a Constituição e as Leis que regulam a matéria de cassação de mandatos de vereadores e, por isso mesmo, serão anuladas!” E realmente foram anuladas e os vereadores tiveram de volta seus mandatos.

3) Foi afastado do seu emprego por estar ligado aos comunistas?

R: Fui afastado preventivamente de minhas funções no SAMDU, a partir de 7/7/1964 sem remuneração, não podia ficar sem um emprego para sustentar minha família. Em São João da Boa Vista, era impossível. As empresas, com medo dos “golpistas”, temendo retaliações, não me arrumavam lugar. Arrumei colocação em Mogi Guaçu. Quem me arrumou foi o Acácio, que trabalhava na Cerâmica Chiarelli. Ele, por coincidência, era filho do Bilú, nosso carcereiro em São João. Fiz um teste e fui contratado em setembro de 1964. Um mês depois, fui demitido no SAMDU, com fundamento no artigo 7º § 1º do Ato Institucional, conforme Decreto s/nº de 06.10.64, publicado no BS/Ac-193, de 09.10.64. Era o final do Inquérito naquela Autarquia federal. De todos os envolvidos no SAMDU (Dr. Manoel de Andrade Godoy, Dr. Jatyr Gonçalves Vieira, Vicente Bisi Cabral e Fausto Ratol) o único punido com a demissão fui eu. Até hoje não sei o motivo. É um mistério! Depois que fui demitido na data citada, respondi um IPM que me absolveu em junho de 1967, quase três anos após a demissão. Tarde demais. Já havia sido demitido depois de 10 anos de serviço sem nenhum tipo de advertência ou punição. Pelo contrário, comecei como telefonista e fui promovido, chegando à chefia, quando sobreveio o Golpe de 64. Felizmente já estava empregado, com todas as dificuldades no início. Morava em uma pensão. Somente em 10 de janeiro de 1965, minha esposa e minha filha vieram juntar-se a mim. Para tanto aluguei uma casa, à Rua Rio Grande do Sul, posteriormente na Rua Santa Júlia. Em 1969, adquiri uma casa à Rua Santo Antonio, no Bairro do Lote, onde resido até hoje (2007).

4) Recebeu algo por está demissão?

R: O presidente Costa e Silva, em 1967 ou 1968, concedeu auxílio (pensão) aos punidos pelo Golpe de 64. Consegui, através do advogado Nelson Câmara, ex-funcionário do SAMDU em São Paulo, onde trabalhei em 1955, esse benefício. Aconteceu, então, um fato inédito. Fui considerado “morto contábil” e minha esposa “viúva contábil”! Logicamente esse dinheiro veio em boa hora. Sem dinheiro nenhum, de julho a setembro de 1964, agora recebia de duas fontes. Do nada a dois salários!

5) E quanto a anistia?

R: Em 1979, o presidente João Batista Figueiredo concedeu a Anistia. Foi muito criticado por essa atitude. Um udenista de São João da Boa Vista não gostou. Escreveu uma carta ao “Estado de S.Paulo”, fazendo restrições ao ato. Escrevi um artigo em defesa do presidente. Primeiro porque a Anistia foi uma medida elogiável. Na ditadura Vargas, o pai dele, Euclides Figueiredo, que participou da Revolução Paulista de 1932, contra Getúlio, também havia sido anistiado. Depois, porque eu iria ser beneficiado. Como realmente fui. Quem foi demitido, meu caso, poderia voltar ao cargo ou optar pela aposentadoria. Como naquela época estava trabalhando na Cerâmica Martini e ganhando relativamente bem, preferi aposentar, proporcionalmente ao meu tempo de serviço. A Portaria nº INAMPS/SPAP- 3.284, de 28 de setembro de 1981 (Assunto: Aposentadoria especial, a servidor estatutário) me considerou aposentado, a partir de 26/12/1979. Era mais uma etapa de minha luta desde o Golpe de 64, com a minha prisão em 2 de abril daquele ano. Em 2001, o então governador Mário Covas sancionou a lei que previa o pagamento de indenização a pessoas detidas por órgãos do Estado por atividades políticas entre 31 de março de 1964 a 15 de agosto de 1979. Em 5/7/2002, o advogado Wanderlei Fleming protocolou meu pedido de indenização, que me foi concedida, conforme o seguinte despacho: “A Comissão Especial criada pela Lei n. 10.726, de 9 de janeiro de 2001. reuniu-se na Sala dos Conselhos da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania em 30.03.2004 e decidiu emitir is seguintes pareceres: Processo n. 265.029/2002. Interessado: JASSON DE OLIVEIRA ANDRADE. Decisão: pelo deferimento do pedido e indenização fixada de acordo com a Lei 10.726”. Passados três anos do deferimento até hoje não recebi a indenização. Em 14 de setembro de 2006, a “Folha”, na reportagem de Mônica Bergamo, sob o título “Lembo manda SP indenizar presos políticos da ditadura”, noticiou que o então governador Cláudio Lembo “autorizou o Estado a pagar todas (sic) as indenizações devidas a ex-presos políticos”. Na verdade, não foram “todos”, mas apenas 174 ex-presos. Lamentavelmente não estava incluído. O ex-governador declarou: “Liquida-se assim um período histórico amargo e tortuoso de nosso país”. Ele afirma que decidiu publicar o decreto hoje, 14 de setembro [2006], para “fazer uma homenagem a meu amigo dom Paulo Evaristo Arns na data de seu aniversário”. Dom Paulo é considerado um símbolo da resistência ao regime

militar, tendo denunciado casos de tortura no Projeto Brasil: Nunca Mais, informa Bergamo. Afirma ainda a jornalista: “As indenizações são de dois valores: R\$ 22 mil para pessoas que foram presas e/ou torturadas e R\$ 39 mil para casos em que a prisão resultou em seqüelas permanentes ou morte”. Encontro-me no primeiro grupo. Espera-se agora que o governador José Serra, que foi um perseguido político em 64, tendo mesmo se exilado no Chile, pague realmente TODAS as indenizações. Se um ex-arenista (Lembo) pagou uma parte, aguarda-se que Serra faça o mesmo, agora liquidando todas as indenizações.

6) O que publicavam os jornais da época?

R: Importantíssimo o depoimento que o fazendeiro Aécio Amaral prestou à Gazeta de São João, em 30 de setembro de 1981. Ele foi o único golpista ou “revolucionário” a depor. É o outro lado. Com informações sobre o que aconteceu naquele período. Sem essas declarações, nada se saberia. Os outros preferiram o silêncio. Estranhamente. Se achavam que estavam certos, por que esconder os fatos? Perguntado se os fazendeiros foram ameaçados, Aécio respondeu: “Diretamente, não. Mas havia muitos boatos (sic). O mais insistente deles, dizia respeito ao grupo dos onze. Segundo esse rumor (sic), os adversários estavam organizados em grupo de onze pessoas e se o lado deles ganhasse a revolução, eles iriam eliminar os fazendeiros. Cada grupo de onze tinha uma relação dos fazendeiros a eliminar”. O repórter da Gazeta perguntou quem fazia parte desses grupos. Aécio afirmou: “Todos que ficaram presos na cadeira em frente à rodoviária”. Posso garantir que isso não aconteceu. Mesmo no IPM essas falsas denúncias não foram ventiladas. Como ele reconheceu “havia muitos boatos”, “segundo esse rumor”. Crédito essas levianas acusações ao medo dos fazendeiros, que os levou a acreditar em “boatos” e “rumor”. Até o José Bitar, Zé Turco, acreditava nessa balela, quando declarou que se os “comunistas” vencessem ele iria ao paredão porque era fazendeiro! Outra afirmativa do Aécio desmente outros boatos e rumores. Não era o DOPS que comandava a cidade. Ele fez esse importante esclarecimento: “O capitão Lair Pires, que era o representante do Exército na cidade [ele residia em São João, em casa própria], e naquela época ele assumiu a direção da cidade. Era a autoridade maior. Diariamente havia reunião na Prefeitura com ele, fazendeiros (sic) e empresários. Peruas cedidas por fazendeiros (sic) e empresários rondavam a cidade noite e dia”. Ele disse ainda: “A gente usava cerca de 100 litros de gasolina por noite (sic)”. A Gazeta perguntou: Chegaram a ver alguma irregularidade? Resposta: “Não. Só pessoas namorando”. O repórter insistiu: E constaram alguma anormalidade? Aécio confirmou: “Não. Só vimos foi muita gente “paquerando” (sic). Sobre a atuação dele, declarou: “Eu atuava no 2º escalão. Recebia ordens e as cumpria. Era encarregado de fiscalizar a caixa d’água. Temíamos que os perdedores tentassem envenenar a água da cidade (sic). Eu levava 10 atiradores do TG [Tiro de Guerra], com fusis, até a caixa d’água. Eles lá permaneciam em guarda por duas horas. Eu os levava de volta ao TG e trazia outra turma para o revezamento”. Essa de envenenamento da água da cidade é forte. Quem iria fazer essa sabotagem? Ninguém! Os “perdedores”, como Aécio diz, não fariam essa barbaridade. Se realmente envenenassem a água, como os “vencedores” pensavam, matariam parentes, amigos e companheiros! Acredito que, mais uma vez, o medo fez com que os “vencedores” acreditassem piamente nessas “boatos” e “rumores”. Outra revelação importantíssima. O jornalista perguntou se os grupos de ronda [vigilantes] tinham armas. A resposta revela o que realmente acontecia: “Tinham. Quando a Revolução estourou um grupo foi até a unidade do Exército em Pirassununga (sic) e trouxe armas (sic) para São João”. O que será que esse grupo contou aos oficiais de lá para que se conseguissem armas privativas do Exército para esses “vigilantes” civis? Creio que nunca se saberá! Uma declaração gravíssima de Aécio. Ele disse que comprou uma arma potente de “um tal de Rochinha, um traficante (sic) de São Paulo, que vendia material bélico para os dois lados [?]. Quando ele foi preso fiquei receoso e troquei a arma e munição por 5 vacas com David Nasser. Minha arma era espetacular. Atingia um alvo até 1.000 metros de distância (sic). Era muito usada na 2ª Guerra Mundial (sic)”. David Nasser, o jornalista?, quis saber a Gazeta. “Sim. Ele era fazendeiro em nossa região [Espírito Santo do Pinhal] e estava do nosso lado na Revolução. Era nosso contato no Rio de Janeiro. Mandava instruções pelo rádio. Ele era amigo íntimo do General Lott, respondeu ele”. [Aécio talvez tenha se equivocado. Lott foi contra o Golpe de 64, sendo mesmo perseguido pelos golpistas. Nasser era amigo de Amaury Kruehl, que posteriormente rompeu com a Ditadura Militar e se elegeu deputado federal pelo MDB do Rio]. Aécio fez revelações importantes, como essa: “Toda a classe [dos fazendeiros] era unida. E havia troca de experiências. O pessoal daqui ia à Casa Branca, Pinhal, Varge [Grande do Sul], Poços de Caldas, Marília, Bauru, etc. e o pessoal de lá vinha para cá também. Em torno da defesa de nossos interesses fomos até em Brasília”.

7) Quem foi Miguel Nicolau?

R: Miguel Jorge Nicolau foi um político que se destacou em nossa cidade, na região e também no Estado. Teve mesmo destaque nacional. Isso se deveu ao desempenho dele, como prefeito de São João da Boa Vista e como deputado estadual. Eleito pelo PTB foi acusado de comunista, numa época em que uma acusação desse teor tinha enorme repercussão, mesmo antes do golpe de 64. A candidatura dele na reeleição foi contestada, sendo mesmo pedida a sua cassação. Os documentos se baseavam em recortes de jornais, com a assinatura de Miguel Nicolau a favor da paz e outras reivindicações, consideradas, na época, como manifestação comunista. Ligado a João Goulart, Jango, conseguiu que o então vice-presidente visitasse nossa cidade, em 24 de setembro de 1959. Dois anos depois, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, a 25 de agosto de 1961, assumiu o governo do Brasil. Essa ligação, muito mais que o comunismo, motivou o ódio contra ele, culminando com o golpe de 64, quando vários de seus companheiros foram presos. Jango era vice-presidente de Juscelino Kubitschek, o JK, como ficou conhecido, eleito em 1955, tomando posse a 31 de janeiro de 1956. Foi talvez nessa época que Miguel Jorge Nicolau tornou-se amigo de JK, conseguindo dele a instalação do SAMDU em Aguai, Vargem Grande do Sul, Espírito Santo do Pinhal e Mogi Guaçu (o de São João, se não me falha a memória, foi autorizado, em 1953, pelo governo de Getúlio Vargas). Juscelino, segundo me disse o líder petebista sanjoanense, mandava atender aos pedidos dele porque se não o fizesse “esse bigodudo não sai daqui”. A amizade tornou-se tão grande que Juscelino foi padrinho de casamento de uma filha de Miguel Jorge Nicolau. O historiador José Osório de Oliveira Azevedo, no livro “Minhas memórias”, relatou: “CASAMENTO EM SÃO JOÃO – JUSCELINO KUBITSCHKEK. A 18 de maio de 1974 realizou-se em São João o casamento de Kátia e José Carlos, filhos respectivamente dos casais Miguel Jorge Nicolau – Elza Esteves Nicolau e Eleutério Romeranzi [na verdade Pomeranzi] – Jalydi Romeranzi [Pomeranzi]”.

“Já me referi nestas Memórias a Miguel Jorge Nicolau, meu paraninfo [aluno, que escolheu o historiador como paraninfo] quando de sua formatura no Instituto Comercial de São João, de que eu era professor”.

“Foi padrinho de casamento da noiva Juscelino Kubitschek, ex-presidente da República, fundador de Brasília, cuja presença na recepção centralizou as atenções”. A 22 de agosto de 1976 Juscelino morreu em desastre (acidente) automobilístico, na Via Dutra, no município de Resende. No mesmo ano da morte de José Osório, ocorrida a 18 de Fevereiro! A outra referência de José Osório de Oliveira Azevedo a Miguel Jorge Nicolau: “PROFESSOR. Em 1933, a convite de sua Diretoria, funcionei como professor no Instituto Comercial de São João, prelecionando sobre Direito Comercial. Senti-me feliz como professor, tendo conseguido franca comunicação com os alunos, que se tornaram todos meus amigos, convidando-me para paraninfo da turma, visitando-me com frequência. (...) O orador da turma foi Miguel Jorge Nicolau, mais tarde prefeito em São João e deputado estadual, tendo-se tornado prestigioso chefe político” (págs. 99, 100). O jovem Miguel era, já naquela época, grande orador, reconhecido por seus colegas, que o escolheram como orador da turma! As reminiscências de Maria Nicolau sobre o pai, Miguel Jorge Nicolau, e a mãe, Elza Esteves Nicolau, publicadas por esse jornal, me emocionaram. É mais uma fonte aos futuros historiadores, esta mais íntima, familiar. Espero que as minhas recordações, embora restritas, também contribuam com a biografia desse político sanjoanense, nascido em Santo Antonio do Jardim.

8) E Manoel Godoy?

R: No dia 1º de dezembro de 2003, morreu dr. Manoel Adriano de Andrade Godoy, aos 79 anos. Ele teve uma atuação importante em São João da Boa Vista, que não pode ser esquecida. Quando da criação do SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência), no início da década de 50, é nomeado médico. Posteriormente, entrou na política, tendo sido candidato a vice-prefeito de Elias Pinho, mas não se elegeu. Anos mais tarde, tornou-se vereador pelo PTB. Com o Golpe de 64, Manoel Godoy foi preso e teve o seu mandato de vereador cassado pela Câmara Municipal, juntamente com mais quatro petebistas: José Rezende Lopes, Hélio Correia Fonseca, Rosário Mazzi e Renato dos Santos. No entanto, esses vereadores recuperaram o mandato, graças ao Mandado de Segurança impetrado pelo advogado Raimundo Pascoal Barbosa. À respeito da cassação de Manoel Godoy, A CIDADE DE SÃO JOÃO, edição de 22/4/1964, publicou uma entrevista do vereador Aluizio Pereira de Carvalho, da UDN e líder da maioria. Respondendo a pergunta se houve pressão nas cassações, afirmou: “Se pressão houvesse, foi do próprio presidente da Câmara, o sr. Sebastião de Andrade Godoy, que não concordava com a cassação de mandato de seu irmão, dr. Manoel A. Godoy, mas somente dos outros quatro acima citados [Rosário Mazzi, José Lopes, Hélio Fonseca e Renato dos Santos]. Tanto assim que ao chegar o momento de ser apreciado o caso de seu irmão, o sr. Presidente declarou, indevidamente, encerrados os trabalhos, o que provocou repulsa do plenário”. Essa atitude, irmão defendendo irmão, é um fato histórico! Desgostoso com a perseguição política, Manoel Godoy mudou-se para Campinas. Entretanto, não foi esquecido em São João, onde recebeu uma justa homenagem do então prefeito Gastão Michelazzo, por mim relatada em 5/8/1989, no artigo “O Velho Casarão e as Justas Homenagens”. Eis um trecho: “O velho casarão, onde estudei e me formei professor [em 1953], mais parecia uma casa mal-assombrada do que um Educandário. Com a construção do novo prédio, lá no bairro Santo André, esta impressão tornou-se mais nítida devido ao abandono a que foi relegado. Mais tétrico ficou, quando seus porões foram transformados em prisão”.

“Nunca iria imaginar que aquela escola, a que tanto devo, mais tarde, em 1964, com o golpe militar, se transformaria em prisão, onde Dr. Manoel Adriano Andrade Godoy, eu e outros estivemos presos. Como nunca iria pensar que vinte e cinco anos depois iria voltar àquele local, hoje transformado num lindo Centro de Saúde (Unidade Integrada C.S.I.), para assistir à justa homenagem a um daqueles prisioneiros, o meu amigo [e parente] Dr. Manoel Adriano Andrade Godoy, que deu o nome ao Laboratório Municipal.”

“Nesses vinte e cinco anos, nunca pensei em visitar o Centro de Saúde, para conhecê-lo, porque o local trazia-me tristes e amargas lembranças, inclusive de bons e inesquecíveis amigos que já se foram. Voltei a visitá-lo no dia 28 de julho de 1989 para compartilhar com esta homenagem ao médico que sempre se dedicou com afeto à medicina, agora residente em Campinas. Não poderia faltar!”

Aí estão algumas facetas do médico e do político Manoel Godoy, merecedor de nossa admiração e respeito.

Nome completo: Maria Célia Macedo

Formação: Licenciatura

Ocupação: Professora

Data: 07/05/2007

1) Quando seu pai nasceu?

R: Em 1930 em São João da Boa Vista mesmo. E morreu com 51 anos no dia 22 de dezembro de 1981.

2) Como foi a infância de seu pai através dos relatos dele?

R: Foi uma infância tranqüila. Ele morava perto da Fiatece. Meus avós faziam parte da classe média: seu Vitorino dos Santos Macedo e Sebastiana Camargo Macedo. O meu avô era aposentado, ele tirava areia próximo ao pontilhão da Fiatece, e a minha avó era do lar. Que eu saiba, meu avô não gostava de política. Quando ele morreu meu irmão tinha um ano.

3) E a adolescência?

R: Meu pai estudou, fez Direito em Campinas e foi professor na Escola de Comércio. Casou-se com minha mãe em fevereiro de 1952. Minha mãe, Delani Sargasso Macedo, também natural de São João da Boa Vista.

4) Quando ele começou a lecionar na Escola de Comércio?

R: Acho que foi entre 60, 70. Meu pai dava aula de Direito e Legislação. Também trabalho em uma farmácia quando pequeno. Ele contava. Acho que era do seu Peixoto. Depois que ele foi para o cartório. E nesta época, o Zé Trafani e o Zé

Lopes eram amigos do meu pai. Eram de ir em casa mesmo. Com o Assumpção, ele também tinha muita amizade. Lembro que o Zé Trafani era muito amigo.

5) Eles saíam juntos?

R: Meu pai não era muito de sair. Ficava só em casa. Quando eles se encontravam nós sempre estávamos juntos.

6) Você identificou seu pai sendo de esquerda, por quê?

R: Ele gostava das coisas bem divididas. Achava que todo mundo tinha que ter igual. Ele achava um absurdo uma pessoa ter um monte de coisa e outros não terem nada. Ele não se conformava. Achava que não era realidade de um país. Um ser humano passava fome e outro jogava comida fora. E outras coisas como vaidade. Ele achava que as pessoas deveriam viver em comunidade. Também lia livros. Ele gostava de ler. Lia livros relacionados com política. Comentava essas coisas até com minha mãe. Só levava em casa sobre a sociedade. Também falava da Rússia que vivia em comunidade. Tinha uma admiração. Ele achava que tinha que ser uma coisa bem feita. Todos terem uma vida bem digna. Não achava possível uma pessoa viver na rua.

7) Por que você acha que ele escondeu de vocês o fato da falsificação dos documentos?

R: Não sei se era para preservar ou por ser mesmo bem introspectivo. Se contasse alguma coisa para ele, não falava mesmo. Não comentava nada com ninguém. Nem bobeira. Ele era bem reservado.

8) E o relacionamento dele como pai?

R: Ele procura fazer de tudo, mas ele era sério. Tinha que seguir certinho. Ele sempre falava. Você vai para a escola gostando ou não do que a pessoa esta falando, você preste atenção, depois se você tiver capacidade pra contradizer aquilo, ou então só ouça. Pois nada mais desagradável, uma pessoa falando e a outra conversando. Na escola hoje a gente vê muito isso, eu sou professora. A gente ta explicando e eles estão olhando pra trás, eles não prestam muita atenção. Eu sempre falo isso, meu Pai sempre me ensinou isso, gostando ou não do que a pessoa esta falando, você estando ali, você procura entender, depois, se tiver capacidade contesta, mas se não fica prestando atenção. Meu pai era bem certinho, ninguém dirigiu antes da época. Minha mãe queria esconder a chave e ele falava de jeito nenhum, ele tem que saber que ele não pode fazer isso e nunca mesmo pegou. Tem que saber desde pequeno que se existe uma lei, existe uma coisa tem que tem que cumprir, e foi assim. Sempre passou isso pra gente. Ele era metódico, muito metódico, tudo certinho, as coisas dele era sempre organizada. O cartório era assim. Até uma vez quando minha mãe faleceu, eu fui pegar o atestado de óbito dela no cartório, com esse que esta agora, o Ferrari. Ele falou se sou filha e tal, não sei esse negócio de espiritismo, eu não entendo muito bem e disse:

- Sabe que eu já vi seu pai aqui no cartório.

Aí eu fiquei meio assim, ai ele falou que estava uma vez com problema e pediu para que alguém o orientasse. Ele disse que conseguiu, viu meu pai e que ele o ajudava. Meu era bem correto, ele achava que ninguém fazia igual a ele. Quanto essa falsificação, deve, porque eles eram bem assim. Ele fez mais isso pensando em salvar vidas, não teve outro motivo.

9) Ele trabalhava de madrugada?

R: Trabalhava, porque quando morria alguém tocava o telefone e ele ia. Morávamos na rua Campos Salles e as pessoas batiam ali mesmo quando precisavam de alguma coisa. Quando a pessoa morria tinha que fazer na hora o atestado de óbito. Nós acordávamos com o telefone tocando ou alguém chamando ele. Mas se teve isso não sabemos. Para nós e uma surpresa. Ele ajudava muito as pessoas, até financeiramente. Parentes ele ajudava mesmo. Era bem desprendido na questão dinheiro, no entanto nós não temos muita coisa. O cartório na época tinha uma fonte de renda razoável. Quando ele morreu, minha mãe disse que viveu pouco por não agüentar viver nesse mundo. Ele não aceitava mesmo o mundo como era.

ANEXOS

Os anexos auxiliam este relatório técnico. Com eles, acredita-se poder acrescentar mais informações não contidas nas seções anteriores. Mais do que isso, as folhas anexadas em seguida complementam a idéia e fizeram parte de nossa pesquisa para que o relatório e o livro-reportagem tivessem base e estudo.

*** FILMES ASSISTIDOS**

O que é isso, companheiro?

É um relato de um fato dos muitos que aconteceram em 1964. Neste período vários estudantes abraçam a luta armada, entrando na clandestinidade, e em 1969 militantes do MR-8 elaboram um plano para seqüestrar o embaixador dos Estados Unidos, Alan Arkin para trocá-lo por prisioneiros políticos, que eram torturados nos porões da ditadura.

Olga

Olga Benário é uma militante comunista desde jovem, que é perseguida pela polícia e foge para Moscou, onde faz treinamento militar.

Olga é encarregada de acompanhar Luís Carlos Prestes ao Brasil para liderar a Intentona Comunista de 1935. Com o fracasso da revolução, ela é presa com Prestes. Grávida de 7 meses, é deportada pelo governo Vargas para a Alemanha nazista e tem sua filha Anita Leocádia na prisão. Afastada da filha, Olga é então enviada para um campo de concentração, onde morre.

Zuzu Angel

Zuzu Angel é uma estilista de sucesso que projetou a moda brasileira no mundo e travou uma luta contra tudo na busca pelo seu filho Stuart.

Seu filho Stuart ingressa no movimento estudantil, contrário à ditadura militar então virgente no país. Stuart é preso, torturado e assassinado pelos agentes do Centro de

informações de Aeronáutica, sendo dado como desaparecido político. Zuzu Angel denuncia as torturas e morte de seu filho.

Fichamentos de literaturas analisadas

O que é livro-reportagem?

Edvaldo Pereira Lima

Editora Brasiliense – São Paulo 1998

“O valor essencial do livro reportagem na sociedade moderna reside em sua capacidade de estender a função informativa e orientativa do jornalismo cotidiano. A imprensa regular deixa muitos vazios encobertos que podem ser e são vendados pela reportagem na forma do livro. Mais do que isso o livro reportagem contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade, na medida em que não fica, muitas vezes limitado aos fatos isolados do cotidiano que geram as notícias dos outros veículos jornalísticos. Para atingir o seu objetivo de ampliar a leitura da realidade contemporânea, o livro reportagem utiliza todos os recursos operativos próprios da prática jornalística, levando-os ao ponto máximo de suas possibilidades. Quando esses recursos são insuficientes, transcende os limites convencionais do jornalismo, indo beber noutras fontes o néctar indisponível para oferecer um serviço de alta qualidade. Por isso o livro reportagem apresenta características que na essência são iguais as que você está acostumado a encontrar em toda mensagem jornalística, mas, ao mesmo tempo reveste-se de aspectos muito específicos. Essa especificidade concede-lhe um jeitão, um modo todo particular de fazer jornalismo”. pág 17

“O livro reportagem permite uma viagem ao tempo, sem ter que se prender ao presente apenas”. pág 19

“[...]É esse trabalho de paciência detetivesca, encontrando ligações entre as coisas, que permite constatar o quanto do passado persiste no presente”. Pág 19-20

“[...]Enquanto o jornalismo comum é efêmero, sua mensagem sendo pouco retida pelo leitor e caindo no esquecimento, o livro reportagem tende a combater essa tendência procurando unir a permanência à profundidade[...]”. pág 29

“[...]O cerne de uma pauta é localizar, delimitar, identificar e tratar de um conflito básico ou de um conjunto de conflitos relacionados que banham o interior de qualquer tema que se aborde[...]”. pág 34

“[...]A influência da literatura sobre o jornalismo não se dá apenas no aspecto estilístico da escrita[...]”. pág 43

“[...]O novo jornalismo traz a luz dos holofotes o mesmo timbre de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, que outros meios de expressão da contracultura, estavam incorporando. Assim suas reportagens têm calor, vidas, rostos, nomes[...]”. pág 46

“[...]Assim, os repórteres saem a campo para vivenciar de peito aberto a realidade de seus personagens[...]”. pág 46

O que é isso companheiro?

Fernando Gabeira

Editora Codecri – Rio de Janeiro 1975

“[...]As ditaduras militares estavam fechando o cerco no continente[...]”. pág 10

“[...]De repente, não sei como, cinquenta pessoas se reúnem no meio da rua, tiram suas faixas e cartazes e gritam: abaixo à ditadura”. pág 10

“[...]Começamos a engolir sapos e sequer imagina-se que fomos continuar a engolir sapos durante 15 anos, nas mais variadas circunstâncias”. Pág 12

“[...]O presidente não quer derramamento de sangue. Aconselho a todos que voltem para casa, pacificamente. Não há mais nada que se possa fazer, exceto ir embora, em calma”. pág 18

“[...]Um golpe de estado, entretanto mexe com a vida de milhares de pessoas. Gente sendo presa, gente fugindo, gente perdendo o emprego, gente aparecendo para ajudar, novas amizades, ressentimentos[...]”. pág 22

“[...]A ofensiva da direita prosseguia em todos os campos[...]”. pág 22

“[...]Havia grandes talentos naquele governo, havia excelentes intenções no sentido de melhorar a condição de vida das pessoas, de aplicar uma política externa aberta para as transformações que o mundo vivia naquele instante[...]”. pág 23

“[...]Ensaaiavam-se alguns passos do sinistro bale que iríamos dançar a partir do fim da década: suicídios forjados, gente pendurada de cabeça pra baixo, testículos esmagados a ponta pé[...]”. pág 43

“[...]O Movimento Estudantil estava se reorganizando muito rapidamente, um pouco também estimulado pela repressão[...]”. pág 45

“[...]As forças de esquerda tomavam uma posição cada vez mais clara e iam aglutinando toda a insatisfação que existia na universidade”. pág 45

“[...]A idéia geral era a de que apenas alguns grupos bem armados e bem treinados seriam suficientes para colocar o poder em xeque[...]”. pág 45

“[...]As forças de esquerda tomaram uma posição cada vez mais clara e iam aglutinando toda a insatisfação que existia na universidade[...]”. pág 45

“[...]Se tivéssemos o poder de voltar atrás e recolher todos os discursos da época talvez pudéssemos perceber ali que estavam sendo falados duas línguas distintas. Uma, a dos partidos que sabiam o que fazer, que tinham sua tática e sua estratégia, e analisavam o episódio dentro da sua lógica mais geral. A outra das pessoas que iam passando, que não dispunham de nenhum problema global para salvar nenhum País, mas, que se sentiam sufocadas por mil problemas cotidianos, pelo medo, pela pobreza. Uma gente cheia de vida, capaz de subir nas escadas da Assembléia e dizer que assim não dava mais, que o preço dos aluguéis estava muito alto, que o custo de vida tinha que parar de subir. Duas línguas se falando, nenhuma entendendo a outra, exceto num ponto: estavam todos contra o governo[...]”. pág 59

“[...]Com o AI-5 fomos jogados mais ainda na clandestinidade. Saíamos nos fins de semana para uma praia deserta, como quem fosse fazer um piquenique. Dentro de nossas cestas, os revólveres e as balas, dentro das garrafas, a gasolina[...]”. pág 87

“[...]As vezes precisávamos de uma série de documentos que, mesmo com um bom despachante, tomariam para serem aprontados e , com a ajuda dos nosso falsificadores, produzíamos os mesmos documentos em apenas algumas horas[...]”. pág 109

“[...]A grande diferença, entre as duas organizações era a de que o MR-8 propunha o socialismo, a ALN uma revolução de libertação nacional[...]”.pág 114

“[...]Pedíamos duas coisas ao governo, para soltar com vida aquela pessoa enrolada num saco no fundo da Kombi. – As duas exigências – dizia o texto – são:

a-) libertação de 15 prisioneiros políticos que sofrem torturas nas celas de prisões em todo país, que são golpeados, maltratados e suportam as humilhações que lhes impõem os militares. Ano pedimos o impossível, não pedimos a volta à vida de inúmeros combatentes assassinados nas prisões. Os que não forem libertados agora, e claro, serão reivindicados um dia.

b-) a publicação e leitura desta mensagem completa nos principais jornais e estações de rádio e televisão do país.”. pág 114

“[...]Antes do exílio, eu me perguntava muito o que é que eu seria no futuro. O exílio atualizou brutalmente esta pergunta, de forma que agora, todos só dias, em interrogio sobre quem sou[...]”. pág 128

“A idéia que se tinha era a de fazer a revolução, sacrificando os impulsos pessoais, sempre que fossem obstáculos à causa, um risco para a segurança de todos[...]”. pág 133

“[...;]O que adiantaria sobreviver, quando tantos, melhores do que nós, desapareciam?”. pág 167

“[...]Uma coisa ficava bem clara: os presos tinham passado por dolorosos processos de tortura e humilhação, mas, estavam organizados e unidos para tudo o que viesse. Era um coletivo impressionante. Podiam até chegar ao poder, mas eram as pessoas que eu mais admirava ali naquele momento de 1970.”. pág 168

Convite à Filosofia

Marilena Chauí

Editora Ática – São Paulo 1999

“[...]Usamos a palavra política para significar uma atividade específica – o governo -, realizada por um certo tipo profissional – o político -,ora para significar uma ação coletiva – o movimento estudantil nas ruas – de reivindicação de alguma coisa, feita por membros da sociedade e dirigida aos governos ou ao Estado[...]”. pág 367

“[...]O crescimento das atribuições conferidas aos governos, sob a forma do Estado, levou a uma ampliação do campo das atividades políticas que passaram a abranger questões administrativas e organizacionais, decisões econômicas e serviços sociais[...]”. pág 368

“[...]Só podemos opor-nos a tais fatos e lutar contra eles através da própria política, pois mesmo quando se faz uma guerra civil ou se realiza uma revolução, os motivos e objetivos são a política, isto é, mudanças na forma e no conteúdo do poder. Mesmo as utopias de emancipação do gênero humano contra todas as modalidades de servidão, escravidão, autoritarismo, violência e injustiça concebem o término de poderes legítimos, mas não o término da própria política”. pág 371

“As pessoas quem desgostosas e decepcionadas, não querem ouvir falar em política, recusam-se a participar de atividades sociais que possam ter finalidade ou cunho político, afastam-se de tudo quanto lembre atividades políticas, mesmo tais pessoas, com seu isolamento e sua recusa, estão fazendo política, pois estão deixando que as coisas fiquem como estão e, portanto que a política existente continue tal qual é. A apatia social é, pois, uma forma passiva de fazer política”. pág 371

“Diante do poder despótico, gregos e romanos inventaram o poder político porque:

Separavam a autoridade pessoal privada do chefe de família – senhorio patriarcal e patrimonial e o poder impessoal público, pertencente à coletividade[...]

Separavam autoridade militar e poder civil, subordinado a primeira ao segundo[...]

Criaram a idéia e a prática da lei como expressão de uma vontade coletiva e pública definidora dos direitos e deveres para todos os cidadãos, impedindo que fosse confundida com a vontade pessoal de um governante[...]”. pág 375-376

“Em outras palavras, retiraram dos indivíduos o direito de fazer justiça com as próprias mãos e de vingar por si mesmos uma ofensa ou um crime. O monopólio da força, da vingança e da violência passou para o Estado, sob a lei e o direito”. Pág 376

“Para responder às diferentes formas assumidas pelas lutas de classes, a política é inventada de tal maneira que, a cada solução encontrada, um novo conflito ou uma nova luta podem surgir, exigindo novas soluções. Em lugar de reprimir os conflitos pelo uso da força e da violência das armas, a política aparece como trabalho legítimo dos conflitos, de tal modo que o fracasso nesse trabalho é a causa do uso da força e da violência”. pág 376

“O que procuramos apontar não foi a criação de uma sociedade sem classes, justa e feliz, mas a invenção da política como solução e resposta que uma sociedade oferece para suas diferenças, seus conflitos e suas contradições, sem escondê-los sob a sacralização do poder e sem fechar-se à temporalidade e às mudanças”. pág 377

“Quando lemos os filósofos gregos e romanos, observamos que tratam a política como um valor e não como um simples fato, considerando a existência política como finalidade superior da vida humana, como a vida boa, entendida como racional, feliz e justa, própria dos homens livres”. pág 379

“Entre as explicações sobre a origem da vida política, três foram as principais e as mais duradouras”. pág 379

“Com variantes, o mito das Idades do Homem ou da Idade de Ouro será usado na Grécia por Platão e, em Roma, por Cícero, para simbolizar a origem da política através das leis e da figura do legislador. Leis e legislador garantem a origem racional da vida política, a obra da razão sendo a ordem, a harmonia e a concórdia entre os humanos sob a forma da Cidade. A razão funda a política”. pág 380

“As inspiradas pela obra do poeta grego Hesíodo, o trabalho e os dias. Agora, a origem da vida política vincula-se à doação de fogo aos homens, feita pelo semideus Prometeu”. pág 380

“Pouco a pouco, porém, descobrem que sua vida possui problemas e exige soluções que somente eles podem enfrentar e encontrar. Mantendo a piedade pelos deuses, entretanto, criam leis e instituições propriamente humanas, dando origem à comunidade política propriamente dita. É a teoria política defendida pelos sofistas. Nessa concepção, o desenvolvimento das técnicas e dos costumes leva a convenções entre os humanos para a vida em comunidade sob leis. A convenção funda a política”. pág 380

“[...]A política é o remédio que a razão encontra para a perda da felicidade da comunidade originária[...]”. pág 380

“[...]A política resulta do desenvolvimento das técnicas e dos costumes, sendo uma convenção humana[...]”. pág 380

“[...]A política define a própria essência do homem, e a Cidade é considerada uma instituição natural[...]”. pág 380

“Para os gregos, a finalidade da vida política era a justiça na comunidade”. pág 380

“A idéia de justiça se refere, portanto, a uma ordem divina e natural, que regula, julga e pune as ações das coisas e dos seres humanos. A justiça é a lei e a ordem do mundo[...]”. pág 381

“A justiça será permitir a mudança das leis sem que isso destrua a comunidade política, e a única maneira de realizar mudanças sem destruição da ordem política é o debate para chegar ao consenso, isto é, a expressão pública da vontade da maioria, obtida pelo voto”, pág 381

“A finalidade da política era a justiça entendida como concórdia, conseguida na discussão pública de opiniões e interesses contrários. O debate dos opostos, a exposição persuasiva dos argumentos antagônicos deviam levar a vitória do interesse mais bem argumentado, aprovado pelo voto da maioria”. pág 380

“Um homem, diz Platão, é injusto quando a alma concupiscente (os apetites e prazeres) é mais forte do que as outras duas, dominando-as. Também é injusto quando a alma irascível (a agressividade) é mais poderosa do que a racional, dominando-a[...]”. pág 381-382

“[...]O homem justo é o homem virtuoso; a virtude, domínio racional sobre o desejo e a cólera. A justiça ética é a hierarquia das almas, a superior dominando as inferiores”. pág 382

“A Cidade justa é governada pelos filósofos, administradas pelos cientistas, protegida pelos guerreiros e mantida pelos produtores. Cada classe cumprirá sua função para o bem da pólis, racionalmente dirigida pelos filósofos. Em contrapartida, a Cidade injusta é aquela onde o governo está nas mãos dos proprietários – que não pensam no bem comum da polis e lutarão por interesses econômicos particulares -, ou na dos militares – que mergulharão a Cidade em guerras para satisfazer seus desejos particulares de honra e glória[...]”. pág 382

“A justiça distributiva consiste em dar a cada um o que é devido e sua função é dar desigualmente aos desiguais para torná-los iguais[...]”. pág 382

“A função ou finalidade da justiça, distributiva sendo a de igualar os desiguais, dando-lhes desigualdade os bens, implica afirmar que numa cidade onde a diferença entre ricos e pobres é muito grande vigora a injustiça, pois não dá a todos o que lhes é devido como seres humanos[...]”. pág 382

“[...]Na cidade injusta, as leis, em lugar de permitirem aos pobres o acesso às riquezas (por meio de limitações impostas à extensão da propriedade, de fixação de boa remuneração do trabalho dos trabalhadores pobres, de impostos e tributos que recaiam sobre os ricos apenas, etc), vedam-lhes tal direito. Ora, somente os que não são forçados às labutas ininterruptas para a sobrevivência são capazes de uma vida plenamente humana e feliz. A Cidade injusta, portanto, impede que uma parte dos cidadãos tenha assegurado o direito à vida boa”. pág 382-383

“A injustiça política consiste em respeitar o modo pelo qual a comunidade definiu a participação no poder. Essa definição depende daquilo que a Cidade mais valoriza, os regimes políticos variando em função do valor mais respeitando pelos cidadãos”. pág 383

“Devemos a Platão e a Aristóteles duas idéias políticas, elaboradas a partir da experiência política antiga: a primeira delas é a distinção entre regimes políticos e não-políticos; a segunda, a da transformação de um regime político e outro”. pág 383

“Um regime só é político se for instituído por um corpo de leis publicamente reconhecidas e sob as quais todos vivem, governantes e súditos, governantes e cidadãos. Em suma, é político o regime no qual os governantes estão submetidos às leis. Quando a lei coincide com a vontade pessoal e arbitrária do governante, não há política, mas despotismo e tirania. Quando não há lei de espécie alguma, não há política, mas anarquia”. pág 383-384

“Os regimes políticos se transformam em decorrência de mudanças econômicas – aumento do número de ricos e diminuição do número de pobres, diminuição do número de ricos e aumento do número de pobres – e de resultados de guerras – conquistas de novos territórios e populações, submissão e vencedores que conquistam a Cidade”. pág 384

“Presença ou ausência de lei, variação econômica e militar determinam, segundo Platão e Aristóteles, a corrupção ou decadência dos regimes políticos [...]”. pág 384

“Se a política tem como finalidade a vida justa, isto é, a vida propriamente digna de seus livres, então é inseparável da ética”. pág 384

“Inspiran-do-se no governante – filósofo de Platão, os pensadores romanos, como Cícero e Sêneca, produzirão o ideal do príncipe perfeito ou do Bom Governo”. pág 386

“[...]A justiça dependerá das qualidades morais do governante. O príncipe deve ser o modelo das virtudes para a comunidade, pois ela o imitará”. pág 384

“A política liberal foi o resultado de acontecimentos econômicos e sociais que impuseram mudanças na concepção do poder do Estado, considerando instituído pelo consentimento dos indivíduos através do contrato social”. pág 404

“O uso da palavra revolução para designar tais mudanças é curioso. De fato, essa palavra provém do vocabulário da astronomia, significando o movimento circular completo que um astro realiza ao seu ponto de partida. Uma revolução só efetua quando o movimento total de um astro faz coincidirem seu ponto de partida e seu ponto de chegada. Revolução designa movimento circular cíclico, isto é, repetição contínua de um mesmo percurso”. pág 404

“De fato, as teorias liberais separam o Estado e a sociedade civil. O primeiro aparece como instância impessoal de dominação (impõe obediência), de estabelecimento e apelação das leis, como garantidor da ordem através do uso legal da violência para punir todo o crime definido pelas leis, e como árbitro dos conflitos sociais. A sociedade civil, por seu turno, aparece como um conjunto de relações sociais diversificadas entre classes e grupos sociais, cujos interesses e direitos podem coincidir ou opor-se. Nela existem as relações econômicas de produção, distribuição, acumulação de riquezas e consumo de produtos que circulam através do mercado”. pág 405

“O centro da sociedade civil é a propriedade privada, que diferencia indivíduos, grupos e classes sociais, e o centro do Estado é a garantia dessa propriedade, sem contudo mesclar política e sociedade. O coração do liberalismo é a diferença e a distância entre Estado e sociedade”. pág 405

“[...]As revoluções pretendem derrubar o poder existente ou o Estado porque o percebem como responsável ou cúmplice das desigualdades e injustiças existentes na sociedade[...]”. pág 405

“Uma revolução pode começar como luta social que desemboca na luta política contra o poder ou pode começar como luta política que desemboca na luta por uma outra sociedade”. pág 405

“Uma revolução, seja ela burguesa ou popular, possui um significado político da mais alta importância, porque desvenda a estrutura e a organização da sociedade e do Estado”. pág 405-406

“As teorias socialistas modernas são herdeiras da tradição literária, isto é, das lutas sociais e políticas populares por liberdade e justiça contra a opressão dos poderosos”, pág 407

“Comunismo ou socialismo científico. Crítico não só do Estado liberal, mas também do socialismo utópico e do anarquismo. Encontra-se desenvolvido nas obras de Marx e Engels”. pág 409

“[...]O poder político sempre foi a maneira legal e jurídica pela qual a classe economicamente dominante de uma sociedade mantém seu domínio”. pág 409

“O Estado é a expressão política da luta econômico-social das classes, amortecida pelo aparato da ordem (jurídica) e da força pública (policial e militar). Não é, mas aparece como um poder público distante e separado da sociedade civil. Não por acaso, o liberalismo define o Estado como garantidor do direito de propriedade, e, não por acaso, reduz a cidadania aos direitos dos proprietários privados (vimos que a ampliação da cidadania foi fruto de lutas populares contra as idéias e práticas liberais).” pág 411

“A economia, portanto, jamais deixou de ser política. Simplesmente, no capitalismo, o vínculo interno e necessário entre economia e política tornou evidente”. pág 411

“A ideologia é um fenômeno histórico-social decorrente do modo de produção econômico”. pág 417

“Segundo Marx, o capitalismo efetivamente produziu o trabalhador “livre”: está despojado de todos os meios e instrumentos de produção, de todas as posses e propriedades, restando-lhe apenas a “liberdade” de vender sua força de trabalho”. pág 420

“A teoria marxista da revolução não se confunde, portanto, com as teorias utópicas e libertárias, porque não se baseia na miséria, na infelicidade e na injustiça a que estão submetidos os trabalhadores, mas se fundamenta na análise científica da sociedade capitalista (nas “leis” do capital, ou da economia política) e nela encontra os modos pelos quais os trabalhadores realizam sua própria emancipação”. pág 421-422

“Num célebre panfleto político, o Manifesto comunista, que conclamava os proletários do mundo todo a se unir e a se organizar para a longa luta contra o capital, Marx e Engels consideravam que a fase final do combate proletário seria a revolução que esta, antes de chegar à sociedade comunista, teria que demolir o aparato estatal (jurídico, burocrático, policial e militar) burguês”. pág 422

“Essa demolição foi designada por eles com a expressão “ditadura do proletariado”, tomando a palavra ditadura do vocabulário político dos romanos”. pág 422

Estado de exceção

Giorgio Agamben

Boitempo Editorial

“[...]Segundo opinião generalizada, realmente o estado de exceção constitui um ponto de desequilíbrio entre direito público e fato público”. pág 11

“[...]O estado de exceção apresenta-se como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal[...]”. pág 12

“[...]O estado de exceção apresenta-se nessa perspectiva, como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo”. pág 13

“[...]Embora de um lado (no estado de sítio), o paradigma seja a extensão em âmbito civil dos poderes que são da infra estrutura da autoridade militar em tempo de guerra, e de outro, uma suspensão da constituição (ou das normas constitucionais que protegem as liberdades individuais) os dois modelos acabam com o tempo, convergindo para um único fenômeno jurídico que chamamos estado de exceção”. pág 17

“[...]Embora um uso provisório e controlado dos plenos poderes seja teoricamente compatível com as constituições democráticas[...]”. pág 19

“[...]Nenhum sacrifício pela nossa democracia é demasiado grande, menos ainda o sacrifício temporário da própria democracia”. pág 22

“[...]Uma democracia protegida não é uma democracia e que o paradigma da ditadura constitucional funciona, sobretudo como uma fase de transição que leva fatalmente a insaturação de um regime totalitário”. Pág 29

“[...]A constituição tem por objetivo assegurar a independência da pátria contra o estrangeiro e manter a ordem e a tranqüilidade em seu interior”. pág 30

“[...]No estado de exceção o “estado” continua a existir enquanto o direito desaparece[...]”. pág 48

História do Brasil

Luiz Carlos Amad Costa e Leonel Itaussu Mello
Editora Scipione – São Paulo 1999

“Após a derrubada do governo João Goulart, a republica militar instalada suprimiria paulatinamente as liberdades democráticas e imporiam um modelo econômico concentrador de rendas e aberto ao capital internacional. A republica militar durante seus 21 anos de existência modernizaria a economia brasileira as custas do sacrifício dos setores populares e da ampliação da dependência em relação ao capital internacional”. pág 351

“Em poucos anos a federação brasileira foi transformada em mera ficção. A participação dos estados e dos municípios na receita tributaria nacional caiu significativamente no período. Cerceando a autonomia financeira dos estados e municípios, o governo federal conseguia controla-los politicamente. Além disso eliminaram-se as eleições diretas para presidente, nos estados extinguiram-se as eleições diretas para governador, passando os chefes estaduais do executivo a serem indicados pelo governador federal e referendados indiretamente pelas assembléias legislativas estaduais. Quanto aos municípios, mais de uma centena deles passaram a ser considerados de segurança nacional, tendo seus prefeitos nomeados ou pelo governo federal ou pelos governadores estaduais”. pág 356-357

“Em represália a censura, jornais deixavam espaços em branco e publicavam versos e receitas culinárias, de modo a denunciar ao leitor a presença do veto arbitrário. Os artistas ligados ao teatro, cinema ou musica procuravam meios de burlar os censores utilizando-se principalmente de metáforas. Ao arrocho salarial contrapunham-se as greves, substituídas nos anos de maior repressão pelas operações-tartaruga, ou seja, diminuição do ritmo de trabalho. Contra a deterioração da qualidade de vida surgiam movimentos reivindicatórios nos bairros, em sua maioria apoiados pela Igreja Católica. Entidades classistas, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o MDB e outros órgãos organizavam-se na luta pelos direitos humanos. Assim, de uma maneira ou de outra, a oposição, mesmo nos anos mais repressivos, nunca foi completamente silenciada”. pág 359

Nosso Século - Memória Fotográfica do Brasil no século 20 **Abril Cultural 1980 – São Paulo**

“[...]De fato todos estavam contra Jânio: os políticos tradicionais do PSD (ameaçados com investigações de corrupção), o aparato da burocracia governamental (acusada de ineficiente nos famosos bilhetinhos), os industriais e comerciantes (preocupados com a política econômica), os trabalhistas e esquerdistas (descontentes com os pedidos de sacrificio social), os políticos da UDN, (sem o controle desejado sob Jânio), e os militares (apreensivos com a política externa)”. pág 17

“[...]Numa última tentativa de reassumir as rédeas do processo político, no dia 04 de outubro de 1963, Jango enviou ao Congresso um pedido de decretação de estado de sitio por 30 dias[...]”. pág 38

“[...]O sentimento predominante em todos os momentos da vida dessa geração era o da solidariedade na construção de uma nova ordem social, na qual o personagem principal seria o trabalhador, o operário e o camponês[...]”. pág 40

“[...]Para alcançar esse objetivo era preciso combater o imperialismo norte americano, considerado o arquiinimigo comum do povo e dos empresários nacionais – o que implicava uma política de aliança com a burguesia nacional[...]”. pág 40

“[...]O jovem da Une não se vê como jovem. Ele é nacionalista, brizolista, socialista, comunista – ou qualquer outro ‘ista’. E levante as mesmas bandeiras da velha geração”. pág 42

“[...]No início dos anos 60, a grande maioria da intelectualidade brasileira estava empenhada em engajar-se, ou seja, em realizar um trabalho de participação ativa na mudança da sociedade”. pág 45

“[...]No Brasil, paralelamente à euforia engajada no período de João Goulart, surgia um pensamento mais independente, mais dinâmico, criativo e fundamentalmente voltado para a modernidade, ainda dentro do espírito desenvolvimentista de JK. Isso se manifestava no jornalismo, na publicidade, na música popular, na arquitetura e nas artes plásticas[...]”. pág 52

“[...]Mas não havia nenhuma bandeira, nenhuma palavra de ordem, nenhum movimento explicito – tratava-se, sobretudo de um ‘clima’, um jeito de ver e viver as coisas de maneira razoavelmente eclética”. pág 52

“[...]A concentração organizada pelos principais sindicatos do país destinava-se a reivindicar o início da reforma agrária, o direito de voto dos analfabetos, soldados, marinheiros e cabos, e de modo geral a elegibilidade de todos os eleitores[...]”. pág 62

“[...]Os sindicatos pediam reformas administrativa, bancaria, urbana e universitária, assim como a anistia a civis e militares indiciados por crimes políticos”. Pág 62

“[...]’Mataram um estudante. Podia ser seu filho’, gritam os jovens[...]”. pág 143

“O primeiro seqüestro mundial de um embaixador norte-americano poderia ter virado uma grande piada. Na tarde de 4 de setembro de 1969, depois de mais de 20 dias de metucioso planejamento, militantes da Ação Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de outubro – MR-8 destacados para capturar no Rio de Janeiro o diplomata Charles Burke Elbrick quase aprisionaram, por engano, o embaixador português no Brasil, que passava inocentemente pelo local. Mas não houve engano e o seqüestro do embaixador dos Estados Unidos (de que participou o jornalista Fernando Gabeira, do MR-8) permitiu que duas organizações clandestinas de esquerda conseguissem a libertação de 15 presos políticos, a divulgação do ‘Manifesto contra a ditadura’, por todos os veículos de comunicação do país e atenção internacional para sua luta contra o governo.

Elbrick ficou preso por três dias numa casa do bairro do Rio Comprido. O esconderijo foi descoberto pela policia no 2º dia, mas, o governo deu ordens para que ele não fosse invadido, a fim de não por em risco a vida do diplomata. A guerra entre a

esquerda radical e o governo foi intensa em 1969. Em janeiro o capitão Carlos Lamarca aderiu ao terror. Em novembro, Carlos Marighella, dirigente nacional da ALN foi morto pela polícia.

Não faltaram também atentados de direita como o que matou em maio, no Recife, o Padre Antônio Henrique Pereira Neto, assessor de Dom Helder Câmara”. pág 163

“[...]Hoje consente quem cala. Basta as prisões (...) Porque não mais aceitamos as mordidas é que hoje exigimos a imediata libertação de nossos companheiros presos (...) É por isso que conclamamos todos, neste momento, a aderirem a esta manifestação pública sob as mesmas e únicas bandeiras: fim às torturas, prisões e perseguições políticas; libertação imediata dos companheiros presos, banidos e exilados políticos ; pela liberdade democrática. Aplausos.

Uma multidão de quase 10.000 pessoas acabara de fazer a leitura conjunta da ‘Carta Aberta à população’, comandada por um estudante, numa praça pública, em frente à Faculdade de Direito, em pleno centro da cidade de São Paulo”. pág 236

Multidão: Guerra e democracia na era do Império

Michael Hardt e Antonio Negri

Editora Record – Rio de Janeiro 2005

“[...]Nos dias de hoje, a possibilidade da democracia e é obscurecida e ameaçada pelo Estado de conflito que aparentemente se instalou de maneira permanente e todo o mundo[...].” pág 09

“[...]A guerra sempre foi incompatível com a democracia”. pág 09

“[...]A democracia vem se tornando uma exigência cada vez mais disseminada em escala global, às vezes explícita, mas, não raro implícita nas inúmeras queixas e resistências manifestadas contra a atual ordem global[...].” pág 15

“[...]Este livro foi escrito à sombra das nuvens da guerra, essencialmente entre 11 de setembro de 2001 e a guerra de 2003 no Iraque. Precisamos investigar como a guerra mudou nossa época em matéria de política e soberania, e precisamos articular as contradições que permeiam nosso atual regime de guerra. Esperamos, contudo, que já esteja claro que a democracia, mesmo quando parece distante, é necessária em nosso mundo, que constitui a única resposta às inquietantes questões de nossa época e que é a única maneira de sair de nossa eterna situação de conflito e guerra”. pág 17

“[...]Semelhante exceção é a base da tirania impossibilitando a concretização da liberdade, da igualdade e da democracia.”. pág 28

“[...]Tanto as ditaduras quanto as democracias liberais utilizam a tortura, aquelas por vocação, estas por suposta necessidade. pág 42

“Todas as grandes lutas revolucionárias modernas contra poderes coloniais, nas Américas do Norte e do Sul, na Ásia e na África, envolveram a transformação de bandos armados, partisans guerrilheiros e rebeldes num exército popular”. pág 105

“Friedrich Engels, por exemplo, analisando as insurreições de 1848 na Alemanha, referia-se à necessária passagem da insurreição armada de proletários para a formação de um exército de comunistas”. pág 105

“O impulso na direção da organização militar centralizada, assim, surgiu como parte do empenho de ligar diferentes classes sociais e diferentes níveis de desenvolvimento econômico num projeto político comum”. pág 106

“[...]Assim é que a relação entre rebelião e revolução, entre insurreição e guerra civil, bandos armados e um exército popular revolucionário articula-se juntamente com as idéias de tomada do poder e construção de uma nova sociedade”. pág 106

“O confuso movimento liderado por Garibaldi na Itália do século XIX, por exemplo, que efetivamente continha elementos profundos de revolução social, fracassou todas as vezes que tentou se organizar num exército popular”. pág 108

“A vinculação ao solo e outros tipos de divisões e contradições internas sempre constituíram obstáculos para as rebeliões e os projetos revolucionários da era moderna”. pág 108

“O exército popular unificado, contudo, embora se revelasse nesse período a forma mais eficaz para resistir à dominação e derrubar as estruturas de poder, nem sempre levava a resultados políticos desejáveis”. Pág 108

“O exército popular devia tomar ele mesmo o poder (como quase sempre acontecia) ou delegá-lo a um governo civil da nova nação, o que, no mundo pós-colonial, muitas vezes teve de ser feito sem contar com qualquer precedente histórico. A formação centralizada de um exército popular fica parecendo uma estratégia vitoriosa até o momento em que a vitória é alcançada, quando então se torna evidente a fraqueza de sua estrutura unificada e hierarquizada. A democracia nem de longe pode ser considerada garantida pelo exército popular”. pág 109

“[...]Em suas diferentes manifestações, as guerras de guerrilha e as guerras de libertação funcionam como motores estruturais da modernização, reformulando as relações de propriedade e produção, determinando as formas fundamentais de industrialização autônoma, redistribuindo populações e educando a população nacional”. pág 109

“As modernas guerras de classe e de libertação trouxeram consigo uma extraordinária produção de subjetividade”. pág 110

“Na década de 1960, verificou-se em todo o mundo um renascimento das organizações guerrilheiras. Esse renascimento coincidiu com uma crescente rejeição do modelo centralizado de exército popular. Essa rejeição baseava-se em grande parte no desejo de maior liberdade e democracia”. pág 110

“A revolução cubana foi uma das inspirações essenciais para a ressurgência das organizações guerrilheiras na década de 1960. Considerava-se que a novidade do modelo cubano estava na afirmação da primazia da experiência militar guerrilheira e na recusa de submeter as forças guerrilheiras ao controle de um partido político”. pág 110-111

“Mas a natureza democrática e independente da estratégia de focos da guerrilha cubana é extremamente fugidia. Em primeiro lugar, a liberdade de qualquer controle dos partidos tradicionais é meramente substituída pelo controle de uma autoridade militar. Tanto Fidel Castro quanto Che Guevara insistiam em que as forças guerrilheiras deviam em última instância estar sob o comando de uma autoridade única, de um único homem, que posteriormente, alcançada a vitória, atuará como líder político”. pág 111-112

“A debilidade da democracia proposta pelos movimentos guerrilheiros muitas vezes fica mais aparente quando eles são vitoriosos e tomam o poder – embora sejam em quase todos os casos muito mais democráticos que os regimes substituem.

Como no modelo cubano não existe uma estrutura política preexistente separada da força guerrilheira, o governo posterior à libertação deve formar-se com base na própria estrutura militar”. pág 112

“Em muitos casos, a desigualdade e a autonomia democráticas das várias unidades guerrilheiras vêm-se reduzidas, à medida em que a estrutura militar comparativamente horizontal é transformada numa estrutura de comando vertical dentro do Estado. Nesse processo, vários grupos sociais subordinados que haviam desempenhado papéis decisivos no processo revolucionário são sistematicamente excluídos da posição do poder”. pág 112

“Um indicador da natureza democrática das organizações militares de guerrilha é a participação das mulheres. Não era incomum que as mulheres constituíssem mais de 30% dos combatentes das organizações guerrilheiras latino-americanas no fim do século XX, por exemplo, com igual percentagem no que diz respeito às posições de liderança. Era um percentual de participação e liderança femininas muito maior que em outros setores dessas mesmas sociedades, como as organizações políticas ou sindicais, e muito maior que em regimes militares em outras partes do mundo”. pág 112

“Além do modelo cubano, outra fonte essencial de inspiração para o ressurgimento das organizações guerrilheiras na década de 1960 foi a Revolução Cultural Chinesa”. pág 113

“[...]Na Revolução Cultural, o próprio mao havia convocado as massas chinesas a atacar o aparato de Estado do partido e reivindicar o poder para si mesmas. Deste modo, a imagem da China seria como alternativa ao modelo soviético e aos diferentes partidos comunistas que seguiam a linha soviética, mas também representava a idéia de um engajamento pleno e livre das massas, sem controle centralizado. Assim, a imagem externa da Revolução Cultural era de antiautoritarismo e radical democracia”. pág 113

“Tanto o modelo da guerrilha cubana quando o modelo macista são essencialmente ambivalentes no que diz respeito à liberdade e a democracia. Por um lado, atendem em certa medida ao desejo de formas de organização mais democráticas e de autonomia do controle militar e político centralizado. Por outro lado, contudo, a natureza plural e democrática dos movimentos guerrilheiros tende a ser reduzida a unidade e centralizada, tanto no funcionamento da própria organização militar quanto, de forma mais dramática, nas formas políticas resultantes. O controle central e a hierarquia estão constantemente ressurgindo. Assim é que esses modelos de movimentos guerrilheiros podem na melhor das hipóteses ser considerados formas transitórias que revelam acima de tudo o permanente desejo não satisfeito de formas mais democráticas e independentes de organização revolucionárias”. pág 114

ENTREVISTA O diálogo possível

Cremilda de Araújo Medina

Editora Ática – São Paulo 2000

“. Subgêneros da compreensão – aprofundamento:

1) *Entrevista conceitual*. O entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e de espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece, a fonte a ser entrevistada detém. O repórter no sentido mais amplo de sua função de intermediador na sociedade não é um especialista. É especializado, sim, na técnica de reportagem, na qual a entrevista ocupa espaço privilegiado. Vai procurar especialistas de várias correntes de informação e interpretação. No caso, está acima de tudo interessado em *conceitos*, não em comportamentos. Isto, se entrevista um filósofo, um sociólogo, um cientista, um economista”. Pág 16-17

“5) *Perfil humanizado*. Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, história de vida”. pág 18